



CONSULTA

médical

SILVIE BASSET



SILVIE BASSET

CONSULTA

médical

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Ficha Técnica](#)

[Aviso aos Leitores](#)

[Todos os direitos reservados](#)

[Sinopse](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Degustação](#)



SILVIE BASSET - Copyright

© 2022 – 1ª Edição

Capa e Edição: Cahenna Sales

Revisão: Narjara Pedroso



AVISO AOS LEITORES

A história contém consumo de álcool, drogas, nudez, cenas de sexo e linguagem imprópria para menores de 18 anos.

As informações aqui constantes são absolutamente fictícias, fruto da imaginação da autora, qualquer semelhança com o mundo real é mera coincidência.

Consulta Médica possui cena de trisal e assuntos delicados como inseguranças pós-término de relacionamentos, bem como traição.

Se este tipo de leitura lhe incomoda, melhor parar por aqui.

A autora também enfatiza que não é a favor de nenhuma forma de violência, uso de drogas ou qualquer ato ilícito.

Espero que desfrutem da leitura.



Obra protegida pela Lei n. 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida ou gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da autora.

'CONSULTA MÉDICA' é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.



SINOPSE

Valentina estava se adaptando a uma rotina que basicamente envolvia: *reaprender a viver sozinha*.

Tudo aconteceu de uma vez.

Lidar com a repercussão da traição do marido, um divórcio turbulento e um trabalho completamente alheio a sua formação consumia toda sua energia. Cansada, frustrada e mãe solo de gêmeos pré-adolescentes, desabafou para um desconhecido qualquer na fila do supermercado.

Um desconhecido muito peculiar...

O homem ouviu tudo com muita atenção, foi gentil e lhe entregou um cartão bastante misterioso, apenas com dois números de telefone, recomendando uma Consulta Médica num Consultório Especial.

“Envie uma mensagem para o segundo número. Prometo que vai mudar sua vida”.

Então... que tal marcar uma consulta?

A graphic consisting of a heart outline on the left, with a line extending from its bottom and curving into a pulse-like shape (ECG line) that underlines the first few letters of the word 'PRÓLOGO'.

PRÓLOGO

— Desculpa, eu acho que não entendi direito — digo para a voz feminina do outro lado da linha.

— Isso acontece algumas vezes — ela bufa aborrecida e começa a explicar tudo novamente: — Sra. Valentina, a senhora recebeu o ‘cartão *premium*’, o que poucas mulheres têm o privilégio. Então, pense com carinho antes de dizer ‘não’.

Essa mulher é maluca.

Viro o cartãozinho preto com letras douradas em minha mão. Que absurdo é esse, minha gente? Isso não existe, existe?

— Dr. D’Ávila e Dr. Guerra são extremamente discretos com suas pacientes, senhora. O que acontece aqui é em absoluto sigiloso. E garanto que após passar por eles, sua vida nunca mais será a mesma. — A mulher louca insiste.

Olho para a mesinha de cabeceira onde uma imagem de Santa me encara em todo seu esplendor, com certeza repreendendo-me pelos pensamentos libidinosos que estou tendo.

Não que eu seja religiosa, mas após o divórcio, minha mãe me deu a imagem e, aqui ao lado de minha cama, ela se tornou uma confidente e intermediária de alguns pedidos que não tenho coragem de solicitar diretamente ao seu chefe.

Minha boca começa a salivar ao lembrar-me do homem lindo que entregou este cartão e o formigamento que senti só no roçar de seus dedos em minha pele.

O cara só tocou a minha mão e eu fiquei assim: Hã!/? Completamente chocada e boquiaberta com a eletricidade que senti.

Santa, melhor você não ver isso.

Viro o rosto da imagem para a parede, enquanto continuo ao telefone, sentada em minha cama.

Claro que minha vida iria mudar.

Talvez até o tamanho da minha periquita mude se eu concordar.

— Co-como você pode garantir uma coisa dessas? Já passou por eles por acaso?

— Ah... minha senhora, não passei — responde, como se entendesse onde minha conversa estava indo. Que bom que ela sabia, porque eu estou totalmente perdida. — Da fruta que eles gostam eu também chupo, e muito bem, aliás. Mas não, senhora Valentina. Sou apenas a secretária.

Santa, eu ando pedindo uma graça para a senhora. Não duas desse jeito!

Esfrego minhas têmporas com o dedão e indicador da mão livre. Isso não está acontecendo...

Só pode ser uma pegadinha.

— Olhe só, minha querida, posso chamá-la assim? — Agora a voz feminina toma um tom mais persuasivo.

Pronto. Ela vai fazer um tutorial de como foder dois homens transformaria minha vida em um mar de rosas?

Rá! Boa sorte.

— *Uh-hum.* — Só sai isso, porque ainda estou absorvendo o impacto.

— Eu realmente não sei ao certo o que acontece no consultório. Apenas recepciono as pacientes e posso garantir que tudo o que acontece ali é só aquilo que você quiser que aconteça...

— Mas como você pode dizer que minha vida irá mudar? Minha vida já virou de cabeça *pra* baixo! — reclamo, e me dou conta de que nem sequer conheço essa mulher para esbravejar as frustrações do que aconteceu comigo.

Não, minha linda, o melhor mesmo é você despejar sua história toda para o cara bonitão da fila do mercado que te deu este cartão.

— Querida, você não é a primeira e não será a última mulher que terá sua vida na merda enquanto o mundo continuar sendo mundo. Mas... toda mulher que passou por aqui transformou-se como a lagarta saindo do casulo em uma bela borboleta — Ela para de falar por um momento. — Desculpa, eu precisava anotar isso. Cara, tô muito poética essa semana! Está vendo! Eu sou a prova viva que uma boa foda muda tudo.

— Nã-não sei. Se isso que você disse é o que acontece nessa tal consulta, eu realmente não sei se posso. — Minha voz é tão duvidosa como tudo ao meu redor. Eu nunca tenho certeza se estou fazendo o certo.

Eu também não tinha certeza sobre Ricardo, mas papai disse que ele era o homem para mim. Talvez, para a junção de seus escritórios fosse.

Agora, para mim...

Olha só como a certeza dos outros é uma merda na vida alheia.

— Vamos fazer da seguinte forma: vou deixar sua consulta agendada para a quinta-feira da próxima semana. Assim, a senhora terá tempo para pensar. O horário é às 14h30, tudo bem? Nós podemos lhe dar um atestado médico para o trabalho. Isso não é problema. — Percebo o sorriso em sua afirmação. — Você pode vir e desfrutar de uma tarde maravilhosa onde a escolha será apenas sua, ou você pode simplesmente não aparecer.

— Eu sei que não vou aparecer — retruco.

— Tudo bem. Mas, vou aguardá-la mesmo assim. A localização da clínica será indicada em seu celular por mensagem uma hora antes. — A ‘secretária’ faz um barulhinho com a garganta. — Não se atrase.

— Mas eu...

E não consigo falar mais nada, pois ela desligou o telefone.

Aff! Por que só aparece embuste em minha vida?

O que você esperava, Valentina? Que um homem lindo, charmoso e ainda por cima médico iria se apaixonar por você após ouvir todo sua lamúria de mulher largada do marido com dois filhos?

— Besta! Idiota! Imbecil! — xingo e bato em minha testa com a palma da mão.

Nãaaoo...

Ele simplesmente me deu um *cartão premium* para me foder com um coleguinha.

Afff...!

Se o coleguinha for tão gostoso quanto ele...

Nunca conheci outro pinto na vida a não ser do Ricardo. Já pensou dar de cara com dois de uma vez?

Rio da minha desgraça.

Volto à posição sentada e vejo a imagem da santa de costas. Desviro-a e encaro-a com uma pontada de rancor.

— A *graça* era uma boa *pensão* para meus filhos, Santa. Pensão! E não Pintão! — aponto o dedo para a imagem como se ela pudesse sentir minha indignação.

— MAAÃEEEE! ÔH MANHÊEEEE! — Dinho berra, e pelo barulho de panelas, com certeza está na cozinha. Se aquele moleque inventou de fazer brigadeiro de novo, eu surto!

A última vez que ele decidiu ser *chef*, eu ganhei não uma, mas duas panelas totalmente carbonizadas.

Salto num rompante e corro em direção aos berros, antes que meu querido filho de doze anos coloque fogo na casa.



CAPÍTULO 1

1 MÊS ANTES

A névoa úmida e quente toma conta do banheiro em suaves ondas com o cheiro adocicado do meu shampoo de camomila. Acordei mais cedo que o normal e resolvi aproveitar para lavar meus cabelos.

Sempre fui uma pessoa matinal, levantando-me primeiro que todos e de bom humor. Então, incluir na rotina da manhã minha preparação para o trabalho, não era nada difícil.

Passo a mão para enxergar minha imagem no espelho em frente a pia. Minhas bochechas estão coradas pelo calor e os fios loiros ainda pingam no ombro. Sorrio para o reflexo e repito o exercício de autoconfiança que vi num vídeo do *YouTube*:

— Eu me amo. Eu sou linda. Eu sou capaz.

Digo as três frases umas vinte vezes na tentativa do meu cérebro aceitar essas afirmações. *Acho que tem ajudado, pois nem sequer me olhava no espelho antes.*

Agora até fico na pontinha dos pés examinando minha bunda por alguns segundos...

Ontem, Ingrid e Pierre tentando me animar, afirmavam de tempos em tempos que eu tenho *uma bunda bonita*.

Meus melhores amigos não podiam ser pessoas normais e falar dos meus olhos verdes ou da hidratação que fiz no cabelo?

Oh, não mesmo...

Minha bunda era a minha melhor qualidade a ser exaltada.

Eh... eu tenho uma bela bunda.

Não é perfeita, eu sei... *mas e daí?*

Empurro o quadril para trás reparando em minha amiga *celulite* que grita “*PRESENTE, tô aqui!*”, junto de sua coleguinha *estria* bem ao lado, dando um ‘tchauzinho’ para mim.

Barriga chapada?

Putz... hahaha

Balanço a cabeça em negação e vou para o quarto, diretamente para o meu closet, terminar de me vestir.

O horário de entrada no escritório era às oito em ponto, porém eu chegava mais cedo na empresa todos os dias por ter que levar Alice e Ricardinho na escola às sete. E esta era a novidade que tive que me acostumar. Não existia mais um marido que os levaria por ser caminho para o trabalho.

Agora eu tinha um *ex-marido*.

Ex-marido...

Será que um dia iria me acostumar?

Desde que me conheço por gente, sou casada com Ricardo Valverde.

Bom... Eu não tive escolha quanto à separação. Ele nem sequer pediu para voltar depois que descobri seu caso com a estagiária. Nosso término era definitivo.

Confesso que durante um tempo, esperei que ele voltasse. Pedia todos os dias para isso.

Mas agora... Depois que tive que implorar para ele não deixar de pagar a escola dos gêmeos, e tendo meu cartão recusado na loja

de chuteiras para o Dinho e na de Skates para Alice, algo se quebrou dentro de mim.

Foi o início do meu ranço por meu ex.

Ele sabia que nosso garoto precisava de chuteiras novas, já que sua vida era o futebol. Dinho mandava bem, e seu corpo vinha crescendo absurdamente depois que completou 11 anos. Era praticamente uma chuteira a cada 4 meses.

Alice não precisava de muito. Mesmo sendo uma menina e com a mesma idade do irmão, ainda era criança. Só exigia as peças para a manutenção do seu skate.

Pego a camisa de seda azul-marinho e a saia preta estilo secretária e volto para o quarto com as peças de roupa e me sento na cama para colocar a meia-calça.

No mesmo instante, ouço o barulho do despertador de Alice. Seu quarto é o mais próximo ao meu. Verifico as horas e percebo que minha querida filha dormiu além da conta.

Espero que esteja no modo *The Flash* hoje.

Lembro o quanto Ricardo reclamava quando Alice não acordava com o primeiro despertador, sempre perdendo hora por conta da função soneca.

Meus olhos ficam estáticos em um ponto da parede com a recordação que ainda dói um pouco.

Não é a minha dor que me preocupa, mas das crianças. Eles mantiveram-se ao meu lado demonstrando uma maturidade que jamais exigiria de pré-adolescentes.

Ricardo deixou a mim, não aos nossos filhos.

Ele continuaria sendo pai deles. Pelo menos era isso que constava nas certidões de nascimentos que enviei para meu advogado propor a ação de pensão alimentícia.

Merda.

Ainda bem que meu pai passou a me ajudar até arrumar esse emprego de secretária.

Eu tinha meu diploma de publicidade e propaganda em alguma gaveta no escritório, porque foi isso que fiz assim que me formei.

Engavetei meu diploma com meus sonhos e passei a viver os sonhos de Ricardo.

Se dependesse dele, nem formada eu seria.

Na época da faculdade, ele parecia tão afoito para se casar que eu, iludida, pensava que era amor.

E era...

Amor pelos clientes que iriam triplicar com a união do seu escritório de quinta com a potência que era a do meu pai.

No começo, ele me levava para jantares toda semana. Nosso casamento, como de tantos outros, não foi ruim no primeiro ano. Ricardo era perfeito. Até que engravidei dos gêmeos no quarto ano de faculdade, Alice e Ricardinho — Dinho para os íntimos, como ele diz.

Quando os gêmeos nasceram, Ricardo se afastou.

Pensei que ele estava me dando espaço para ser mãe. Ele mal ficava em casa. Contratou uma babá para me ajudar. Eu me senti privilegiada por ter alguém durante o dia no cuidado com os bebês.

Se a adaptação em ser mãe de um bebê é difícil, imagine dois.

Tudo caminhava como em qualquer casamento feliz. Até que o tempo passou, os gêmeos cresceram e meu marido se afastou mais.

A maioria das vezes que transamos depois foi por insistência minha.

Sabe aquela típica resposta que as mulheres dão para fugir de uma foda?

Então... Eu recebia constantemente: *estou com dor de cabeça, amor*; ou *hoje não vai rolar*. Esta última era mais sincera.

Cheguei a pensar que meu marido sofria de enxaqueca.

Já contei que fui ingênua?

É, amiga... eu estava numa pior com 'p' maiúsculo. Sem 'pau', só o 'p' mesmo.

Não poderia piorar mais, não é mesmo?

Ah, amiga... Vai por mim... pode, sim!

Passei de privilegiada por ter uma babá à categoria de '*pessoa que não faz nada*'.

Como é mesmo que ele dizia? Ah! Lembrei: *uma folgada que só sabia arrumar um bom casamento*.

Não sei como eu caí nesta classificação, pois um bom casamento precisaria rolar sexo, não é mesmo?

Ricardo dispensou a babá e me deixou apenas com uma faxineira, que aparecia de quinze em quinze dias.

Preciso desabafar: a profissão mais desvalorizada no mundo é aquela que nós mulheres trabalhamos mais, de *dona de casa*. Sabe por quê?

Porque não tem fim.

Organizar a casa, lavar, passar, cozinhar, mercado, ver as tarefas escolares, preparar as refeições, cuidar das crianças e...

Nossa, qualquer outra coisa que surgisse, eu tinha que me desdobrar e fazer.

Ser a Mulher Maravilha dentro de casa era minha profissão. Acredito que todas nós mulheres temos o DNA de *Diana*, juro.

O único detalhe? Eu não tinha o cinto da justiça que poderia enrolar no meu marido para dizer a verdade todas as vezes que ele chegava tarde em casa.

Ora era a desculpa de uma reunião, ora era o trânsito, ora era o simples fato de ter parado para conversar com um amigo.

Amigo... hum?

Cara!

Como eu queria aquele cinto.

Na verdade, eu queria tudo...

Será que poderia escolher dar um chute na bunda da Lois Lane para ficar com o Superman também?

Putz! A Mulher Maravilha tem um lance com quem mesmo? O Batman?

Nem sei...

Só sei que eu tentava e tentava e nunca era suficiente.

Até entrei em uma academia de *Kickingbox* com Ingrid para meu corpo ficar mais atraente *para ele*. De acordo com minha amiga, estava na moda e eu precisava de uma atividade física para melhorar minha autoestima. Claro que era uma desculpa esfarrapada para Ingrid me ter como companhia de treino... Insistiu tanto que me convenceu.

Após um mês de academia, eu me senti mais confiante mesmo. E me divertia por ter mais convivência com minha amiga engraçada. Ela me incentivou a ser audaciosa com Ricardo.

Então, resolvi inovar e fazer uma surpresa no dia do nosso aniversário de casamento.

Coloquei um vestido justo e a minha lingerie vermelha mais sexy e fui visitar meu marido no escritório.

Adivinha de quem foi a surpresa?

Ricardo estava praticamente com a cara enterrada entre as pernas de sua mais nova estagiária. E quando digo nova, significa em todos os sentidos.

Pegar seu marido ajoelhado com a boca na boceta de outra mulher era ultrajante. Ainda mais quando ele não fazia em você, porque dizia ter nojo.

Como eu me senti?

Humilhada?

Magoada?

Desprezada?

Depende, e se eu disser que ele teve a pachorra de me olhar com o queixo brilhante de gozo e mandar eu esperar do lado de fora? *Uhm?*

Horrível, não é mesmo?

Saí como um tiro. Peguei o fiapo de dignidade que ainda existia em mim e fui chorar no colo do meu pai, cuja sala era logo em frente.

Eles dividiam a secretária e me perguntei depois de parar de soluçar se a estagiária também. Quando este pensamento me invadiu, eu chorei mais.

Acho que todos do andar me ouviram.

Eu parecia uma louca. Meu pai nem sequer me entendia enquanto eu tentava falar entre os soluços do rio de lágrimas da humilhação.

Fui dramática?

Ah, querida..... o drama nem sequer começou.

Senta que tem mais.

Meu pai praticamente me carregou até minha casa. Não consegui olhar para meus filhos. À noite, minha mãe veio ficar comigo e passou a dormir no quarto de hóspedes por algumas semanas.

Ricardo apareceu dias depois. Ele me viu na cama destroçada, balançou a cabeça em desaprovação, como se a culpa de sua infidelidade e da merda do nosso casamento fossem minha.

Pegou tudo que era seu e que caberia em duas de nossas melhores malas e, simplesmente, foi embora.

Quando voltei a sair do quarto e retomei a rotina com as crianças, foi que percebi que meu *ex-marido* tinha limpado nossa conta bancária e deixado absolutamente nada.

Liguei para ele imediatamente, sua resposta?

Contrate um advogado.

É... me disseram que todo advogado vai para o inferno. Meu pai não vai, mas Ricardo com certeza.

Ô se vai.

Agora eu dependia novamente do dinheiro dos meus pais.

O dinheiro não é para mim, porra!

O que meu ex-marido tinha na cabeça em renegar seus filhos?

Eu não conseguia entender. Ainda não consigo...

A dependência financeira quando se tem uma casa para bancar é uma merda.

Ingrid e Pierre disseram que eu poderia deixar um currículo na empresa Love & Love que eles trabalhavam.

Pensei em fazê-lo e me lembrei do quanto meus amigos reclamavam de sua chefe.

Enfim.

Repensei e não mandei.

Ninguém daria um emprego para uma publicitária que nunca exerceu sua profissão. Eu só tinha alguns portfólios da época de faculdade e ficar em casa apenas aguardando o desfecho da ação de alimentos estava acabando comigo.

Foi quando meu pai disse que o filho do seu amigo, Sr. Rodrigues, precisava de uma secretária com urgência. Era minha oportunidade.

Eu começaria a trabalhar de uma forma ou de outra.

É... que merda de história, não é mesmo?

Essa é minha vida.

CAPÍTULO 2

A listinha em minha mão com a letra redondinha de minha filha é um lembrete de como ela precisou assumir algumas responsabilidades para me ajudar em casa. Hoje eu teria que fazer compras de mercado de uma forma ou de outra.

Já viu supermercado no quinto dia útil?

Um verdadeiro formigueiro. É isso aí!

Antes eu podia ter a regalia de usar o cartão de crédito a qualquer semana do mês. Agora, o quinto dia útil era desejado, esperado e... temido, por conta deste hospício que preciso enfrentar.

Quando alcanço um carrinho, outro ser alucinado passa à minha frente para agarrá-lo como se fosse sua salvação. Para piorar, o infeliz sorri para mim com ar de triunfo nos olhos.

Inspiro fundo pedindo à minha santa paciência para não surtar.

Respira Valentina... Não cometa um homicídio já no começo do mês. Deixe mais para o final mesmo...

Aperto os punhos na lateral do meu corpo e viro-me para a extinta fila de carrinhos.

Merda.

Pressiono meus lábios sentindo o sangue sumir com a força que faço. *Tenho vontade de chorar.*

Estou exausta pelo dia de trabalho. Provavelmente, com uma bolha em meu calcanhar direito, já que fiz a burrada em usar este maldito *scarpin* que parecia lindo na prateleira da minha calçadeira.

Olho para meus pés inchados, e constato que os sapatos são horrorosos.

Confiro mais uma vez a lista em minha mão e me pergunto se não posso deixar para enlouquecer outro dia — *Pão, leite, requeijão, carne moída, arroz...* — É... acho que não.

Um bufo de desânimo, ao lado, chama minha atenção.

— Afff... Não vou entrar aí agora, mas nem ferrando! — Uma moça bem jovem comenta com sua amiga ao meu lado. — Este supermercado não é vinte e quatro horas?

— É sim! — a outra responde.

— Então, voltamos de madrugada, amiga. Não tô a fim de sobreviver ao arrastão.

— Beleza. Amanhã não tem aula mesmo — ela concorda.

Amanhã não tem aula?

Ai, merda. É feriado de *Corpus Christi*, está explicado o porquê de o mercado estar tão lotado.

Mas... espere.

Se essas duas meninas virão de madrugada... Eu também posso!

Sinto o canto de minha boca subir em um meio-sorriso.

Alguém se sente triunfante? Sim, eu!

Essa é a vantagem de morar em São Paulo, afinal de contas, esta é a cidade que nunca dorme.

Depois de chegar à minha casa e encontrar dois adolescentes resmungando *palavras de afeto* um para o outro (tradução: um pé de guerra total), tiro meus sapatos e corro para o banho.

Minha mãe havia deixado o jantar pronto e foi embora assim que cheguei. Agradei a ela mil vezes e minha senhorinha favorita apenas sorriu para mim. Eu amo minha mãe. Não sei o que faria sem ela.

Contei-lhe sobre a ideia de ir de madrugada ao mercado e sua fala foi apenas preocupação de mãe:

— Ai, filha... não é perigoso? — ela questionou, apreensiva.

— Fica tranquila, D. Martha. Eu sei me cuidar — respondi de pronto, para não dar margem à discussão.

— Você quem sabe — mamãe disse, antes de depositar um beijinho em minha testa e ir embora.

Meus anjinhos em forma de rebeldia já estão dormindo. Deixo avisado que sairei e logo estarei de volta.

Por morar em um condomínio fechado, minha preocupação com a segurança é menor. E eu também não irei demorar. Com certeza, o mercado estará muito mais vazio. Será rápido.

E como planejado, eu tenho um supermercado praticamente vazio, salvo algumas almas penadas que, como eu, vagam pelos corredores.

Empurro meu carrinho de compras com a listinha na mão e checo o que ainda falta.

Estou olhando para baixo quando a manga do meu moletom enrosca em uma das tabelinhas de preços da prateleira de latarias, puxo uma vez ainda encarando o papelzinho em minha mão, divagando sobre o cereal e o pó de café que não havia pegado.

Sinto que ainda estou presa e puxo com mais força.

E..... latas e mais latas de leite condensado caem ao meu lado, algumas até dentro do meu carrinho.

Merda.

Estava tão distraída que não percebi o quão perto estava da prateleira. Ouço um assobio atrás de mim e me encolho toda, porque além da cagada, sou pega no flagra.

Por que diabos fui pegar o moletom da Alice mesmo?

Ah, porque estava no sofá e você não queria voltar para seu quarto no andar de cima pegar o seu.

Naquela hora, até pensei que minha sorte havia mudado. Alice está sempre com este moletom rosa da marca 'Adidas'. Usa tanto que o tecido ficou desbotado de tanto lavar.

Eu não precisava me arrumar para ir ao mercado, então vesti uma calça preta bailarina e meu tênis da *Mizuno* preto. Quando vi

meu reflexo no vidro do carro, até lembrei-me da Valentina da época de faculdade.

O moletom ficou um pouco acima do quadril, então minha bunda estava bem delineada na calça que era justa até abaixo dos joelhos. Teve uma época que este tipo de roupa era meu uniforme.

Não mais.

A pessoa que me flagrou limpa a garganta, fazendo-me virar o corpo para ela.

Droga. Que não seja um dos repositores...

Por favor, por favor.

— Quer ajuda?

Minha boca se abre e fecha como um peixe fora d'água.

Oh, Deus.

Eu morri. Certeza...

Eu morri e estou no céu.

Nãaaaaoo...

Estou dormindo, é isso. Estou dormindo e tendo um daqueles sonhos eróticos com a réplica de *Jacob Eliord* mais velho, mais encorpado – o que convenhamos, é difícil – e lindo de morrer.

Meu sonho molhado em forma de gente inclina a cabeça para o lado com um sorriso cheio de dentes brancos e me encara, aguardando alguma coisa.

O que mesmo?

Ah... ele perguntou alguma coisa, não foi?

— Nã-não — gaguejo e chacoalho a cabeça para minha alma voltar ao corpo. — E-eu esbarrei na prateleira.

— Eu vi.

Ele viu... *Ele viu?*

Engulo em seco, pressionando os lábios em uma linha fina e viro meu corpo em um passo de bailarina com um pé só para a prateleira vazia.

Que vergonha da porra...

— Se não se incomodar, — sinto o 'homem dos meus sonhos' muito próximo de mim, elevando seu braço tão perto do meu peito

que chega a roçar levemente em minha lateral — eu só quero uma lata. — Ele sorri com aqueles lábios de pecado e pega uma lata de leite condensado do meu carrinho.

— *Uh-hum...* — murmuro com meus lábios ainda pressionados, tentando arduamente manter o mínimo de controle. Porém, minha respiração fazendo meu peito subir e descer não me ajuda. Então, decido parar de respirar.

Quando ele dobra a esquina do corredor, deixando meu campo de visão, deixo o ar voltar aos meus pulmões.

Deus! Você está de brincadeira?

Levo a mão em minha testa e começo a massagear minhas têmporas com o polegar e o indicador. Uma mania que adquiri para fazer o Tico e Teco recobram sua funcionalidade.

Ingrid está certa...

Eu preciso de um vibrador novo.

Olho novamente onde Jacob desapareceu há pouco.

E com urgência.

Depois de alguns segundos me recuperando da assombração tesuda, começo a devolver as latas que caíram sem querer em meu carrinho, mantendo apenas as que eu realmente precisava.

Não demorou muito para um pobre repositor aparecer para me ajudar a remediar o estrago na prateleira.

Sigo com o restante da compra e paro em frente à prateleira com desodorantes de aerossol. Verifico a listinha de compras e percebo que Alice escreveu com letras garrafais para que o seu fosse daqueles que não marcam roupas pretas, e o de Dinho era masculino com duração de quarenta e oito horas.

Gente, ele tomaria um novo banho antes disso, por que precisa ser quarenta e oito horas?

Apanho três frascos do produto indicado por minha filha e viro-me rápido demais para procurar na ala masculina desodorante do seu gêmeo. Nisso, esbarro em um braço e me atrapalho, derrubando novamente várias embalagens aerossóis em meu carrinho.

— Porra! — resmungo baixinho.

— Você pelo visto curte derrubar coisas das prateleiras, hein?

— Os pelinhos da minha nuca se arrepiaram todos com a voz rouca e sedutora bem ao pé do meu ouvido.

É ele...

Eu esbarrei nele.

Porra!

Nossos braços ainda estão em contato e o magnetismo que sinto me assusta fazendo-me dar um passo para trás.

— Eerrr... — Ajeito meu cabelo para trás. — Eu não te vi. Desculpa.

— Tudo bem, gata. — Ele me dá uma piscadela e meu ventre se contorce admirando os dentes brancos que aparecem em seu sorriso torto.

Não fazia ideia que homens assim andavam entre nós. *Juro.*

— Este desodorante é bom? — ele pergunta, retirando um da minha mão. O suave toque dos seus dedos me dá um choque e dou um pulinho com o susto. — *Tá tudo bem?* — Ele segura minha mão. — É só energia estática. Devo estar elétrico hoje. — ele ri da própria piada e eu consigo esboçar um sorriso sem graça.

— É bom, sim... eu acho — respondo sobre o desodorante. — É para meu filho. — mexo um ombro sem jeito. — Foi minha filha que fez a lista, então... Eles são adolescentes, sabem melhor dessas coisas do que eu.

O ser perfeito me encara surpreso e percebo que ele desmanchou um pouco o sorriso. — Você tem filhos adolescentes? Tão nova?

— Eles são gêmeos e têm doze anos. Fiquei grávida cedo. — devolvo como se o assunto fosse banal. Só percebendo depois o que fiz.

Droga!

Ingrid me mataria. O cara parecia que estava flertando comigo e eu vou logo falando dos meus filhos?

Que merda!

Encolho-me toda como se ouvisse os berros de minha amiga ecoando em minha cabeça.

— Ma-mas eu sou divorciada — acrescento rápido. Acho que rápido demais pelo sorriso presunçoso que retorna ao rosto do *Jacob Eliord* mais velho.

Eu não sei fazer isso.

Pego o desodorante de sua mão e jogo em meu carrinho, voltando a empurrar as compras para bem longe da minha humilhação. — Me-melhor eu ir — gaguejo, e ele só acena mantendo o sorriso.

Assim que viro no próximo corredor, desacelero, sentindo-me a pessoa mais sem noção da face da Terra.

Eu não sei paquerar mais. Acho que nunca fiz isso direito.

Droga.

Melhor terminar logo essa lista e voltar quanto antes para casa.

Finalmente chego ao fim das compras, sem outros incidentes e me direciono ao caixa aberto mais próximo. Um homem robusto está terminando de passar sua compra e fico com preguiça de procurar outro atendente disponível.

Solto o ar de forma sonora e posiciono meu carrinho, aguardando minha vez, com os antebraços no apoio de ferro.

— Parece que o destino está colocando você em minha frente de novo — a voz rouca do meu desejo ambulante assopra em meu ouvido —, *terror das prateleiras* — ele sussurra o apelido como um segredo.

Ai, merda.

Giro meu rosto num rompante para encará-lo e quase... digo, quase trombo meu rosto no dele.

Ele abre um sorriso sedutor de molhar calcinhas. Não sei se todas as calcinhas do mundo, mas a minha com certeza.

Seu olhar é intenso demais, e acabo desviando meus olhos para as compras de seu carrinho.

— Pegou o desodorante?

— Me disseram que é bom. E também consegui algumas latas de leite condensado. Sabe, teve uma moça que levou quase todas — responde num tom brincalhão.

Sorrio e franzo o cenho não entendendo direito a dele.

Ah... Você está entendendo, sim!

Fala sério!

Esse cara não deve estar flertando comigo assim, não é?

Faço uma checagem mental sobre minha roupa. Estou no pior estado de desleixo que uma ida ao mercado de madrugada poderia exigir.

Acho que nem arrumada um cara assim dispensaria uma segunda olhada em mim.

Ele não pode estar flertando comigo.

Não... não pode.

Pisco algumas vezes para sair do seu encantamento e limpo a garganta audivelmente.

— E-eu não costumo comer tanto doce assim. — Sinto a necessidade em justificar o excesso de latas de leite condensado em meu carrinho. Afasto-me um pouco do modelo de cuecas delícia. Passo a língua em meus lábios, buscando o que eu poderia dizer. — É para meu filho, ele adora brigadeiro.

Valentina! Sua idiota! Para de falar dos seus filhos?

Não é o momento de assustar o *boy*. Ele está insistindo, não é? Você está precisando de um *boy* entre suas pernas de qualquer forma. Nem que seja por uma noite.

Nem que seja por uns dez minutos.

Respiro fundo tentando lembrar-me do básico que deve rolar na interação com o sexo oposto.

Merda.

Eu não sei o que fazer...

Vamos encarar este fiasco.

Levanto os olhos e o *galã da meia-noite* está checando minha mão esquerda. A ausência de aliança é visível, já que possuo uma

marca de sol. É como se a palavra divorciada gritasse em minha testa com holofotes de *neon*.

Nem precisaria ter falado.

Ergo uma sobancelha para ele, que disfarça.

Fecho meu punho e o bonitão percebe. Pego uma das latas de leite condensado e estendo para ele. — Se quiser, pode ficar com mais esta. Acho que peguei demais mesmo.

Ele pega a lata vagarosamente — para mim parece em câmera lenta, não sei —, e quando a segura, dá um jeito de deslizar o polegar justamente na marca do anel do meu compromisso fracassado.

Minhas pernas bambeiam e seguro no suporte do carrinho em minha frente.

— Seu filho tem sorte em ter uma mãe tão — ele hesita — dedicada e... linda.

É... definitivamente, o meu sonho erótico não fugiu.

Isso só pode significar uma coisa...

EU REALMENTE ESTOU DORMINDO!

Devo ter perdido o horário do despertador e estou em minha cama, no décimo quinto sono, sonhando com um homem maravilhoso que segura minha mão e manda, com um simples roçar de dedos, uma onda de tesão para minha boceta enferrujada.

— Mãe de gêmeos e com um corpo assim? — diz, mirando-me de cima a baixo.

— Seu ex-marido deve ser um idiota — ele emenda, ainda com um olhar sedutor.

— Além de idiota, é um cafajeste que prefere levar a nova namorada em todos os restaurantes caros de São Paulo, ao invés de pagar plano de saúde dos próprios filhos — digo em tom sarcástico, só esperando o sonho surtar e evaporar no ar.

O que um cara lindo assim quer com uma mulher como eu?

Não é possível que isso esteja acontecendo. Ele irá sumir assim que fechar os olhos, quer ver?

Fecho... mesmo ainda sentindo o roçar da pele no dorso de minha mão. Tem gente que tem até orgasmo sonhando, sentir o contato de pele não é nada.

Ele vai desaparecer em instantes. Aperto bem minhas pálpebras e abro os olhos.

Isso não acontece.

Sabe o que acontece?

O sonho tesudo dá um passo à frente, invadindo meu espaço pessoal — mais do que já estava — e puxa uma bolinha de roupa do moletom de Alice do meu ombro. Suspiro, soltando o ar quente na altura de seu peito.

Elevo o pescoço e encaro seus olhos de um castanho escuro muito próximo ao tom de café.

Seu olhar desce sobre mim cheio de algo que não sei dizer. Um misto de admiração e luxúria. É tão intenso que me sinto incomodada por um momento.

Tento desviar o olhar e ele segura meu rosto com o indicador.

Sério?

Eu já disse que estou sonhando?

Sorrio para disfarçar o nervosismo.

— Esse pai deveria ter dado mais valor ao que perdeu. — Meu sorriso dá uma pequena vacilada, mas retoma seu lugar muito rápido.

— Ele não perdeu, meu ex-marido jogou pela janela mesmo, pegando a estagiária — solto o ar, cansada. — Talvez eu não valha à pena. Talvez o defeito esteja comigo... ou... ou eu tenha alguma doença. Não sei. Acho que vou procurar um médico para ter certeza. — Devolvo um sorriso sem graça.

O bonitão coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Qual o seu nome, garota do leite condensado?

— Va-Valentina — respondo, em um fiapo de voz.

— Eu sou médico, e garanto que não há nada de errado com você — ele desliza a ponta dos dedos por meu pescoço. — Mas, adoraria que você marcasse uma consulta comigo.

Minha garganta acabou de secar e não consigo pronunciar mais nenhuma palavra sequer.

A atendente do caixa me chama e saio do transe que o sonho tesudo me colocou, piscando algumas vezes. Afasto-me, voltando minha atenção para as compras.

Eu acabei de contar para um estranho sobre a traição do meu ex-marido e a frustração pela ausência de sua assistência econômica?

Que idiota!

Como que se abre com um estranho assim, Valentina?

Ficou maluca?

Começo a dispor minhas comprar na faixa rolante do caixa, afastando-me do tal médico.

Meu estômago ainda está com aquela sensação de friozinho que temos quando um cara gostoso, lindo, interessante e inteligente está muito próximo da gente, sabe?

Não?

Eu também não sabia e acabei de descobrir.

Retomo a atenção ao ser perfeito que estuda cada um dos meus movimentos.

Quem é este homem?

Algum pai de santo ou algo assim?

Seu toque praticamente me enfeitiçou e eu me senti tão atordoada que falar sobre minha vida fluiu mais natural do que minha primeira consulta na psicóloga.

Como isso é possível?

Termino de colocar toda a compra sobre o suporte do caixa, e um empacotador me ajuda a embalar e ajeitar as compras de volta no carrinho.

Assim que passo a senha do cartão e pego a nota fiscal, o sonho ambulante agarra meu pulso.

— Aqui, garota do leite condensado. Liga para este número e marque uma consulta. — Ele faz de novo, aquela onda elétrica percorrendo meu corpo do ponto que ele havia me tocado. O sonho

sedutor também deve ter sentido, pois ele olha para meu pulso com uma expressão de confusão. Depois, volta a sorrir convencido.
— Você não vai se arrepender. Prometo.

Quando ele me deixa ir é que vejo o cartão que me entregou.

Um pequeno quadrado de papel preto em uma gramatura mais grossa, fosco, com um número de telefone escrito em relevo dourado.

O que ele quis dizer com não vou me arrepender?

O lance de me consultar com um médico não era sério...

Será que ele também achou que o problema era comigo, mesmo dizendo aquelas coisas?

E todo aquele jeito sedutor?

Há tempos não me sentia assim... desejada...

Sentia tanta falta disso.

Acho que meu ex-marido nunca me quis... Seu tesão era voltado para o dinheiro do meu pai e não para mim.

Inspiro o ar com força, soltando exasperadamente.

Quem sabe o bonitão não está me dando seu número de telefone?

Meu sonho encantado não precisa ser complicado. Eu poderia fazer o que Ingrid já vinha me aconselhando há tempos..., ser bem fodida e retirar qualquer resquício de Ricardo da minha memória.

Esse médico bonitão deve ser o tipo de cara de uma noite só, penso, olhando para os números dourados.

Eu poderia ligar algum dia desta semana...

Quem sabe?

CAPÍTULO 3

Entro no restaurante às pressas, procurando por meus amigos. Pierre mandou mensagem que havia pegado umas das mesas da lateral esquerda. Então, eu já sabia mais ou menos onde olhar.

Por que eu os deixei me convencer que nossos almoços de quarta-feira seriam neste restaurante vegano?

Não sei.

Talvez porque sou facilmente manipulável por aqueles dois.

Hoje é um dos dias que eu farei a dieta forçada.

Este é um dos lugares mais disputados da região da Avenida Paulista para quem gosta desse tipo de comida.

E convenhamos, está na moda ser vegano.

Acha que eu sabia sobre isso?

Nah... Não fazia ideia. Nem sequer sabia a diferença entre vegano e vegetariano até semana passada.

Mas agora? Rá! Eu sei.

E se pensa que vou explicar, está enganada.

Aqui eu quero apenas reclamar das minhas amizades e suas excentricidades.◆◆

Não demoro a avistar ao longe a mochila arco-íris em crochê de Pierre pendurada na cadeira, guardando nossos lugares.

Já tentei alertá-lo que moramos em São Paulo e que deixar sua bolsa em qualquer canto não se faz. Mas, meu amigo diz que sua bolsa é muito chamativa para alguém levá-la sem ser notada.

Além de só levar uma carteira fazia.

Pierre é o cara do vale-alimentação pra tudo.

Pra que uma mochila?

É essa a pergunta que vem em nossa mente, não é?

Glamour, meu bem, essa é a resposta de Pierre.

E acho que é para sua mãe ficar feliz. É ela quem fez para ele, e ver seu filho sair de casa a trabalho, realizado com adereços que Dona Carmelita fez, só deve dar-lhe orgulho.

Enfim.

Eu só tenho uma hora de almoço e não posso demorar.

É o momento do dia que nos reunimos desde que comecei a ser secretária de Carlos Eduardo Rodrigues.

O prédio empresarial do Grupo GR não é distante do escritório de publicidade de meus amigos, por isso não me atrapalha em nada almoçar com eles.

Essa é uma das melhores partes do meu dia.

Não que ficar em casa com meus filhos não seja.

Claro que é.

Mas, passar esse tempinho com meus amigos faz com que me sinta jovem de novo... E não uma mulher trocada por outra praticamente doze anos mais nova.

Suspiro e sigo para a fila do *self service* onde Pierre e Ingrid já estão a algumas pessoas à frente. Escolho meus legumes, alguns molhos e o purê de batatas que era a única coisa que me enchia de verdade.

Quando me sento à mesa, Ingrid e Pierre já estão em uma discussão acalorada sabe-se lá sobre o quê.

Quando ouço “doce de abóbora” até olho novamente para o aparador para ver se deixei passar algum dos pratos, pois tenho certeza de que não avistei nada por lá.

— Estou te falando, Pi — Ingrid fala, segurando um brócolis cozido na mão, como se fosse um bastão usado para explicação. — Não sei como você consegue sobreviver à base de doce de abóbora.

— Fazer o quê? — pergunto, para me inteirar da conversa, acomodando-me na cadeira na frente deles.

— Ah, amiga..., usar a porta dos fundos — Ingrid responde com naturalidade.

— Para entrar no escritório? — questiono, tomando um gole no gargalo da garrafinha d'água que havia pegado.

— Não, amiga..., estamos falando daquele buraco que você usa para fazer o número dois. — Cuspo toda a minha bebida que mal molhou minha língua.

— O quê? — A pergunta sai entre meu riso. — Vocês estão discutindo sobre anal no meio do restaurante?

— Tecnicamente, estamos no ladinho do restaurante, florzinha — Pierre constata. — E essa louca aí começou a criticar, pois não conseguiu dar para o boy da vez.

— O tal do Rafael? — Acho que esse era o nome do carinha do mês. Ingrid não me dava tempo para decorar os nomes dos seus rolinhos. Este era da sua turma de francês. Eles já tinham saído algumas vezes.

— Isso — ela responde. — Eu estava contando para o Pi, que ontem eu deixei a Dolores toda linda, depiladinha e sedosa para o gato se lambuzar nela, e onde ele queria me foder, *uhm?*

Ela realmente quer uma resposta ou posso passar?

Como nada sai de sua boca, prefiro apenas balançar os ombros no sentido de não saber a resposta.

— Lá, amiga! No dito cujo. — Ingrid joga o coitado do brócolis com uma mordida no prato. — Por mais que eu deixe tudo aqui na frente como Nuttela, os boys preferem o doce de abóbora. Nutella. — Aponta para sua virilha. — Doce de abóbora. — Olha sua bunda por sobre o ombro.

Ah... esse era o lance do doce de abóbora.

Minhas sobancelhas sobem em uma expressão de compreensão.

Espera. Ela disse que..... *não!*

— Sua Nuttela pode estar na frente, mona. Mas a minha é toda aqui atrás — Pierre se refere à sua bunda com o mesmo gesto.

É... é isso mesmo.

Entenderam o que é doce de abóbora?

Acho que nunca mais verei uma festa junina da mesma forma. Ainda mais se tiver doce de abóbora na mesa dos quitutes.

Não mesmo.

Tento conter a risada, disfarçando pequenos soluços. Mas quando Ingrid me encara, não aguento e solto uma gargalhada.

— Ai, amiga..... Você é única! — Ela me olha com um sorriso, se divertindo também.

Ingrid é o tipo de pessoa que nos faz rir de tudo. E ela sempre se esforça para tirar um sorriso, ou melhor, uma bela e sonora risada de todos nós.

De tudo ela faz graça. Quando ela consegue essa proeza, pois, no meu caso, rir hoje em dia tornou-se bem difícil, minha amiga ganha seu dia.

De todas as minhas amizades, só me restam Ingrid e Pierre. Eu tenho dois diamantes. Eles rendem por dez amigos juntos, sem dúvida alguma.

Após alguns minutos digerindo a piada e comendo nossa comida de coelho, meus dois amigos iniciam nossa rotina, que consta em suas reclamações sobre a chefe mal-humorada e que recusa todas as suas ideias de *marketing* para os clientes.

Eles são brilhantes. E diante de toda a informação que expõem para mim, eu enxergo que a tal chefe não quer mesmo é dar o braço a torcer.

Se a ideia não for da tal mulher, nada presta. E como isso acabava por prejudicar o trabalho de todos, ou seja, ao invés de aceitar novos projetos e aumentar a clientela de seus contratantes para dali ter mais indicações, ela prefere manter a mediocridade.

Pierre e Ingrid estão cada vez mais frustrados.

Eu até acabo compartilhando do mesmo sentimento por eles.

— Mas, então... — Ingrid apoia os cotovelos sobre a mesa, chamando minha atenção. — Cadê o dito cartãozinho, amiga?

Primeiro a olho em dúvida, até que me dou conta do que ela está se referindo.

— Ah... — Enfio a mão no bolsinho da lateral de minha bolsa e lhe entrego.

— Uau! O negócio é chique, florzinha. — Pierre inclina seu corpo apoiando-se na lateral de Ingrid para examinar o pequeno quadrado preto. — Misterioso... será que eles revezam entre homo e hetero? Eu já iria para esta consulta com certeza.

— Você nem viu o cara, Pi — digo, com uma indignação falsa.

— Se ele é tuuudo o que você contou, amore, caio nessa piscina de cabeça. — Ele me dá aquela piscadela de canto. Ai, meu amigo gay é o melhor do mundo.

Mesmo o incentivo sendo grande, não sei se poderia aceitar o convite do tal doutor.

Eu havia contado aos meus amigos sobre a conversa que tive com a secretária do médico gato. Eles ficaram de queixo caído como eu.

Claro, né?

Quando recebi o tal cartãozinho, imaginei que estava recebendo uma cantada apenas e não um convite para participar de um trisal.

Este é o resumo, porque a ladainha de convencimento ensaiada daquela mulher ainda repete constantemente em minha cabeça.

Ela deve ter algum poder paranormal, só pode.

Acredita que até cogitei em aceitar?

Imagina...

Isso é um absurdo.

Uma mãe de trinta e três anos aceitando sair com dois homens que nem conhece direito. E detalhe, só por sexo.

Simples, puro e totalmente carnal sexo a três.

Quem seria o outro médico, *hein?*

Balanço levemente a cabeça. Não importa.

Que loucura!

Sem contar o magnetismo que senti com aquele olhar cheio de promessas pecaminosas de quem deu o cartão.

Eu descrevi cada detalhe para eles. Acho que até dos fios de cabelo bagunçados que teimavam em balançar sobre suas sobrancelhas. Tudo naquele homem era sensual.

E o sorriso?

Nossa! Com certeza ele deve ter aquelas lentes nos dentes que fazem tudo parecer mais branco. Até minha avó iria babar e pedir uma dentadura igual se ainda estivesse viva.

Inspiro o ar e bufo desolada, imaginando como seria sentir um corpo daqueles sobre o meu.

A melhor parte do encontro da madrugada no mercado não foi o possível flerte que eu destruí completamente com a informação da minha vida particular, mas, sim, o olhar dele.

Eu nunca me senti tão desejada como naquele dia. E eu gostei. Gostei muito.

Talvez fosse melhor me contentar apenas com isso e seguir sem nem pensar mais no médico bonito.

— Olha só, Tina, essa história de cartãozinho preto não me é estranha..... — Ela vira a gramatura quadrada de um lado para o outro. — Eu tenho uma forma de descobrir.

— Como isso, Mona? — Pierre pergunta, e eu inclino a cabeça, observando-a.

— Eu tenho um monte de grupo no *Facebook* em que a mulherada adora dividir suas experiências... Acho que alguma já soltou algo sobre um convite assim — Ingrid sorri. — Vou dar uma pesquisada nas discussões de trisal e ver o que encontro. Sei lá...

Faço uma careta à sugestão.

— Pode ser que dê certo, florzinha. — Pierre apoia nossa amiga.

Será que quero saber mais sobre essa história?

— A secretária encheu o saco falando que a vida das mulheres mudou da água para o vinho. Se você descobrir alguma que teve essa mudança fenomenal... — falo, enfadada.

— Amiga, vou ser discreta. Fica *sussa* – ela afirma.

Agora faço uma careta. Não sei se isso seria interessante, afinal de contas.

O barulho de louça quebrando nos faz olhar para a balança ao lado do caixa.

Alguém havia derrubado o prato, que quebrou em mil pedacinhos pelo chão. Uma moça agacha-se sem jeito por conta de sua minissaia justa na tentativa de ajudar o garçom.

Pobre moça. O restaurante inteiro está mirando em sua direção.

Ela parece bem sem graça pelo ocorrido.

O homem que está atrás dela não para de encarar seu traseiro, esperando por alguma visão mais privilegiada da sua bunda. Ela é bem jovem e muito bonita.

Analiso melhor o rosto do homem safado e noto que não me é estranho. E...

— Ai, meu Deus! — Minha voz sai num fiapo.

— O que foi? — Pierre me indaga e vira-se para o local onde eu estava olhando. — *Oh, boy...*

— Que merda. — Ingrid adere ao mesmo ânimo.

O homem segura o cotovelo da moça, ajudando-a a se levantar e cochicha algo em seu ouvido. Ela acena e volta para a fila do aparador, provavelmente para se servir novamente. Ele pareceu tão gentil que até me deu ânsia de vômito.

Eu não reconheci Ricardo a princípio, pois ele não estava em seu terno habitual, mas em roupas esportivas. Uma camiseta preta justa e uma calça jeans de lavagem mais clara.

— Usar roupas de *playboy* virou nova moda para escritórios de advocacia? — Pierre diz, com sarcasmo.

— Ele deve ter tirado o dia de folga para comer a estagiária — esbravejo.

Com certeza, é isso. Ricardo circula ao redor da ninfeta como gavião sobre a carniça. Ele nunca foi assim comigo.

Nunca me olhou com cobiça. Sempre controlado demais.

Eu e meus amigos seguimos o casal de namorados até que eles se sentam em uma mesa mais afastada.

Meu ex marido não para de sorrir e tocar a moça. Também... ela é tão linda.

No dia que peguei os dois, não pude analisá-la direito. Como conseguiria, já que estava descabelada e muito preocupada em tapar sua boca, enquanto meu marido segurava suas coxas abertas em seus ombros.

— Não olha amiga. Abstrai. — Ingrid segura minha mão sobre a mesa, dando um leve aperto de consideração.

Puxo o ar e solto em desconsolo. Claro que ele está brigando para pagar uma pensão alimentícia para nossas crianças, *acabou de adotar uma*.

— Eh... mas, o cara parece que ficou mais gato.

— Cala a boca, Pi — Ingrid o repreende.

— Ele tem razão. — Limpo minha boca com o guardanapo. — Ricardo sempre foi bonito. Só que o ditado popular se aplica ali: “*por fora bela viola, por dentro.....*”

Para piorar minha humilhação, nossos olhares se cruzam. Cerro o cenho, fuzilando-o com todo meu ódio.

E sabe o que ele faz?

Sorri e entrelaça os dedos aos da estagiária que não percebe por estar de costas para mim.

Ele continua me encarando quando leva sua mão à boca e beija. Levanto num rompante, fazendo um barulho com o arrastar da cadeira para trás. Dou-lhe as costas e sigo para o caixa.

Que desafortado!

Nem parece que dormi ao lado deste homem por mais de uma década. O que ele queria mostrar pra mim? O quanto estava feliz com a ninfeta e como minha vida era miserável?

Provavelmente.

— Amiga, espera. — Ouço Ingrid me chamar, mas já estou pagando minha comanda o mais rápido que posso para ir embora. Depois eu ligo para ela e Pierre. Agora eu só quero sumir.

Nunca pensei em ver o lado sádico de Ricardo. Ele gosta de me humilhar. Exibir-se para todo mundo do escritório de meu pai não pareceu ser suficiente.

Droga.

O pior de tudo foi vê-lo agir como nunca fez comigo. Ricardo agia ao meu redor como um robô. E se afastava sempre que possível. Eu fui um meio para um fim.

Idiota.

Por que demorei tanto para descobrir o real caráter daquele homem?

E aquela garota? Arg...

Ela é linda, com aquelas coxas torneadas expostas na minissaia.

Eu também poderia usar uma minissaia.

Olho meu reflexo nos automóveis estacionados enquanto caminho pela calçada.

Ricardo jamais me olharia daquela forma...

Eu não sou nem de perto como aquela ninfeta. Não é apenas questão de corpo, mas de atitude.

Não tenho mais o brilho no olhar que todo jovem possui quando está na faculdade. Aquela gana de que irá conquistar o mundo.

Deve ter sido isso que encantou meu ex-marido.

Eu já fui *aquela garota* e foi só naquela época que Ricardo me deu um pequeno vislumbre do mesmo olhar que vi hoje em seus olhos para a ninfeta que brilhava como raios de sol.

Foi ele quem tirou meu brilho.

Não foi a gravidez, nem a rotina do casamento. Foi Ricardo que, com suas críticas constantes, me apagou para o mundo.

Eu quero voltar a brilhar.

Abraço meu corpo, já chegando ao prédio do Grupo Rodrigues e me dirijo para os elevadores.

Olho novamente meu reflexo no espelho de fundo durante a subida até meu andar. Arrumo meu cabelo e ajeito minha camisa branca na saia plissada preta.

Não é uma minissaia.

Hoje de manhã, quando me vesti compondo meu look com a sandália de salto alto preta, me senti bonita.

Eu sou bonita, não sou?

Não sei mais.

Deixo meus ombros caírem, conforme me sento na cadeira atrás de minha mesa. A sensação de derrota e rejeição ainda grita em meu peito.

Levo minha mão fechada e massajeio bem onde dói, em cima de meu coração.

Sinto-me tão humilhada, tão pequena...

Desvio meu olhar para a parede de vidro, que exhibe a paisagem dos muitos prédios ao nosso redor.

Meus pensamentos viajam para a madrugada em que recebi o cartão *premium*. A imagem do sorriso do médico aparece escancarada no reflexo de volta pra mim.

Ele viu algo em mim.

E eu não usava minissaia.

Deus!

Eu estava com o moletom surrado de minha filha.

Solto um riso sem graça.

Aquele homem sentiu tesão por mim, não é mesmo?

Ele me desejou. Eu vi...

Aquele olhar penetrante despertou cada fibra do meu corpo.

O mesmo arrepio que senti naquela noite percorre por minha espinha e estremeço.

Talvez, aceitar o convite e conhecer seu colega realmente me faça bem.

Talvez eu precise da tal consulta, afinal.

CAPÍTULO 4

Que dia corrido, meu Deeeus!

Já teve um dia onde todo mundo acordou acelerado na velocidade 5 do *Créu*?

Hoje é este dia.

Estou caminhando, ou melhor, correndo atrás do meu chefe, com alguns documentos em mãos, tentando colocá-los no interior de uma pasta parda desastrosamente.

Assim que retornamos ao nosso andar, Cadu começa a ditar as alterações a serem feitas no contrato apresentado na reunião daquela manhã, sem intervalo para respirar.

Oh, Deus!

Sinto até câimbra entre os dedos quando tento escrever o máximo de palavras ditas por ele. Olho para minhas anotações e quase tenho um colapso com todas as informações sem nexos que dançam no papel.

Quando Daniela Vegaz, minha antecessora neste cargo, disse que meu futuro chefe era o diabo encarnado, juro que pensei que se referia à beleza do cara.

Ledo engano, amiga.

Cadu Rodrigues reflete beleza, poder e pura arrogância. Sem contar um péssimo humor para falhas que, na atual conjuntura, parece persistir nos meus afazeres de secretária.

Eu preciso focar melhor em minhas tarefas.

Quando estou no ambiente de trabalho, a sacolinha de problemas pessoais fica ali no galho da árvore da calçada, fora daqui, entendeu Valentina?

Porém, não há uma árvore neste quarteirão e por isso eu carrego para o prédio comercial do Grupo Rodrigues toda minha carga emocional.

Era o casamento falido, com uma ação de alimentos em andamento; era a vontade incansável em experimentar o sexo trisal oferecido pelo médico gato do mercado; era minha frustração com um trabalho que não tinha nada a ver com minha personalidade e formação.

Eu sou uma bagunça ambulante.

O trabalho é o menor dos meus problemas, mesmo assim, cobra minha antipatia no final do dia.

Principalmente quando recebo anotações do meu chefe indicando meus erros.

Às vezes eu não entendo como coisas pequenas passam despercebidas de minha atenção.

Não que eu tenha uma grande experiência em trabalhar fora. Mas, em meus estágios, eu sempre me destaquei.

Talvez porque você gosta do trabalho envolvendo publicidade?

É, pode ser.

Eu imaginava minha própria empresa, com um belo logo e um ambiente descontraído para atender os clientes.

Em minha cabeça de estudante universitária tudo aconteceria da melhor forma possível.

Pierre e Ingrid diziam que embarcariam comigo nessa. Seríamos os três mosqueteiros invadindo e conquistando contas das maiores empresas da cidade de São Paulo.

Ok...

Não vou exagerar...

Poderia ser as pequenas empresas, primeiro.

Solto o ar, chateada. Não foi bem assim, não é mesmo?

Deixei Ricardo conduzir minha vida e decidir para mim o que era melhor.

Conhece a zona de conforto de uma criança? Aquela que o pai ou a mãe dizem o que fazer e como fazer e onde fazer?

Então, foi exatamente isso que Ricardo fez com a minha vida.

E o pior de tudo foi que eu deixei. Por quê?

Porque tive medo. Tive medo de encarar o mundo e aceitar os desafios que viriam com ele.

Hoje estou aqui, trabalhando por necessidade.

Desconfio que Sr. Rodrigues só me mantém por conta da amizade entre nossos pais. Se eu fosse ele, já teria me demitido. Eu estou com a cabeça anuviada desde o dia em que encontrei com Ricardo naquele restaurante.

Droga.

Ah, porra! Tanto lugar para aquele homem levar a tal ninfeta... Tinha que ser justamente no restaurante em que eu e meus amigos estávamos? *Uhm?*

Sinceramente, eu devia estar fazendo a oração errada em todos os sentidos. Ou o pessoal lá de cima resolveu tirar sarro da minha cara mesmo.

— Anotou tudo, Valentina? — O diabo pergunta, enquanto cambaleio com os papéis, depositando-os em minha mesa. Ele me olha com certa reprovação e bufa, aguardando minha resposta.

— Si-sim, senhor. — Contorno a mesa rapidamente, para já começar a digitar cabisbaixa.

Melhor nem encarar o capiroto agora.

— Está descontando sua raiva na pobre Valentina por quê? — Uma voz melodiosa aparece para me salvar. Daniela Vegaz, a namorada de Satã. Finalmente! Já estava desistindo.

— Eu não estou com raiva para descontar em alguém, estou? — O modelo de cuecas ambulante ruge sua resposta e volta-se pra mim. — Valentina, quando terminar, envie o documento para meu *e-mail*. Quero conferir as alterações. — Ele gesticula com o queixo para que sua namorada o acompanhe dentro da sala.

Assim que a porta se fecha, ouço a discussão dos dois.

O que posso fazer se a parede é fina pra cacete?

Eu não perderia uma novela mexicana de botija durante meu expediente por nada.

— Eita, porra! Ainda está bravo que não aceitei morar com você, amor? — Daniela parece indignada. — Desfaça esse bico, Cadu.

— Não estou com bico algum. E eu não entendo você. Passamos praticamente todas as noites juntos. Qual o problema em mudar o CEP na sua conta de luz, uhm? Que, aliás, será paga por mim. Você nem precisará se preocupar com isso, linda.

— Eu não preciso de esmola. Tenho o meu trabalho e dinheiro suficiente para me sustentar. — Ela se exalta um pouquinho.

Ih, Cadu... Mandou mal nessa.

— Não é isso amor — ele bufa, e ouço uma cadeira ser arrastada. Já até imagino a cena dele puxando-a para seu colo. — É que... eu quero você ao meu lado... Todos os dias.

A conversa cessa e presumo que eles estão se comunicando de outra forma. Algo cai no chão.

É... com certeza de outra forma.

— Estamos indo rápido demais, Cadu — Dani fala mais mansa. — Morar junto é um passo para o casamento.

Balanço-me inteira, sentindo um arrepio como se a palavra me desse calafrio.

Por que será?

Seu casamento foi uma bosta do início ao fim. Então...

Sinceramente, melhor evitar conversar com possíveis futuras noivas, eu seria uma péssima influência, mandaria todas fugirem do altar.

Entre casar e comprar uma bicicleta? Ah, querida... fuja do altar e compre uma BMW.

— E se eu quiser exatamente isso, amor? E se eu quiser que você se torne *minha* Senhora Rodrigues.

Alerta vermelho. Alerta vermelho.

— Caduuuu... não brinque com coisa séria — ela o repreende.

— Não estou brincando, Daniela. Eu quero você como minha mulher e a mãe dos meus filhos. Cara... — ele hesita — nunca pensei em ter filhos, linda. Mas com você, eu quero tudo. Uhm? O que me diz? Vem morar comigo, amor.

A discussão simplesmente acaba e os sons que emanam da sala ao lado são outros.

Oh my God! Como diria Pierre.

Minha garganta seca só em imaginar o casal maravilha em pleno *cine* pornô. A umidade lá embaixo pedia a substituição de calcinha urgente.

Muitos minutos e talvez uma hora depois, pois já havia reescrito todo o contrato com as alterações que decifrei do garrancho de minhas anotações, vozes sussurradas voltam a soar na sala ao lado.

É impossível deixar de sorrir com a situação.

Felizmente, meu horário de almoço estava próximo. Eu poderia fugir e evitar o constrangimento que sentiria quando os dois saíssem pela porta.

Detalhe: o constrangimento é apenas meu.

Para eles, isso aqui é rotina. Não sei como ainda não me acostumei. Sempre que Dani consegue sair mais cedo do seu trabalho, ela aparece por aqui e eu tenho uma sessão *free* de áudio pornô.

— Eu aceito, Cadu — Dani diz finalmente.

— Uhm... — só ouço um resmungo e então: — Aceita morar comigo ou casar comigo?

— Por ora, morar com você — ela ri como se ele estivesse lhe fazendo cócegas. — Aí você terá tempo suficiente para melhorar esse seu pedido de casamento. Foi péssimo, Cadu. Onde já se viu? Carlos Eduardo Rodrigues com um pedido mixuruca desses? Trate de comprar um belo anel de diamantes e me levar em algum lugar muito, mas muito especial.

— Quer mais especial que meu escritório, Dani? Foi aqui que tudo começou — Cadu diz divertido.

— Você é melhor do que isso, meu satãzinho lindo. — Ela realmente o chamou disso?

— Você me chama de satã, mas é você quem me leva para o inferno, linda.

Porra! Não ouvi errado, não!

— Então vem aqui e abraça sua capetinha, amor.

Acho melhor eu ir almoçar *A.GO.RA*.

Saio apressada em direção ao elevador, torcendo desesperadamente que a sessão inferninho termine antes do meu retorno.

Eu não tenho nenhuma memória recente para me apegar em minhas noites sozinha. E os sons do meu chefe com sua namorada estão se tornando rotina para eu me aliviar.

Isso não é nada bom.

Sinceramente, eu queria ter a minha imagem refletida no espelho com um belo espécime entre minhas pernas.

Puxo o ar com força e quando solto, o sorriso de certo médico me vem à mente, de novo.

‘Mantemos sigilo absoluto’.

Ele me ofereceu não apenas um belo espécime, mas, sim, dois.

Sem contar que a secretária disse que tudo o que aconteceria no consultório seria escolha minha.

Esfrego minhas coxas, sentindo-me melada.

Ai, droga.

O cartão preto com letras douradas nunca pareceu tão atrativo...



— *Neiva do céu!* — Ingrid berra logo que atendo o telefone e tenho que afastá-lo rapidamente se quero permanecer com o tímpano do ouvido direito. — Você não faz ideia do que eu descobri!

— Ainda não tenho poder de leitura de mentes. Deve ser ainda mais difícil por telefone, então nem vou tentar adivinhar — brinco com minha amiga, que solta uma risada sem graça.

— Boba. Escuta só... este cartãozinho *premium* é uma gota de água no oásis para a mulherada, amiga. Elas não revelam se já participaram ou não da consulta... Todas dizem: *alguém me contou...* ou, *eu já ouvi falar*. Mas, a fofoca é conclusiva em todos os grupos: é a melhor foda de todas. O '*eu ouvi falar*' disse que esse cartão é entregue apenas para algumas mulheres, e as outras se remoem porque os tais médicos só atendem *as escolhidas* — Ingrid cochicha a última palavra como se fosse um segredo.

— Se ninguém se revela como paciente da tal consulta, como podemos acreditar nessas histórias? — pergunto ainda em dúvida sobre a informação. *Fala sério*. — Pode ser propaganda enganosa.

— Tina, isso não sei. Mas, quando perguntei no primeiro grupo, foi como um enxame de abelhas no pote de mel. Eu também usei a frase, *uma amiga recebeu o tal cartão*. O que não é mentira. Enfim... — Ela pausa para tomar fôlego, já que falou mais rápido que o normal. — Não houve uma só mulher que não quisesse se consultar. Esses médicos encenam a fantasia perfeita e a paciente que conduz, amiga. Duvido que você nunca teve a fantasia do médico!

Fantasia do médico?

Acho que eu tinha fantasiado de tudo nos últimos anos, já que meu marido me deixava à deriva para comer a estagiária.

Até no Van Daime abrindo espacate com o pau duro eu já tinha sonhado. Se bem que naquela posição deveria ser muito difícil para ele. Porém, a fantasia era minha e na minha cabeça o cara dava conta de me fazer sentar até gozar com as bolas totalmente esticadas.

— Isso não importa, Ingrid — retruco. — Eu queria saber mesmo o que esses médicos têm de tão especial?

— A pegada, amiga — ela responde. — Deve ser sensacional. Sabe aquele lance das mulheres ficarem poderosas depois da consulta, como se fosse tomar banho de ouro e virar a Mulher Maravilha? Então... o *‘eu ouvi falar’* deixou bem claro que isso aconteceu com todas que passaram pelos médicos. Elas mudaram da água para o vinho. A experiência vai além do desejo sexual, Tina. Até eu quero encontrar com o tal médico e pedir o cartão *pra* mim. Como ele é mesmo?

— Ai, Ingrid... — solto um riso frouxo. — Minha vida está tão bagunçada... Confesso que pensar no médico gostoso do mercado tem sido meu único alento nos últimos dias.

— Amiga, então você já resolveu o que fazer — ela constata, de forma perspicaz, melhor do que eu, inclusive.

Será que eu sei?

— Talvez...

— Vou querer saber de tudo com detalhes, Tina. Ai de você se não me contar! — Enxergo Ingrid apontando o indicador em minha direção, mentalmente.

— Ainda estou pensando, Ingrid. Não me pressiona — empertigo.

— Tudo bem, amiga... Mas, agora sabemos que outras mulheres confirmam a versão da secretária deles.

É verdade.

Ainda assim, por mais tendente em querer sentir tudo o que o cartão preto promete, eu ainda tenho medo. Eu não sou mais uma mocinha. Meu corpo tem marcas... marcas de uma gravidez e do tempo.

E se eu me sentir envergonhada?

E a culpa após deixar dois homens me tocar?

Isso não é errado demais? Seria uma vingança à traição do meu marido?

Nunca fui vingativa. Eu só quero que alguém me deseje e me olhe com a mesma vontade que vi nos olhos de Ricardo por aquela ninfeta.

É isso que eu quero.

Mas o destino resolveu me presentear com um cartão *premium* que confere o brinde duplo.

Eu queria ver aqueles olhos cor de chocolate de novo. Eu queria aquela eletricidade que senti com seu toque por meros segundos.

Como seria a sensação de tê-lo por mais tempo?

— Preciso dormir, Ingrid. Amanhã é a primeira audiência. — Jogo meu corpo no meio da cama.

— Vai lá, Tina. Descansa essa beleza linda, e se precisar chutar a bunda daquele *almofadinha*, é só me chamar. — Ouço o apitar do seu micro-ondas. — Vou comer, amiga. Já disse antes, se quiser, vou com você amanhã.

— Não precisa, amiga. O advogado disse que será rápido. Ele disse que se Ricardo aceitar o acordo, tudo termina amanhã. — repito o que Dr. Schnauzer me disse hoje à tarde.

— Está bem, então. Beijo, amiga. *Nana bem* — Ingrid soa como uma menininha.

— Você também. Beijo. — Desligo o telefone e faço uma oração *para que tudo acabe bem mesmo*.

Infelizmente, meu coração está apreensivo com o que ainda está por vir.

CAPÍTULO 5

O corredor amplo do prédio destinado à Vara da Família e Sucessões está com todos os assentos tomados por pessoas com feições aborrecidas.

Eu já havia acompanhado meu pai em algumas audiências. Até mesmo Ricardo, mas nunca neste prédio.

As ações de papai são mais trabalhistas, enquanto as de Ricardo são voltadas para o Fisco. Nada onde direito de família estivesse envolvido.

— O escrevente informou que está um pouco atrasado. — Dr. Schnauzer diz baixinho para mim. Estou encostada na parede no final do corredor, mas posso ver a plaquinha de 2ª Vara da Família na porta um pouco a nossa frente. — Falta pouco, Valentina. — diz, tentando me acalmar.

Eu devo parecer nervosa, já que minha perna não para de balançar.

Ainda não avistei Ricardo. Se ele não vier será ganho de causa?

Estou prestes a abrir minha boca quando o elevador do andar se abre e de lá sai meu ex-marido acompanhado adivinha de quem?

Da ninfeta estagiária.

Encaro os dois, incrédula pela ousadia.

Mas que merda!

A garota parece encabulada e percebo seu olhar cair para o chão. Pelo menos isso.

Já Ricardo ostenta sua expressão séria com o queixo erguido, orgulhoso como sempre.

Será que ele não consegue mais andar sem a garota ao seu lado? Tem medo da menina fugir dele por acaso?

Quando ele me encara, pressiono meus lábios e balanço a cabeça em desaprovação. Ricardo me oferece um sorriso maldoso levando a mão para segurar o braço da ninfeta e trazê-la para o seu lado.

Desta vez, isto não me afeta como antes. Estou anestesiada pelo nervosismo em discutir na frente da juíza as condições que meu advogado pediu para a pensão dos nossos filhos.

— Valentina Almeida de Campos Valverde e Ricardo Valverde — o escrevente nos chama, indicando a porta aberta da sala.

Dr. Schnauzer me conduz, colocando uma mão em minhas costas e sinto meu ex-marido com a ninfeta adentrarem logo atrás.

Sento-me de frente para ele e mal reconheço o homem com quem um dia me casei. Poderia ter a palavra trouxa escrita com tinta permanente na testa pelo resto da vida, pois este homem é a prova viva de que me encaixo perfeitamente no adjetivo.

Meu advogado ignora a ninfeta à sua frente e abre a pasta com os termos do acordo.

— Bom, esta audiência é de conciliação — a juíza inicia. — Então, Doutor, existe a possibilidade de algum acordo?

— Nós apresentamos na inicial, os dados com os gastos dos filhos, Excelência. O valor pleiteado é condizente com os ganhos do requerido, já que possui condição financeira avantajada. — Dr. Schnauzer argumenta.

— Está de acordo com os termos apresentados, Doutor Valverde? — ela direciona-se para Ricardo.

Meu coração segura uma batida ao constatar a expressão maliciosa de meu ex-marido.

Ai, não. Ele vai foder com tudo.

Apoio meus cotovelos sobre a mesa, entrelaçando meus dedos só esperando o baque.

— Não, Excelência. Já que minha ex-mulher tem condições suficientes em arcar com metade dos gastos. Ela não possui qualquer morbidade que a impeça de trabalhar. E aqui, ela pede um valor a mais, com certeza para seus gastos pessoais e não dos meus filhos — ele diz com arrogância.

— Seu... — resmungo, e Dr. Schnauzer coloca a mão em meu braço para que eu me contenha.

— Excelência, os gastos apresentados são as mensalidades da escola, plano médico e dentário, algumas atividades extracurriculares que as crianças fazem e um valor para auxiliar na alimentação. Nada além disso. A requerente se prontifica dos gastos de alimentos, vestuário e moradia. — Meu advogado tenta manter a compostura. Eu já perdi a minha, pois não consigo deixar de olhar para Ricardo sem expressar meu ódio.

Ele possui os termos em sua frente e começa a folheá-los, evitando me olhar.

Como ele pode ser tão mesquinho?

Não estou pedindo nada além do básico.

Não estou ganhando uma fortuna como secretária. Mas, como a casa é minha e tenho carro próprio, as despesas de mercado e outras contas eu conseguiria pagar tranquilamente.

Só não queria que meu pai continuasse pagando tudo, incluindo a escola dos meninos. Isso era obrigação dos pais, e por ora, eu não conseguiria sozinha.

— O valor colocado como alimentação está muito além do que realmente minha ex-mulher costuma gastar com mercado, Dr. Schnauzer. Eu sei. Eu quem sempre paguei o cartão de crédito dela, já que nunca serviu para trabalhar em qualquer coisa. — Ricardo solta seu veneno.

O que foi mesmo que ele disse?

Que eu não prestava para trabalhar? Ah, não. Levanto-me exaltada da cadeira. — Olha aqui, seu cretino.

— Sra. Valentina, Sra. Valentina, aqui não é o lugar para isso. — A juíza me repreende e percebo o sorriso no rosto de Ricardo.

Ele queria isso. Queria me humilhar na frente de todos. Ele queria fazer com que eu perdesse qualquer credibilidade em frente à autoridade que determinaria o valor que nossos filhos tinham para ele.

O que mais me deixa exaltada é ver que este valor é próximo de nada.

Volto para a cadeira ao lado de Dr. Schnauzer e respiro fundo, buscando a calma que sumiu do meu sistema nervoso.

Ouçõ Dr. Schnauzer murmurar para eu me acalmar algumas vezes, e então ele continua a negociação de merda.

— Então, qual seria o valor que o Doutor indica? — Dr. Schnauzer questiona Ricardo diretamente.

— Primeiro, eu modificaria a guarda unilateral da genitora para guarda compartilhada-

— O quê? — Minha voz sai exaltada cortando-o. — Você está de brincadeira. Desde que saiu de casa nunca mais voltou para ver as crianças. O que te faz pensar que eles aceitariam isso?

— Calma, Sra. Valentina — a juíza intervém. — Suas crianças já são adolescentes, neste caso podemos ouvi-los antes de definir qualquer coisa.

Vejo pela primeira vez Ricardo titubear.

É, malandro, aqui duvido que você ganhe.

— Bom, após decidir sobre a guarda é que posso falar sobre a pensão alimentícia, já que o valor será muito menor que este — ele aponta o acordo em sua frente.

— Mas a escola das crianças e o plano de saúde você tem que assumir, Ricardo — Não me contenho e acabo exigindo o direito dos meus filhos.

— O plano de saúde eu posso manter o do escritório. Nós aderimos a uma parceria com um convênio. E quanto à escola, tudo bem.

Finalmente algum senso passou em sua mente.

— Mas, os demais valores ainda devem ser discutidos, bem como a guarda — ele gesticula com desdém.

— Você é ridículo. — resmungo, mas ele ouve.

— Ridículo? — Ele parece exaltado, parece que atinge seu ego por afrontá-lo na frente da ninfeta. — Ridícula é você que nunca foi uma mulher suficiente *pra* mim. Sempre dependente de tudo. Um verme que fez questão de expurgar da minha vida. Isso, sim. Ridícula é você que nunca me deu nada. — Sinto minha respiração acelerar a cada ofensa que sai de sua boca. — Você é e sempre será nada, Valentina. Uma pobre coitada que precisa de uma pequena pensão para conseguir se sustentar, pois não consegue viver por si mesma. Um NA-DA.

Sinto-me com náusea por toda sua agressividade.

Ele nunca falou assim comigo, nem quando saiu de casa.

Quem é esse homem, meu Deus?

Quem?

Minha cabeça começa a rodar e quando tento puxar o ar, este não vem. A ausência de oxigênio me deixa mais e mais zozna, minhas pernas estão bambas e não consigo mais sustentar meu corpo.

Nada... Nada... Você é um nada..., ressoa repetidamente em minha mente, até que...

Desfaço e entrego-me à escuridão.



— Valentina, filha. Acorde... — uma voz aparece lá no fundo da minha cabeça. — Valentina! — Começo a abrir meus olhos e a luz me incomoda um pouco. — Ah, graças a Deus, menina! Que susto que você me deu. — Dr. Schnauzer, está ao meu lado.

— Dr. Schnauzer, o que aconteceu?

— Você desmaiou, menina. Mas está tudo bem agora.

— E a audiência? — Tento levantar o corpo e a tontura me abraça, fazendo-me voltar para a mesma posição de antes. Parece que estou escorada em uma das cadeiras do corredor.

— Ricardo irá pagar a escola e o plano de saúde por enquanto, Valentina. Mas, ainda teremos que passar pela questão

da guarda compartilhada — ele diz amargurado.

— Que merda. Não queria que as crianças passassem por isso — declaro.

— Eu sei, eu sei. Infelizmente, não temos controle sobre tudo.

— Eh... não temos — resmungo.

— Bom... Você está bem agora? — Dr. Schnauzer pergunta, levantando-se. — Tenho outra audiência daqui a dez minutos e ainda não falei com meu cliente.

Dou-lhe um sorriso amarelo.

— Estou bem, Doutor. Obrigada por cuidar de mim.

— Logo após seu desmaio, corri para acertar pelo menos nossa pequena vitória antes que Ricardo fugisse. Ele tentou levantar e sumir, mas sua estagiária o segurou na sala. Percebi que até pediu para te ajudar.

Ai, que merda. A ninfeta tem bom coração, por acaso?

Pobre coitada, mal sabe o que a espera.

— Então, não preciso mais da esmola do meu pai para a escola das crianças?

— Não, querida. Isso não.

Respiro aliviada um pouco. Não tinha conseguido tudo e agora tinha outro pepino para enfrentar.

Meus filhos ficariam tão chateados. Ricardo não quer guarda compartilhada, só quer demorar o máximo que puder para pagar o valor integral da pensão.

Que homem horrendo!

Meu estômago começa a embrulhar, mas aí me lembro de que não comi nada nem para vomitar.

Talvez o embrulho fosse mesmo fome.

— Você está bem, então? — Doutor Schnauzer dá mais uma conferida em mim.

— Sim, Doutor. Obrigada por ora.

Ele acena e segue pelo corredor, dobrando para a direita.

Fecho meus olhos e me arrependo de não ter almoçado.

Meu desmaio poderia ter sido evitado se eu tivesse algo no estômago. Quem sabe aí ao invés de desmaiar eu não vomitasse na cara de Ricardo.

O canto da minha boca sobe em um leve sorriso com a ideia.

Respiro fundo e me levanto. Eu preciso comer algo com urgência. Deve ter alguma cafeteria aqui por perto, onde eu possa comer um salgado e sobreviver até chegar em minha casa.



Será que existe horário do *Rush* nas cafeterias em volta do fórum?

Olho ao meu redor, segurando uma bandeja com um cappuccino e um lanche natural que peguei no balcão, com a comanda para pagamento.

O número da comanda é 112. Se isso corresponder ao número de pessoas que estão neste ambiente, acredito que passamos longe da lotação mínima de cinquenta pessoas que anunciava na porta.

— Com licença... Desculpe-me... — Passo resmungando entre as pessoas, procurando por uma mesa.

Já estou desistindo quando ouço uma voz rouca ao meu lado.
— Pode-se sentar comigo.

Demoro um pouco para me situar e quando encaro o dono da voz, dou um passo para trás.

Santo do tesão acumulado, abana minha calcinha!

O que é isso minha gente?

Olho ao meu redor para ter certeza que o modelo da Vogue está falando comigo mesmo.

Além das pessoas em pé, não havia lugar para sentar, concluo que é comigo mesmo. Quando volto a encará-lo, sua expressão divertida me quebra.

O loiro sorri torto, após retirar seu garfo da boca e deixá-lo para cima, esperando minha resposta.

— Nã-não vou incomodar?

— Claro que não. Já estou saindo, de qualquer forma. Melhor você aproveitar. — Ele gesticula para o assento em sua frente.

— O-obrigada. — Sento-me e fico cabisbaixa por um momento, recompondo-me do momento *‘babação no desconhecido’*.

— Você está bem? — O modelo puxa conversa.

Deus! Ele nem precisava falar. Só ficar ali paradinho já estaria fazendo sua parte em melhorar o mundo como um todo.

Beberico a xícara de cappuccino e respondo:

— Sim. Só estou me recuperando de um desmaio recente na sala de audiência — balanço a cabeça em direção do prédio lá de fora, dizendo para o sujeito que nunca vi na vida que acabei de sair do fórum.

Mas que merda. Onde que estou com a cabeça?

— Com licença — o deus-grego pega meu pulso. — Eu sou médico, posso ver se sua pressão está normal.

Por acaso eu pedi para ele medir minha pressão?

Acho que não.

Então, por que você está imóvel enquanto ele segura seu braço e olha para o relógio? — Fica quieta consciência! Por mim, ele pegaria no braço, no pescoço, no peito...

Ah... será que colocar a cabeça sobre meu peito não é melhor para ouvir meu coração?

— Você tem pressão baixa?

— Uhm? — Ele perguntou o quê?

— Sua pressão. É baixa?

— Ah, não que eu saiba. Sempre foi normal, doze por oito. Por quê? — Sento mais ereta na cadeira. Comporte-se Valentina.

— Está dez por seis. Melhor comer logo seu lanche e esperar um pouco antes de ir. — Meu novo médico recomenda.

Estranho que ele ainda não soltou meu braço.

— Acho que vou precisar das duas mãos pra isso — digo baixinho como se fosse um segredo. Ele ri da brincadeira e me solta, desculpando-se. Sorrio de volta.

— Também estou meio zozinho. Acho que todos nós ficamos com o zum-zum-zum deste lugar.

— Você também estava no fórum?

Ele acena em afirmativo. — Assinando papéis do divórcio e acertando as visitas do meu filho.

Arqueio as sobrancelhas em compreensão.

— Parece que foi tranquilo pra você.

— Não tinha nada mais para discutir. Minha ex também é médica e o relacionamento acabou há anos. Só estávamos arrastando o inevitável. Não tive problema em aceitar o valor que ela colocou como pensão. Estava razoável. — Ele colocar outra garfada que parece ser uma torta doce em sua boca.

— Estou com inveja branca da sua ex. Não me entenda mal. Mas, não tive a mesma sorte. — Mordo meu lanche e não contendo um pequeno gemido ao sentir o sabor.

Existem vários tipos de lanche natural, mas este aqui, com frango desfiado, molho e todos os verdinhos necessários, está demais...

Ou eu que estou varada de fome mesmo.

Quando termino minha sessão de prazer na degustação, levanto o olhar para meu companheiro de mesa. Ele está com o canto da boca levantado em um meio sorriso, observando-me.

O modelo da Vogue debruça sobre a mesa, apoiando os cotovelos e sussurra:

— Se fossemos íntimos, diria que você acabou de ter um orgasmo só com essa mordida.

— Se fossemos íntimos, diria que está completamente certo. — Sorrio. — Cara, isso aqui está fenomenal.

Ele ri.

— Vou pedir um para viagem, então — afirma. — E quanto ao seu ex, ele deve ser um filho da puta.

— Ele é — confirmo. — Desculpa... mas, qual o seu nome?

— Humberto. Humberto Guerra. E o seu?

— Valentina. Valentina Almeida de Campos. — respondo. — Nossa... Como é bom usar o nome de solteira — rio.

— Qual era o nome de casada? — indaga e não estranho sua pergunta, pois já falei mais do que devia de qualquer forma.

— Valverde — respondo com uma careta. Era Valentina Almeida de Campos Valverde.

— Uhm... Você é a ex do Dr. Ricardo Valverde? — Humberto parece surpreso.

— Conhece meu ex-marido, Dr. Humberto? — questiono erguendo o queixo.

— Não... Ele é conhecido em ser um ótimo advogado. Você deve saber. — Sua resposta é rápida demais. Porém, ele não estava completamente errado.

É... eu sabia.

Meu ex-marido ganhou a fama e rolou na cama como um dos melhores advogados da cidade. Ele construiu uma pequena fortuna com a união dos escritórios quando nos casamos.

E por que inferno não queria pagar a pensão alimentícia? Saco!

Às vezes eu desconfio que meu pai está envolvido nessa briga idiota. Alguma guerrinha de nervos no escritório poderia estar rolando e essa maldita ação de alimentos é a barganha.

Cheguei a questionar papai, mas ele desviou o assunto e não consegui mais pressioná-lo.

— Se ele fosse metade disso como pai ou marido... — limpo minha boca com o guardanapo, — talvez eu não estivesse aqui.

— Você parece frustrada com muitas coisas, Valentina — ele conclui.

Ah...! Você não faz ideia. Ou faz..., porque o maldito desliza a língua vagarosamente pelos lábios, limpando um pouco do creme do seu doce.

O que é isso meu Deus?

Meus olhos desobedientes seguem o movimento, totalmente hipnotizados. Se ele lambesse a tampinha de um iogurte não seria

tão sensual quanto isso.

E para finalizar minha pequena humilhação por estar salivando por conta da tentação em forma de gente, Humberto se levanta com um sorriso convencido.

Foda-se!

Hoje eu já me lasquei na audiência, desmaiei e quase morri de fome. Não me importo que este médico MA-RA-VI-LHO-SO perceba que estou de quatro por ele...

Ops! De quatro? *Ah, se estivesse...*

— Aqui, Valentina — ele coloca algo embaixo de minha mão e dobra o corpo para sua boca alcançar meu ouvido. — Talvez eu e um amigo possamos resolver um dos seus problemas. — Sinto o leve roçar de seus lábios em minha bochecha, com promessas de algo mais, antes que ele saia.

Estou com o corpo em chamas e respirando pela boca, já que minhas narinas esqueceram que fazem parte do sistema respiratório.

Fecho o punho, sentindo o que Humberto deixou ali.

Um cartão.

Quando tenho certeza, que ele já foi embora da cafeteria, abro um dedo de cada vez revelando o pequeno retângulo.

Tenho que piscar algumas vezes para ter certeza do que estou vendo. Viro-o de um lado para o outro e... Não contendo a gargalhada.

— Você está de brincadeira, Deus?! — digo em voz alta, mirando um céu imaginário sobre minha cabeça. Olhares curiosos viram-se em minha direção. Ai merda. Levo a mão à boca, mal contendo a risada.

Acho que acabei de conhecer o parceiro de foda do médico do mercado.

Rio mais alto ainda, me abanando com o cartão preto de letras douradas.

Já está mais que na hora da minha vida ser fodida de um jeito que eu queira e tenha opção de escolha, não?

E, principalmente, que eu goze antes, durante e depois.

CAPÍTULO 6

Eu consigo.

Vamos lá, Valentina.

É só empurrar a porta...

É isso que está escrito, né? Sempre confundo o tal do *'push'* e *'pull'* que indicam o movimento de abrir e fechar das portas.

Por que não coloca uma plaquinha escrita *'empurre'*?

Não...

Tem que ser justo em inglês... Para nós, simples mortais, quando lermos *'push'* temos a tendência de puxar ao invés de empurrar.

O nervosismo é tanto que primeiro puxei e depois empurrei a porta.

Ansiedade, nervosismo e total insegurança tornam-se meu sobrenome.

“Seja audaciosa, Tina! Você merece isso!”, as palavras de Ingrid ressoam em minha cabeça como um mantra para me encorajar a continuar. Respiro fundo e sigo.

O endereço que a secretária passou me trouxe para um prédio comercial tão chique que tenho até medo de sujar o chão de mármore branco da recepção lá debaixo.

Há vários elevadores com pessoas de terno, mulheres com roupas tão elegantes que poderiam ir para uma festa de gala. Se não fossem duas horas da tarde, eu poderia ter certeza que é para onde a maioria está indo.

Mas, eu vejo outras pessoas com roupas mais normais como calça jeans e camiseta.

O prédio é gigante e, pelo que entendi, cada andar serve para alguma coisa. Há "uma espécie de mapa de metrô" em uma parede, para os menos desavisados e perdidos encontrarem seus rumos.

Passo reto e começo a recitar mentalmente as informações da mulher estranhamente contente ao telefone quando pedi para me explicar o endereço do consultório médico *especial*.

Quando o elevador faz o '*plim*' sugerindo o sétimo andar, solto um leve gritinho de susto. Nunca fiquei tão apreensiva assim na minha vida.

Eu não sabia o que vestir e nem se colocava alguma *lingerie* mais sofisticada. Então, fiz como todos os dias. Escolhi um conjunto preto de renda sem tanta frescura... É de renda..., está muito bom, não?

E vesti uma das roupas que já estava acostumada a ir trabalhar. Eu fiquei no escritório nas reuniões principais do Sr. Rodrigues e à tarde vim pra cá.

Ai, Deus!

Ainda encaro meus *scarpins* depois de ter empurrado a dita porta que abria apenas com o empurrar na trava.

Observei que nos outros andares, há antessalas com mais de uma porta, o que não acontece neste andar aqui. É como se tivessem feito uma reforma nesta ala para o caminho ser apenas um e direto para o *push*/empurre.

O ambiente é ainda mais claro do que a recepção do prédio. Tomo coragem e levanto o olhar para examinar o local. A primeira coisa que vejo é uma pequena sala de espera, com um sofá de dois lugares na cor creme e duas poltronas marrons. Uma típica sala de espera.

A mulher muito bonita atrás do balcão está entretida digitando algo em seu notebook. Aproximo-me com cautela.

Seus cabelos são totalmente loiros platinados, bem curtinho, com uma longa franja jogada para o lado do rosto. Ela sobe o olhar com uma caneta na boca e me analisa de cima a baixo.

Deve ser a secretária com quem conversei ao telefone.

— Bo-boa tarde — digo, apreensiva. — Me chamo Valentina e... — Mas que merda... Minha garganta está seca, tento molhar os lábios com a saliva inexistente e fica bem pior. Solto o ar numa lufada sonora, fechando os olhos.

Não há necessidade disso.

— Olá, Valentina. Ou prefere que a chame de Dona Valentina? — A secretária pergunta ainda me analisando, com uma expressão que não consigo definir se é diversão ou curiosidade. Pela voz, identifico que é realmente a tal secretária.

— Valentina está ótimo. Eu tenho uma consulta com Dr. Juliano e Dr. Humberto — pego os dois cartõezinhos e mostro para ela que agora parece surpresa.

— Você recebeu o cartão *dos dois*?

Meneio a cabeça em afirmativo.

— Nossa... — ela assobia. — Isso é a primeira vez.

Não sei por que meu peito se estufa com a informação. É a primeira vez, depois de muito tempo, que sinto meu ego sendo acariciado e a sensação é boa. *Muito boa.*

— Eu havia anotado aqui que a indicação era do Dr. Juliano, mas pelo visto, terei que mudar — o canto de sua boca levanta-se em um meio-sorriso. — Vamos lá, Valentina. Aqui tem um termo de sigilo que preciso que assine. Tudo que acontece neste lugar, incluindo o endereço da clínica deve permanecer em absoluto segredo. É uma forma de proteger nossos profissionais e nossas pacientes.

Ela empurra para mim um documento com uma caneta sobre o balcão. Leio rapidamente, verifico o espaço para preencher meus dados e logo abaixo um tracejado para assinatura, sendo que já constam duas assinaturas logo abaixo.

— Eles já estão aqui? — questiono de pronto.

— Eles parecem mais ansiosos que você, garota. Acho que despertou algo nos meninos — a secretária diz em tom de deboche.

— Primeiro, eu não sou garota; e segundo, não tenho nada de especial — digo enquanto assino o papel.

— Você tem espelho em casa?

— Tenho.

— Está trincado ou algo assim?

— Não... é que...

— Mulher, você é gostosa *pra* caralho — ela se joga no espaldar da cadeira. — Eu já vi várias mulheres lindas entrarem por aquela porta, mas você é do tipo que arrasa quarteirão.

Não sei se o elogio fazia parte do pacote, mas mesmo sendo grosseiro, me deixou um pouco mais confiante.

— O-obrigada... — devolvo.

— Bom, agora vamos lá. Esta é sua oportunidade de perguntar tudo o que precisa antes de entrar no consultório.

— Perguntar?

— Claro... Acredito que você tenha muitas dúvidas rondando esta sua cabecinha. Caso contrário já teria conseguido você aqui na primeira semana. Você deu uma canseira no Dr. Juliano, garota. Até eu teria dificuldade em falar um '*não*' para ele. E olha que sou gay, gata.

— É que... Eu não entendo. Por que eles fazem isso? — pergunto. — Não que não entenda ser talvez uma tara, sei lá... Mas, eles são lindos... Esse mistério todo. E escolher mulheres fracassadas...

— Opa... Pode parar. Você não é fracassada. Nem nenhuma delas são. As mulheres que entram aqui buscam algo que muitas vezes já existe dentro delas, mas precisam de uma mãozinha extra... ou quatro, se é que me entende, para desvendar.

Solto um riso frouxo.

— Eu não sei como que um dia de orgia irá me ajudar... Mas, estou aqui e... — sugo meu lábio inferior pra dentro da boca. — Eu quero sentir...

— Não posso garantir nada, lindona. Porém, como já te disse por telefone, todas mudaram suas vidas. E algumas quiseram até

repetir... Contudo, eles não podem fazer isso.

— Não podem ou não querem? — insisto no assunto. Isso está cada vez mais cabeludo e olha que estou toda depilada.

— Não podem. Por isso, pergunte. Estou aqui para sanar suas dúvidas.

Espero alguns segundos para meus pensamentos voltarem a fazer sentido.

— Por que eles fazem?

— Uhm... Você é a segunda que faz essa pergunta. — Ela sorri. — A maioria queria saber o que aconteceria lá dentro. Bom... é confidencial, mas tudo aqui é. Então... isso é um rito de passagem. Vamos dizer que existem alguns médicos loucos por aí que querem melhorar a vida de pessoas e *pra* eles participar de algumas fantasias sexuais pode abrir caminhos na mente humana.

— É um teste de laboratório, então? Somos cobaias de alguma experiência? — minha voz sai estridente.

— Pode se dizer que sim... Os garotos, *médicos*, mudam depois de um tempo. Não sei ao certo dizer como funciona. Só sei que esses dois têm sido os mais divertidos.

— Eles fazem isso há quanto tempo?

— Um ano e pouco, acho. Mas, já está na hora de mudar. Logo, logo não serão mais eles. E nem será mais este lugar. A clínica muda de tempos em tempos para manter o sigilo e o ciclo de renovação.

— Isso é muito maior, então... — sibilo.

— Mas para você não será nada além disso aqui. E os rapazes só farão o que você quiser... Tudo o que acontece é consensual.

Oh, meu Pai!

O negócio é bem maior que uma mera foda. Se o que ela diz é verdade, tudo faz parte de um experimento. E ela ainda afirma que o resultado tem sido favorável na vida de todas que passam por ele?

É isso mesmo, Deus?

Pressiono minhas têmporas com ambas as mãos, apoiando os cotovelos no balcão.

— Isso é demais...

— É nada, garota... Você só terá uma tarde delícia, com dois caras gatos que estarão aos seus pés — a secretária argumenta, de modo casual.

— Não sei o que pensar... Nem o que fazer. — Olho para a lateral da sala e me vejo refletida num espelho que até então não havia percebido.

O que está ali não me agrada. Enxergo uma mulher vestida como secretária, totalmente séria e nada da garota sonhadora que um dia fui.

Nunca me imaginei assim na vida adulta.

Eu sempre quis trabalhar com publicidade e até brincava com Ingrid sobre ir trabalhar de short e tênis. Talvez até de pijama se me desse na telha, pois eu estaria na minha empresa...

E onde estou?

Em lugar nenhum.

Tudo porque deixei pessoas escolherem minha vida.

Deixei todos os meus sonhos em *stand by* para viver uma vida que não é minha.

— O que você quer, Valentina? — A mulher atrás do balcão pergunta.

O que eu quero?

Eu quero escolher o que vou comer sem me preocupar com a balança. Eu quero escolher o que vou vestir sem me importar com os outros. Eu quero trabalhar em algo que gosto e não sentir que estou trabalhando pelo resto da minha vida. Eu quero conhecer meu corpo. Eu quero satisfazer meus desejos e neste momento... *eu quero ser tocada por dois médicos e não em um exame clínico.*

— Eu quero minha consulta — respondo e recebo um sorriso. Ela se levanta e pede para acompanhá-la.

Seguimos por um corredor, até uma porta entreaberta.

— Você vai querer a fantasia médico paciente, querida?

— Sim — digo com firmeza, uma vez que a incerteza evaporou lá na sala de espera.

— Aqui é uma antessala — ela abre e visualizo duas portas uma de frente para a outra. — Aqui é o banheiro onde irá tirar toda a roupa e vestir uma das camisolas, com a abertura para frente — a secretária aponta a porta à direita. — Quando estiver pronta, é só atravessar este cômodo e entrar ali. Tudo bem?

Assinto com um leve movimento de cabeça.

— Aproveite, Valentina. Isso só vai acontecer uma vez em sua vida — sussurra e sai.

Caminho até o banheiro que me lembra o consultório da minha ginecologista, com uma pia, um vaso sanitário e um chuveiro higiênico, e dois armários, onde em um consta as palavras camisolas limpas e no outro, usadas.

Tiro minha roupa estendendo a saia e a camisa sobre a pia. Fico receosa em tirar minha calcinha. Ela disse que aconteceria tudo o que eu queria, por isso decido continuar com ela, dispensando apenas meu sutiã.

Visto a camisola descartável com a abertura para a frente e penso algumas vezes se quero ou não entrar naquela sala sem meus sapatos de salto. Mais uma vez, incluo um item novo à consulta médica e permaneço em meus *scarpins*.

Solto meus cabelos e quando olho para o espelho sobre a pia, vejo uma Valentina diferente..... ousada... decidida.

Atravesso a antessala e abro a porta devagar. O lugar está com a luz apagada e as janelas fechadas, o que deixa o ambiente mais aconchegante.

Uma maca com uma escadinha está logo à frente, com os suportes para os joelhos que vemos para deixar nossas pernas abertas em exames de ultrassom intravaginal. Percebo a existência inclusive de um aparelho desses, com uma tela ao lado da maca.

Será que eu sairia daqui com algum exame em mãos?

O barulho de outras respirações próximas chama minha atenção.

Percorro a saleta com o olhar e vejo um homem num jaleco branco encostado na parede atrás da maca e outro na lateral, ambos com os braços cruzados sobre o peito.

Um deles parece mais agitado.

Pisco algumas vezes até meus olhos se acostumarem com a penumbra e aí sim conseguir identificar quem era quem.

Eles se entreolham, mas permanecem inertes em seus lugares, apenas me observando.

Depois de alguns instantes, o jaleco da lateral se aproxima e a voz aveludada do mercado me causa calafrios, enquanto dedos longos percorrem meu braço nu.

— Por que demorou tanto, Valentina?

— Porque você não me convidou para um simples café, Dr. Juliano. — retruco.

— Se soubesse que um simples café a traria antes, teria te levado naquela madrugada mesmo. — O hálito quente assopra em meu pescoço, quando ele me rodeia por trás, mantendo agora as duas mãos subindo e descendo em meus bíceps.

Sinto a mesma eletricidade daquele dia a cada toque de sua pele na minha. Um pequeno gemido me escapa.

— Posso te examinar?

Acabei de desaprender a falar, então balanço a cabeça em afirmativo.

— Preciso que você se sente na beirada da maca e posicione seus joelhos nos suportes, um de cada lado. Você vai abrir essas lindas pernas pra mim — Juliano diz em um tom sensual. Ele levanta o olhar para Humberto. — Dr. Humberto pode te examinar também?

Não tinha percebido, mas o outro médico já estava sentado em uma banqueta ao lado da maca aguardando, com malícia no olhar.

Algo que deveria me incomodar, mas naquela atmosfera de sensualismo que Juliano já havia construído ao meu redor, parecia certo.

— Sim — sussurro. Ele me vira, posicionando-me conforme havia falado e empurra meu corpo na maca.

— Queria me mostrar sua calcinha, Valentina? — sorri maroto.

Olho para baixo e lembro que não tirei.

— Gosta do que vê, doutor? — Uma confiança que não é minha me faz instigá-lo.

Ele morde o lábio inferior.

— Muito...

Afasto-me dos seus braços e deito-me na maca, dando atenção agora para Humberto que estava me aguardando na cabeceira.

Juliano coloca minhas pernas em cada suporte. Detalhe, *com a calcinha*.

O que será que ele vai fazer?

— Você já tinha um cartão naquele dia — Humberto explicita o que já sabia. — Acho que minha sintonia com Juliano está mais conectada que o normal. Já que nós dois escolhemos você.

Levo minha mão a sua boca, calando-o.

— Vamos brincar de médico, doutor. Não importa quem me deu o quê. Eu estou aqui e vocês também.

Consigo tirar-lhe um pequeno sorriso, enquanto dedos hábeis deslizam suavemente no interior de minhas coxas. Um beijo molhado é depositado na curva posterior do meu joelho, seguido de uma leve mordida.

Meu sexo responde apertando os músculos internos da minha boceta ansiosa por atenção.

— Está bem. Eu vou fazer um ultrassom de mama enquanto que Dr. Juliano irá dedicar-se ao intrauterino, tudo bem?

— Tudo bem, doutor — digo, seguindo o *script*.

Humberto desliza a camisola para a lateral revelando meus seios para os dois homens. Na sequência, ele espalha lubrificante no aparelho e depois no meu seio. Sinto um leve cheiro de morango e a ruga em minha testa parece ser notada por ele.

— É comestível, Valentina. — Ele sana minha dúvida.

O visor da tela é preenchido pelas imagens cinza que indicam um real exame de mama, especialmente quando ouço o médico dizer:

— Você tem prótese? — Sua cara é de espanto.

— Ahn, sim...

Ele limpa a garganta e continua o movimento do aparelho ao redor do mamilo. — Está posicionada corretamente, Valentina. Nenhuma alteração. Você fez reconstrução das mamas? — Ele parece olhar mais para meu peito agora de forma clínica.

— Após amamentar gêmeos, nada mais justo este presente, não é mesmo? — rechaço a pergunta que sempre veio com preconceito.

Eu sempre vivi o julgamento inverso das pessoas. Tudo o que eu fazia era errado. Até porque reconstruir as mamas foi minha última tentativa em atrair Ricardo sexualmente.

Não tive o resultado almejado, óbvio.

— É que... sobre a pele, não dá *pra* ver. Tudo bem que estamos sem luz também... Mas é muito natural. Ele enfiou pelo bico? — Assinto e agora percebo que o intuito de Humberto era outro e até me sinto um pouco encabulada. — Você é perfeita, Valentina. — Sua voz sai com admiração.

Ah, porra!

Tem um cara lindo passando um negócio gelado nos meus seios e dizendo que sou perfeita...

Estou sonhando, né?

Ele pega um lenço de papel e começa a limpar o excesso do gel lubrificante, ainda analisando meu peito. O ar frio e o toque do papel fazem meus bicos enrijecerem.

Humberto percebe e aproxima-se com a boca. Ele assopra e me encara, fazendo minha respiração ficar descompassada.

— Agora é a minha vez aqui, linda — Juliano puxa minha calcinha para o lado e começa a introduzir a cânula com a câmara em minha entrada. — Relaxe... você parece tensa.

— Um pouco — digo, e percebo que Humberto não se afastou do meu seio, mas, sim, o contrário, ele começa a roçar seus lábios de leve sob o mamilo.

— Eu posso ajudar com isso — o moreno entre minhas pernas chama de volta minha atenção.

— Co-como? — Minha voz mal sai. Ele nem precisava passar lubrificante, eu devo estar deslizando por conta da excitação.

— Assim...

E sinto a pressão logo acima de meu clitóris, enquanto o aparelho movimenta-se de forma que a imagem não é o objetivo final.

— Ainda não vejo o que preciso, Valentina. Talvez assim — Juliano empurra mais o aparelho dentro de mim e alcança com a ponta do objeto o ponto G, fazendo um vai e vem contínuo.

Não contenho os sons incoerentes que começam a sair de minha boca, ainda mais quando sinto meu seio ser sugado de repente e lambido por Humberto.

— Ah, Deus! — gemo.

— Deixa vir, linda — Juliano fala com a voz rouca, e quando os estímulos me fazem gritar, sinto não apenas dedos, mas, sim, uma boca quente no meu clitóris chupando ferozmente sem parar. Grito e explodo em mil pedaços, tendo meus seios envolvidos por Humberto em suas mãos e boca, enquanto meu centro é chupado e mordido por Juliano.

— Que boceta delícia... — meu médico moreno diz e lambe minha virilha em ambos os lados. — Quero me enterrar aqui dentro — ele já tinha tirado o aparelho e agora beija lentamente a parte interna da minha coxa em direção ao joelho. — Você tem a pele tão macia. A pele de um *bebê*.

Sorrio com a comparação, sentindo o roçar de seus lábios em minha pele. Me perco nas sensações que os dois médicos estão me proporcionando.

Humberto sobe na curva de meu pescoço beijando e raspando os dentes de leve até alcançar minha boca em um beijo faminto. No instante que nossos lábios se movem em uma dança pecaminosa, Juliano volta a chupar minha boceta com a boca aberta.

Estou sendo consumida em cima e embaixo, por duas bocas que sabem o que estão fazendo para enlouquecer qualquer mulher.

A sensibilidade do primeiro orgasmo ainda remanesce em pequenos espasmos, contraindo meu abdômen.

Sinto a segunda onda de prazer se formar, e Juliano também sente com a pressão que minha musculatura interna faz em sua língua invadindo minha entrada.

Ele se afasta, e como antevendo o que faria, uma camisinha está pronta ao seu lado.

Meu Doc. 1, penso ser melhor identificá-los assim por ora, desenrola o látex por seu comprimento e devagar começa a introduzir seu membro em minha abertura.

Suas mãos seguram com força meu quadril e a grossura de Juliano faz meu canal arder um pouco.

— Sssshhh... — Humberto ressoa em meu ouvido. — Eu também quero entrar ali, linda. Você tem que dar conta dele. — Devo ter chiado com a invasão.

Mas, caralho! O cara era grande.

Juliano começa a estimular meu clitóris com o dedão.

— Está melhor, bebê? Posso ir mais?

Bebê... Ele diz o apelido com tanto carinho, que me sinto mais e mais à vontade com ele.

— *Uh-hum* — murmuro, dando permissão. E ele acelera mais. Ele ainda não havia colocado tudo e agora eu estou completamente preenchida.

Humberto continua massageando meus seios e invadindo minha boca com sua língua habilidosa.

Os sons dos meus gemidos se mesclam aos de Juliano e Humberto desce até meu pescoço, chupando e mordiscando a curva do ombro, murmurando palavras de incentivo ao meu prazer.

O tempo todo, ambos dizem o quanto sou linda, perfeita e como meu corpo lhes dá tesão.

Juliano impulsiona mais algumas estocadas, e outro orgasmo percorre meu corpo como um *tsunami* devassando todos os meus sentidos.

Ele me segue e o barulho que faz quando goza me arrepia inteira, querendo mais.

Os dedos de Humberto deslizam por minha barriga acalmando o tremor deixado pelos espasmos do clímax. Juliano se afasta e vejo quando joga a camisinha no chão.

Ele retira meus joelhos do suporte e me coloca sentada, ajoelhando-se em minha frente e beijando minha barriga, descendo aos poucos.

Humberto, logo atrás de mim, puxa meus cabelos para o lado e segue beijando meu ombro.

— Eu quero vocês sem roupa — peço.

Juliano me encara com um sorriso torto, levanta-se e começa a tirar o jaleco. Olho por sobre o ombro e Humberto segue despindo-se conforme meu pedido.

Quando vejo os dois médicos nus, perco a noção de como respirar por estar na presença de dois deuses gregos à minha disposição. Seus corpos definidos me fazem salivar, querendo provar o banquete servido especialmente para mim.

Juliano possui ombros mais largos e seu pênis é um pouco mais avantajado que o de Humberto. Porém, o outro médico não deixa nada a desejar. Os quadradinhos do tanquinho desenhados em seu abdômen é o caminho do pecado para a virilha que exhibe um membro rijo e grosso.

Os dois são com certeza o reflexo da perfeição humana.

— Pelo que vejo, a vista agradou, *bebê* — Juliano soa convencido.

— Muito. — Não nego.

— Vamos trocar — Humberto sugere e Juliano abre espaço para o outro posicionar-se em minha frente. — Eu quero te provar diferente, linda.

Inclino minha cabeça, não entendendo, até que Humberto me vira sobre a maca, deitando-me de bruços e deixando minha bunda em sua cara.

Ele desce minha calcinha e a tira, passando por um pé, depois o outro. Sua boca logo encontra minha boceta e sua língua úmida me invade várias vezes.

Juliano não se queda inerte e deposita pequenos beijos por toda minha espinha.

Audaciosa, levo minha mão até seu membro e seguro sua base. O Doc. 1 geme e então coloco o máximo que consigo em minha boca, no entanto sua espessura não permite chegar até minha garganta.

Acho que nem uma profissional conseguiria isso. Mas dou o meu máximo e o que não consigo chupar do seu pau, pressiono com minha mão.

Humberto continua me lambendo do clitóris até a entrada, subindo cada vez mais como se testando as águas em meu buraco apertado.

Eu experimentaria tudo hoje.

Empino minha bunda mais para ele, enquanto que sugo com mais força Juliano, enlaçando toda a circunferência com minha língua. Ele segura meus cabelos em um punho fechado na nuca e auxilia para encontrar o ritmo que lhe agrada.

Meu médico loiro — Doc. 2 — começa a embocar a língua em meu ânus vagorosamente. Na sequência, substitui por um dedo, e depois por dois, não deixando de estimular meu clitóris.

Os dedos aumentam e a intenção fica bem mais clara.

— Quem você quer aqui, linda? — Humberto pergunta e fico confusa por um instante. A lógica seria aceitar o loiro já que é ele que está me alargando e que causaria menos estragos, mas meu juízo aponta para o pau que está em minha boca.

Seria minha primeira vez dando o cu, e eu queria dar isso para Juliano.

— Quero você na frente — respondo para Humberto, ainda sentindo a grossura de Juliano em minhas mãos.

O moreno coloca o indicador em meu queixo, fazendo-me olhar para ele.

— Tem certeza? Eu sou grande, *bebê*.

— Tenho. — respondo ofegante. — Mas não sei como fazer isso.

— Vou ser carinhoso com seu cuzinho, bebê. Só vou até onde você aguentar — ele diz, conforme me levanta da maca. — Você está no comando, lembra?

Balanço a cabeça concordando. Ele me vira para Humberto, que não parece decepcionado em ceder meu cu para o amigo.

— Segure-se nele e sente-se na beirada da maca só com um lado dessa bunda gostosa.

Assim que olho para Humberto, ele me envolve em um beijo ardente e começa a me invadir pela frente de uma vez. Estou um pouco dolorida, mas o prazer ainda se sobressai.

Ele me penetra com ferocidade no início, para depois seus movimentos ficarem mais calmos.

Sinto a mão de Juliano descer por minha barriga até alcançar meu centro, apenas para manter todos os pontos de prazer estimulados.

Ele circula meu clitóris com dois dedos, e com a outra mão lambuza lubrificante nas rugas do meu buraco, até então intocado.

Humberto continua estocando lentamente e Juliano posiciona seu membro em meu ânus. Assim que a cabeça ultrapassa o anel, enrijeço o corpo. Tanto Humberto quanto Juliano param de se movimentar.

— Você vai gostar, bebê. Relaxe — Juliano assopra em meu ouvido, fazendo meu corpo se arrepiar.

— Vai ser bom, linda. — Humberto suga um mamilo intumescido em sua boca. — Você aguenta — ele afirma.

— Toda gostosa, Valentina. E esse cu apertado é uma delícia. Arrebita essa bunda *pra* mim — Juliano fala rouco no pé do meu ouvido, enquanto movimenta os dedos em meu clitóris cada vez mais rápido.

Meu tesão toma controle e deixo-o me invadir, suportando a ardência. Ele empurra lentamente e a sensação de estar sendo preenchida pelos dois lados é arrasadora para meus sentidos.

Estou com medo de desmaiar.

— Meu pau está inteiro enterrado em sua bunda, bebê — ele diz baixinho. — Eu quero que você grite quando gozar *pra* gente te seguir.

Meneio a cabeça em afirmativo e meus médicos começam a me invadir pela frente e por trás, lentamente no início e depois encontram um ritmo mais acelerado, onde os dois possam permanecer dentro de mim.

Humberto não para de chupar meus seios, alternando entre eles e Juliano mantém a pressão no montinho de nervos, dedilhando para cima e para baixo conforme fode meu cu.

Pierre sempre enfatizou o quanto isso era bom e eu nunca cogitei a ideia. *Se o sexo normal era difícil, imagine esse.*

Meu corpo passa a tremer com pequenos tremores, indicando o orgasmo crescente. As ondas de prazer me consomem em todos os pontos certos.

A eletricidade combina com um formigamento que surge em meu interior como chamas se alastrando do núcleo até as extremidades de minhas terminações nervosas.

Ofego com a sensação de combustão que se expande cada vez mais e extrai toda a energia do meu ser, fazendo-me convulsionar e gritar ao mesmo tempo, durante alguns minutos.

Algo que sempre ouvi falar, mas que nunca havia sentido: o clímax prolongado por mais tempo.

Grito e grito me entregando ao melhor orgasmo da minha vida.

Continuo nas nuvens enquanto Humberto e Juliano perseguem seu prazer usando meu corpo, mas o sentimento é que eu quem fui gratificada... e não eles.

Pontos escuros aparecem na parede que estou encarando, aumentando e aumentando até tudo ser apenas um borrão negro. Fecho os olhos, sentindo meu corpo mole.

A exaustão pela sequência de prazer é tanta que me entrego e desfaleço nos braços dos meus médicos.

Eu disse que ia desmaiar, não disse?

Faço isso tranquilamente, pois de uma forma ou de outra, eu me sentia segura, fosse por confiar nesses dois homens sem qualquer motivo e razão, fosse pelo simples fato de serem profissionais da medicina.

Não importa.

Eu sabia que estava segura e como nunca em toda minha vida satisfeita.

CAPÍTULO 7

Marquei na agenda a reunião das nove horas de amanhã. Mandei dois ternos para a lavanderia e limpei toda caixa de entrada de *spams* do e-mail do meu chefe.

É...

Nada mais para um normal fim de tarde de uma segunda-feira.

Olho a cidade refletida na janela espelhada na lateral da sala. A imagem do céu alaranjado com o sol desfocado e brilhando entre nuvens que variam do lilás para o azul no meio do arranha-céu de prédios é algo surreal. Solto um leve suspiro e cruzo meus braços ao redor do corpo.

Este é o mesmo crepúsculo que vi ao sair da minha consulta médica há mais de uma semana.

Apoio o peso em uma das pernas e lembro como esse pequeno movimento me fazia lembrar daqueles dois médicos em cima de mim nos dias seguintes. Porém, agora, a dorzinha gostosa passou.

Droga!

Nunca ficar assada foi tão bom em toda a minha vida. Eu poderia tornar-me uma cliente assídua das pomadas de assadura se isso significasse ser tocada e desejada como naquele dia.

Ainda mais por homens tão... não encontro adjetivos para aquilo. Perfeitos, maravilhosos, gostosos, sensacionais...

Não têm fim.

Só que agora acabou.

Quando acordei do meu desmaio de prazer, eu estava deitada em um quarto que não reconheci. Era outra sala no consultório, com uma cama e banheiro. Minhas roupas estavam dobradas em cima de uma bancada e ao lado duas rosas vermelhas.

Cheirei cada uma como se pudesse sentir o perfume deles que ainda estavam em minha pele. Abracei-me como há muito tempo não fazia e esperei a culpa e a vergonha chegarem por um momento.

Adivinha?

Não vieram.

Pelo contrário. Eu me senti mais alegre, mais poderosa, mais cheia de vida.

Fui até o banheiro e me delicieei com a ducha quente tocando meu corpo como se estivesse em um hotel cinco estrelas. Depois me vesti e sai com um imenso sorriso estampado no rosto.

A secretária atrevida não estava mais na recepção. Tudo estava vazio. Eu simplesmente puxei a porta, pois agora era o dito *Pull* e fui embora. Livre, leve, solta e... *assada*.

Eu mereci cada gota de prazer que aqueles homens me deram naquela sala. Eles me valorizaram mesmo com palavras sujas, que eu adorei aliás, quando suas mãos deslizavam em meu corpo. Senti que era desejada, bonita, gostosa...

Eu sou gostosa.

Ricardo é um idiota. Nunca mais deixarei homem algum me diminuir como ele fez. Eu me abdiquei totalmente de mim para que ele pudesse viver seus sonhos.

A única coisa boa que tive desse casamento fracassado foram meus filhos. Eu nunca mais estarei sozinha ou carente neste mundo, pois tenho aos dois. Meus amores para a vida toda.

Nem para ser um pai decente aquele infeliz presta.

Deveria estar pagando todas as despesas de nossas crianças e me ajudando, mesmo com a separação.

Pai de verdade não age dessa forma.

Estou trabalhando como secretária para dar pelo menos o básico para meus filhos e irei lutar muito mais para conseguir pagar uma boa faculdade e tudo o que eles ainda quiserem.

Hoje só posso dar meu amor e nosso sustento.

Viro o corpo para minha mesa e vejo aquele amontoado de papéis. A tela do meu computador ainda está aberta no site do Grupo Rodrigues, exibindo imagens diversas sobre os serviços prestados.

Não me entendam mal. A divulgação é boa, mas poderia ser melhor. Só em analisar o básico já vem em minha mente todo um plano de ação e monetização para aumentar a visibilidade em busca de clientes em potencial.

As imagens poderiam transmitir com mais clareza o serviço, bem como os textos serem alocados nos espaços mais acessados e visíveis.

Minha cabeça parece um redemoinho de ideias gritando por todos os lados.

Sento-me e começo a traçar objetivos e planos de ação, bem como a produção de textos. Quando dou por mim, tenho uma apresentação em *Power Point* completa, expondo as ideias como se o Grupo GR fosse meu cliente.

Encosto no espaldar da cadeira e admiro, satisfeita.

Será que Sr. Rodrigues aprovaria? Ou melhor: será que Sr. Rodrigues poderia ser meu cliente?

Uma lâmpada ascende em minha mente e uma euforia invade meu peito.

— O que é isso, Valentina? — A voz grossa do meu chefe me assusta, dou um salto e quase caio da cadeira. — Cuidado! Você está bem?

— Si-sim. O senhor me assustou — digo, levando uma mão ao peito.

— Geralmente eu causo outros efeitos nas mulheres — ele ri e devolve com um de seus sorrisos. Cadu Rodrigues pode ser meu

chefe e estar comprometido, mas este homem tira qualquer mulher do sério. O pior é que ele sabe disso. — Você está bem?

— Estou.

— Não quis te assustar, só que, quando saí de minha sala, deparei com as imagens no seu computador e... — ele me encara com dúvida. — Você é formada em *marketing*?

— Publicidade e propaganda — respondo. Olho para meu monitor e tomo uma golada de coragem. — Eu tive algumas ideias sobre a divulgação... — hesito. Minhas bochechas começam a esquentar e o nervosismo me deixa menos confiante agora. Tento ver algum resquício de rejeição por parte do meu chefe, mas nada. Então continuo: — Resolvi montar um *Power Point* e pensei em apresentar para o senhor, *talvez*?

Cadu Rodrigues me encara e leva uma das mãos ao queixo de forma pensativa.

Ouço um barulhinho vindo de sua garganta para prosseguir. Então, passo alguns dos slides que agora são apenas as montagens em meu computador. Às vezes busco o olhar do meu chefe e espero a retaliação.

Mas, nada.

Quando termino, ele fica em silêncio por alguns segundos, que para mim parecem uma eternidade.

— Sua campanha está muito melhor que a empresa que contratei, Valentina. Você inclusive me posicionou com números, diagnosticando falhas na comunicação e a logística que devemos trabalhar. Você é boa, garota — ele diz, e até parece admirar meu trabalho. *Será?*

— O-obrigada. — Minha voz mal sai.

— Como você veio parar aqui? Como minha secretária? — ele faz a pergunta que venho tentando responder há tempos.

A resposta vem: *por anos dedicados a um canalha*, penso.

Meus olhos se fecham por um momento e suspiro.

— Você não tem interesse em trabalhar com isso? — Cadu questiona e abro os olhos como que despertando para uma

realidade paralela, onde meus sonhos profissionais e minha vida estivessem mais a meu alcance.

Espere!

Minha vida e meus sonhos estão ao meu alcance.

A verdade mais que depressa surge como a imagem do espelho atrás do vapor de água quente. *Eu só preciso passar a mão que irei enxergar tudo do outro lado.*

Porra... Estou fazendo tudo errado.

Se minha vida se tornou essa merda, foi porque eu deixei.

Eu deixei Ricardo me conduzir e em momento algum impus minhas decisões.

Segui cegamente a tudo.

Minha opinião não era ouvida porque eu não gritei.

E agora, Valentina?

O que você vai fazer?

— Claro que tenho. Eu sempre quis ter minha própria empresa com meus colegas de faculdade. Na verdade, eles são meus melhores amigos — relato ao meu chefe, sem medo. Ele percebe minha mudança, pois sua expressão parece satisfeita. Era como se Cadu, o tal diabo encarnado, soubesse onde exatamente queria conduzir esta conversa.

— Então eu serei sua fada madrinha — ele pisca para mim. — Numa versão masculina bem sexy.

Ah... Isso com certeza.

Mas...

Fada madrinha?

— Primeira coisa, Valentina. Você está demitida — ele diz secamente, mantendo o sorriso.

Deus!

Estou desempregada!

Minha boca abre e antes que eu comece a falar, Cadu levanta um dedo para mim.

— Segundo, serei seu sócio. Encontre seus amigos e converse com eles sobre sua ideia em ter a própria agência.

— *Hein?* — Não consigo formar nada além disso.

— Você não será a primeira pequena empreendedora que o Grupo Rodrigues auxilia — ele me informa. — Nós somos o que somos por valorizar o trabalho de muitos, em especial daqueles que possuem talento. E o seu — Cadu aponta para o monitor ainda exibindo meu *Power Point* — é excepcional. Não vou perder a chance de ajudar uma empresa que irá crescer e me devolver não apenas mais clientes, pois é claro que toda a divulgação do nosso Grupo estará em suas mãos, mas também terei lucro dos demais que conhecerão seu trabalho e virão para você.

— Sr. Rodrigues... — tento argumentar.

— Pega suas coisas, menina. Hoje foi seu último dia como secretária. — O homem me dá as costas. — Encontre um lugar para montar a agência, apresente os valores que irá precisar de início. Nossa reunião será na próxima segunda-feira às nove horas. Traga seus amigos.

— Mas, senhor...

— De nada, Valentina. — Ele sorri diabolicamente da porta, ajustando as abotoaduras da camisa sob o blazer e vai embora.

Eu fico em estado de choque, mirando por onde meu chefe, quero dizer, ex-chefe e agora sócio acabou de desaparecer.

Sorrio.

Pego meu celular apressada e envio uma mensagem para Pierre e para Ingrid me encontrar no Tatu Bola, o bar que sempre íamos para o *happy hour*.

Eu tinha uma notícia que mudaria não apenas a minha vida.

Não é que a secretária do Juliano e do Humberto tinha razão?! Tudo estava mudando... e para melhor.



— Eu entendi direito ou você *tá* zoando com a minha cara, florzinha? — Pierre diz, incrédulo, e coloca uma mão sobre o

coração. — Você não pode brincar com uma coisa séria dessas, amiga.

Viro o segundo copo de tequila e miro meu amigo nos olhos.

— Não estou te zoando e não é brincadeira. Eu fui demitida.

— Demitida para ser sócia do seu chefe em sua própria agência? Cara! E ainda dizem que ele é o diabo. Me diz onde compro a passagem só de ida para esse inferno — Ingrid debocha, mas ri em seguida. Sua cara já passou do espanto para aquela feição alegre de quando estamos reconhecendo que algo bom irá acontecer.

— É isso mesmo. E eu... — levanto o terceiro copinho apontando para eles à minha frente. — Quero que vocês venham trabalhar comigo. — Não dou tempo de ouvir a resposta antes que o álcool desça queimando por minha garganta.

Se meus amigos negassem a embarcar nessa aventura, eu teria que articular um plano B.

Ingrid e Pierre se entreolham com uma expressão que não consigo decifrar. Aos poucos vejo o sorriso crescer e tomar conta do rosto dos dois. E quando se voltam para mim, só uma palavra soa:

— Aceitamos!

Encho os três copinhos com a garrafa de tequila que já havia pedido e indico para eles pegarem. Levanto o meu ao centro da mesa e aguardo.

Meus amigos não me deixam no vácuo e logo brindamos à nova agência de publicidade, que nem sequer tem nome, mas é minha. Minha e dos meus amigos.

— Nós estaremos livres da bruaca velha e vamos discutir projetos como na faculdade — Ingrid comenta, com euforia.

— Eu tenho uma lista de clientes que a bruaca perdeu. Certeza que virão para a gente. Aquela vaca nunca aceitou nossas ideias. Não sei como aquele lugar sobrevive — Pierre soa despeitado, cruzando as pernas.

— Benhê... ela dá para a maioria. Deve ter uma boceta de ouro. — Ingrid dá um suspiro derrotado. — Eu adoraria ter uma

boceta dessas, viu? Como que pode ter mulher que consegue isso? Eu não sou ruim de cama, sou? — Ingrid pergunta para meu amigo.

— Mona, te comi há muito tempo porque estava chapado de tudo e mais um pouco. Eu sou gay, lembra? — responde.

Eu sabia dessa pequena aventura entre os dois. Aconteceu no primeiro ano de faculdade e só porque ambos estavam chapados de verdade.

Eu sei... Fui eu quem cuidou deles depois.

— Está vendo... deve ter alguma coisa errada comigo — ela faz um 'v' com as mãos em sua virilha. Você comeu e virou gay. Devo ser horrível! — A loira choraminga.

— Para com isso, garota! Eu sempre fui gay, louca. E você deve ser muito boa no babado, isso, sim, *pra* me fazer entrar aí. Sossega a periquita que logo um *boy* magia aparece — Pierre a consola. — Ainda mais agora que seremos empresários e não mais empregados. UhUUUU! Viva o diabão gostoso! — Pierre bebe de seu *chopp* e emenda: — Quando você irá vê-lo para acertar tudo?

— Vocês virão comigo. Ele disse que quer conhecer a equipe em quem irá investir seu dinheiro — explico, e apoio os cotovelos sobre a mesa.

— Nossa senhora dos amantes de pipi, me socorre! Vamos ficar cara a cara com o *todopoderoso* Cadu Rodrigues? — Ele faz uma cena jogando-se para trás. — Gente! Não tenho roupa *pra* isso!

Ingrid e eu rimos dele e com ele. Estamos em êxtase. É como se a realização de uma vida estivesse acontecendo.

Na realidade, o nascimento de uma.

Eu e meus amigos seremos os pais da melhor agência de publicidade que São Paulo já conheceu.

Não! Seremos mais... A melhor agência que o Brasil já conheceu!

Olho para meu copinho de tequila vazio e o de *chopp* ao lado. Acho que o álcool começou a fazer efeito por aqui. Rio.

Rio alto e meus amigos me acompanham. Não precisamos de motivo aparente para isso. Nossa risada é a consequência da

felicidade pela expectativa de um futuro promissor. E bota promissor nisso.



Seguro a maçaneta da porta e encosto-a no batente bem devagarinho, rezando para o trinco não fazer barulho. *Tic* é o pequeno som, digo ‘*shiu*’ para a porta e espero alguns segundos para ver se ela não irá responder nada.

A porta fica bem. Ufa.

Sorrio e quando vou virar o corpo para o centro da sala tropeço nos meus próprios pés, caindo igual manga madura.

— Droga! — resmungo baixinho.

Minha mãe está dormindo no quarto de visitas. Eu contei a ela por cima sobre o que aconteceu e como uma heroína da filha perdida, se prontificou a ficar com as crianças.

E olha a filha como chega em casa?

Avisto a escada que está tão longe daqui, não sei se dou conta de ficar de pé.

Melhor não.

Fico de quatro e sigo me arrastando. Tiro meus sapatos e os deixo na beira da escada. Começo minha escalada rumo ao Everest. É a distância que meu quarto parecia estar.

Consegui.

Abro a porta com uma das mãos e coloco meu corpo todo para dentro do cômodo.

Eu estou bem até. Engatinho mais um pouco e alcanço a cama. Subo toda desengonçada. Quando consigo a proeza de estar no centro, me esparramo toda.

Delícia.

Amanhã tomo banho. Hoje será impossível.

Algo vibra.

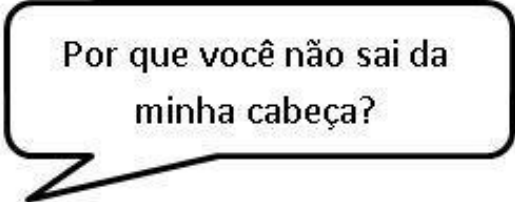
Ué? Deixei meu vibrador na cama hoje?

Zzzzzz... De novo.

A luz do celular pisca no bolso do meu casaquinho de linha preto. Sorrio, já imaginando ser uma mensagem de Ingrid perguntando se cheguei bem.

Deito a cabeça de lado no travesseiro e confiro a mensagem. Melhor responder logo antes que a louca chame a polícia.

Ela estava com a certeza que o motorista do meu Uber iria me matar em alguma esquina. Nunca vi uma pessoa tão encanada quanto Ingrid. Ela precisa parar de assistir filmes de *serial killer*.



Por que você não sai da
minha cabeça?

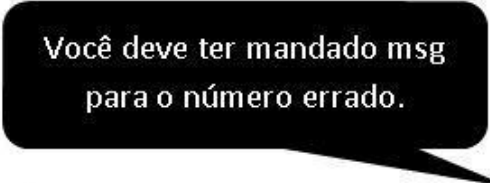
Não é a Ingrid. Nem o Pierre...

De quem é esse número?

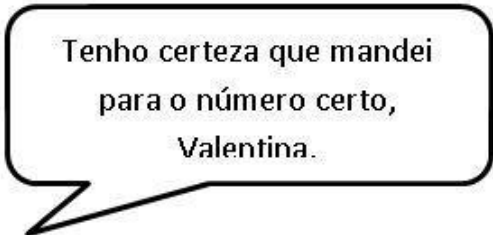
Você não sai da minha cabeça?

A pessoa mandou para o número errado. E agora? Respondo, ou não respondo?

Ah... Foda-se. Qualquer coisa bloqueio o número depois.



Você deve ter mandado msg
para o número errado.



Tenho certeza que mandei
para o número certo,
Valentina.

Uhm?

Jesus, Maria e José, tô na cabeça de quem?

Quem é?

Alguém que conheceu seu
gosto e quer de novo.

Alguém que... Porra!

Ai, Senhor! Me socorre! É um deles! Mas qual? E se for
pegadinha do malandro? Vou ser evasiva... Isso!

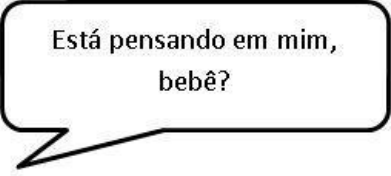
Ainda estou confusa

Você me quis por trás, bebê.
E quero te sentir de todos os
lados de novo.

Juliano...

Cadê a vergonha que não vem?

Fecho os olhos e me retorno ao momento em que ele entrou
em mim, dando pequenos beijinhos e mordidas em meu ombro.
Minha mão já segue o caminho entre minhas pernas.



Está pensando em mim,
bebê?

Aquela voz rouca reverberando no pé do meu ouvido. Sinto o arrepio subir pelos braços. *Nossa...*

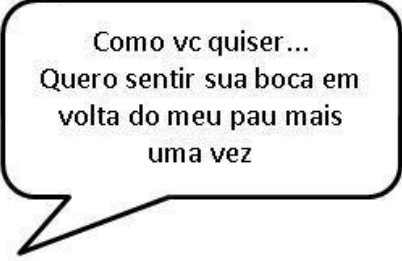


Eu sei que está... Posso te
ligar?

Ele quer me ligar? Ai, não... acho que não tenho voz para isso e não quero que ele perceba que estou bêbada. Minha língua ainda está enorme em minha boca.



Não. Mas pode mandar
msg.



Como vc quiser...
Quero sentir sua boca em
volta do meu pau mais
uma vez

Minha boca começa a salivar pensando naquela glândula rosada. Passo a língua em meus lábios como se fosse possível senti-lo.

Nunca fiz *sextexting*, mas nunca havia transado com dois homens também e... digito:

E quem disse que minha boca não está em vc agora? Na minha cabeça, estou te lambendo da base até a ponta.

O que está vestindo?

Olho para meu corpo e começo a me despir ficando apenas com minha calcinha fio dental branca.

Só uma calcinha...

Igual a que você usou pra mim?

Não foi só para ele, mas se quer que seja assim...

Sim... e vc?

Estou nu, Valentina. Segurando meu pau e pensando em vc. Eu só penso em vc, bebê

É sério isso?

Minha menina safada dá cambalhotas dentro de mim.

Será que tenho boceta de ouro?

Se tivesse, não estaria enfrentando um divórcio, louca.

Ricardo nunca me provou direito, tá?

Sinceramente, prefiro que seja de ouro para o Juliano do que para meu ex-marido.

Desconsidero a voz pessimista e inoportuna, e começo a me tocar. Estou tão molhada.

Ele pode estar mentindo, só querendo brincar numa noite vazia.

Você mente bem, Doc 1...

Teclo a mensagem com uma mão enquanto massageio meu clitóris com a outra.

Doc 1?

Vc foi o primeiro que conheci. Então, achei mais fácil o apelido, Doc 1 e Doc 2.

Kkkkkkkk... Fico contente por ser seu número 1.

Não estou mentindo, bebê. Tenho batido 'uma' todo dia lembrando do seu corpo, do seu gosto... seus gemidos. Vc não pensa em mim?

Você não imagina quanto, ainda mais agora que estou imaginando você me chupando. Acelero o movimento de vai e vem em minha boceta com os dois dedos.

Eu penso. Claro que penso. Foi tudo tão...

Especial

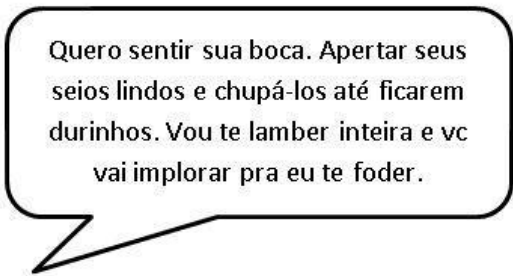
Sim, mas...

Eu quero vc pra mim só por uma noite, Valentina.

Minhas pernas começam a tremer e espasmos involuntários emanam do meu corpo. Estou quase...

Porra! Ou estou bêbada demais, tendo alucinações, ou... ou estou bêbada demais. *Só pode.*

Paro um pouco para o clímax vir mais forte. Toco-me ao redor e massageio meu clitóris.



Quero sentir sua boca. Apertar seus seios lindos e chupá-los até ficarem durinhos. Vou te lambar inteira e vc vai implorar pra eu te foder.

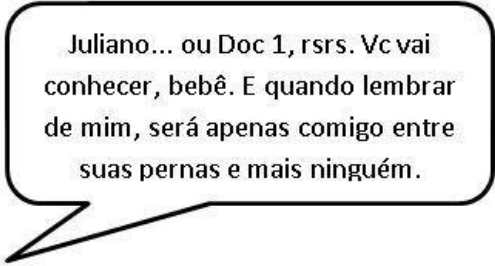
Ah, lindo... Já estou implorando e você nem sabe. Invado-me com mais precisão e pressiono meu clitóris, enquanto seguro a respiração.

Os olhos negros de Juliano aparecem em minha mente quando me derramo na cama em mil pedaços, mordendo a outra mão para conter os sons que me escapam.

Volto aos poucos do *paraíso encantado da foda* e olho a tela do celular. Então digito:



Mal te conheço,
doutor.



Juliano... ou Doc 1, rsrs. Vc vai
conhecer, bebê. E quando lembrar
de mim, será apenas comigo entre
suas pernas e mais ninguém.

Ele soa como se não tivesse gostado de me dividir com o Humberto. Será?

Eu já te disse que estou bêbada, né?

Deixo o celular escorregar pelos meus dedos e puxo o lençol para cobrir minha nudez. Já é tarde e preciso dormir.

Meu julgamento está comprometido pela bebida e esse caminho é muito, mas muito perigoso para uma mente entorpecida de teor alcoólico que quebraria qualquer bafômetro se parada numa blitz.

CAPÍTULO 8

Hoje era o dia da reunião com meu futuro sócio, Carlos Eduardo Rodrigues. Nem dormi essa noite, de tanta ansiedade. Muito provável que nem a Ingrid tenha conseguido, e olha que minha amiga, quando dorme, praticamente morre. Já Pierre é o cara dos calmantes, com certeza tomou um e capotou.

Ficamos até tarde conversando sobre nossa apresentação e revisando o detalhamento dos valores que iremos apresentar.

Tudo tem que estar perfeito.

A vibração que sinto no bolso da calça de alfaiataria indica o recebimento da notificação que estava aguardando, como todas as manhãs vêm acontecendo.

Juliano.

Estou na fila de pedidos do *Starbucks* próximo ao prédio empresarial GR e ainda tem três pessoas à minha frente.

Eu estava acostumada a pegar o café do meu *ex-chefe*, então não vi nada de mais levar um para ele hoje, com o meu e dos meus amigos.

Pego o aparelho do bolso e abro o aplicativo do *Whatsapp*.

Após nossa primeira troca de mensagens — que eu tive que ler e reler, pois estava *um pouquinho* bêbada quando aconteceu — Juliano e eu criamos uma rotina.

Em primeiro lugar, nunca imaginei que o médico sarado iria me procurar. Muito menos insistir em me pedir para sair.

Este fim de semana foi bem difícil me esquivar, mas ser mãe de gêmeos adolescentes mostrou-se útil.

Por que eu quis fugir do bonitão?

Será que é porque estou insegura? Por que fiz coisas com ele que nunca imaginei fazer na vida — e que até gostaria de repetir, — mas principalmente, porque estou com medo?

Acabei de sair de um relacionamento tóxico e enfim comecei a me encontrar.

Ele é o tipo do cara que irá me consumir num estalar de dedos.

Tenho tanto receio de me anular de novo.

Claro que ter o ego massageado toda vez que ele manda um ‘*bom dia, bebê*’, ou ‘*sonhe comigo*’, ou ‘*pensei em você*’...

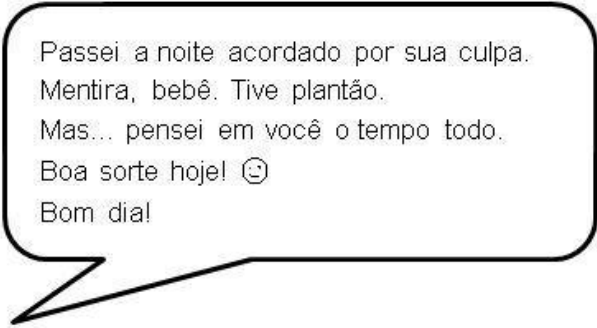
Nossa... não posso negar que faz bem.

Sinto-me uma adolescente.

Se dependesse de Ingrid, eu já teria marcado um encontro no dia seguinte mesmo.

Provavelmente, na saída da aula de *kickboxing*, quando revelei a troca de mensagens. Foi um sufoco tirar meu celular de suas mãos.

Ela queria ler tudo e eu... eu não queria dividir. Não sei... o que ele escreveu era para mim.



Passei a noite acordado por sua culpa.
Mentira, bebê. Tive plantão.
Mas... pensei em você o tempo todo.
Boa sorte hoje! 😊
Bom dia!

Essa é outra coisa que Juliano começou a fazer: *me contar um pouquinho sobre ele a cada dia*.

Eu já sei que ele é cardiologista, que trabalha no Hospital Nove de Julho e atende alguns casos no *Einstein*.

Seus horários são bem malucos.

Que ele teve duas namoradas sérias e que sua atividade dupla no consultório secreto havia se encerrado. Eu fui a última paciente do seu dueto com o outro médico.

Ele e Humberto cumpriram a cota para a tal irmandade ou sei lá o quê. E, o consultório já havia mudado de endereço com outros médicos.

Cara! Da forma que ele contou, pareceu-me que esse negócio funcionava há décadas. Comecei a me questionar quantas mulheres já haviam passado pelo *tratamento*.

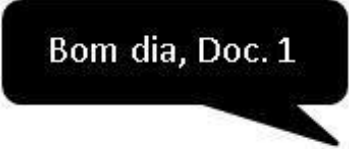
É muita informação, não?

Estou confusa *pra* cacete.

Juliano se abriu para mim e eu, como um noticiário ambulante, contei toda minha vida para ele, inclusive sobre a reunião de hoje.

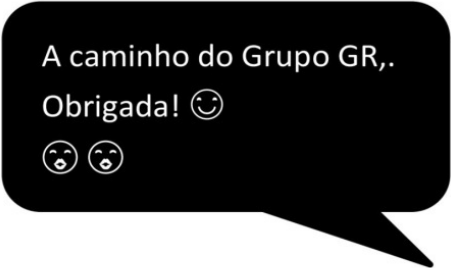
Por isso o “*boa sorte*”, de sua mensagem.

Pego a bandejinha com os cafés numa mão, enquanto digito com a outra.



Bom dia, Doc. 1

É... eu sei... fiquei íntima.



A caminho do Grupo GR,.

Obrigada! 😊



Assim que clico em enviar, sinto o esbarrão. Dou uns passos desengonçados para frente, tentando equilibrar a bandejinha do *Starbucks* que balança, fazendo o líquido espirrar um pouco.

— Ai, ai, ai, ai... — Enfio o celular rapidamente no bolso e troco a bandeja de mão para chacoalhar a outra que foi agraciada com uma queimadura. Ótimo.

— Desculpa! Você está bem? — Um homem me segura pelo braço, dando-me apoio. Ainda bem, ou eu teria me estatelado no chão.

— Estou, estou... Fui eu quem esbarrei em você — digo, e começo a verificar o estrago. Ainda tinha café nos copos pelo menos. Não foi tão ruim. — Estava distraída. Peço desculpas.

Quando retomo o controle dos meus membros, vou checar o poste ambulante em que trombei, e aí...

O ar foge dos meus pulmões.

— Valentina?

— Hum-humberto? — gaguejo. Pronto. Mando mensagem para um e esbarro no outro.

Que sorte, Valentina!

É... nem me diga.

Minha cara deve estar parecendo um tomate, pela vergonha. Trombar em alguém já é constrangedor, trombar em um homem lindo como Humberto é mais ainda.

Não é a beleza do moço. Vai... Admite.

Santa das periquitas assadas, socorre!

Eu senti esse homem por pelo menos uns quatro dias. A ardência era dividida com outro buraco, confesso. Mesmo assim...

Por reflexo, junto minhas pernas o máximo que posso para tentar conter as contrações inesperadas no meu baixo ventre ao recordar a sensação de tê-lo de joelhos para mim.

Por que eu fui lembrar?

Cacete.

— Você está bem? — pergunta, e toca minha mão sensível agora pela queimadura de café, o que me faz retornar à realidade. Por reflexo, afasto a mão rapidamente.

— Si-sim. Só queimou um pouquinho. Nada que uma pomada não resolva — digo, mostrando o local avermelhado.

— Nossa, Valentina. — Ele soa preocupado. — Tem uma farmácia ali na galeria. — Doc. 2 aponta para o local, indicando para irmos até lá.

— Não precisa, Humberto. Não é nada de mais.

— Se você se esqueceu, eu sou médico. — Ele dá um passo, aproximando-se um pouco mais. Meu corpo responde de uma forma involuntária, fazendo-me travar no lugar. — Deixe-me cuidar de você mais uma vez. — Ele usa aquela voz de telessexo.

Estou falando sério, ele falou igualzinho.

Que voz é essa, *meu Pai?*

E, como a pessoa nada normal que sou, faço o quê?

Começo a rir.

Se isso era uma tentativa de sedução, foi por água abaixo.

Eu rio descaradamente. Nem faço questão de parar. Felizmente, Humberto me acompanha.

— Ai, Humberto... Desculpe. Mas só faltou você gemer e terminar a fala com “telessexo *agradece sua ligação*” — tento imitar uma voz masculina e sensual, fazendo uma sátira do contexto e acabo por segurar o bíceps do médico *sedutor*.

Porra! Os braços deste homem são puros músculos. Eu não aguento desse jeito!

Controlo um pouco minhas risadas e enxugo uma lágrima do olho direito.

— Depois disso, eu vou com você. Precisava mesmo descontrair. Acho que tenho tempo antes da reunião. — Seguro seu pulso que contém um belo relógio, Rolex talvez, e verifico as horas.

O toque foi tão natural e íntimo.

Estranho.

Pelo visto, a intimidade não é só com o Juliano.

— Você tem uma reunião aqui perto? — Humberto pergunta, enquanto nos direcionamos para a farmácia.

— Tenho, sim. Meus amigos já devem estar me esperando no saguão do prédio, aliás.

Meu celular começa a tocar e gesticulo um pedido de licença para atender.

— Oi, amiga, já estou a caminho. — falo antes de receber a bronca.

— *Já estamos aqui há uns dez minutos, Tina! Se o diabão aparecer não quero ir para o inferno sem você!* — Ingrid diz brincalhona e escuto Pierre gritar do outro lado “*EU VOU!*”.

— Tudo bem. Tudo bem. Já estou a caminho. Preciso passar numa farmácia rapidinho, porque queimei a mão com os cafés. Mas já, já estou aí.

— *Está tudo bem?* — ela soa preocupada, só que depois emenda: — *Ainda tem café?*

— Não foi nada de mais. E ainda tem café, *tá* bom? — Sorrio da falta de tato de Ingrid. Despedimo-nos e quando busco por Humberto, vejo que já pediu o necessário para fazer o curativo.

Ele solicita à farmacêutica para usar a saleta existente no interior atrás do balcão, que foi cedida de pronto com um belo sorriso.

O cara tem seu charme.

Sento na maca e deixo o médico fazer o serviço.

— Eu pensei em te ligar, mas... — Humberto morde o lábio, contendo a fala, enquanto espirra o antisséptico. Ele me olha querendo perguntar algo.

— Mas? — incentivo-o, e o médico me encurrala colocando os braços de cada lado do meu quadril.

Afasto-me para ver sua expressão. *Ele é lindo demais.* Um pecado em forma de gente.

Por instinto, levo minha mão boa para traçar os contornos do seu rosto, deslizando os dedos pela testa e descendo pelas bochechas. Levanto seu queixo com o indicador para que continue a me encarar.

— Não sabia se você atenderia... — Humberto inclina a cabeça e aguarda. — Quero te levar *pra* jantar, Valentina. Um encontro.

— Um encontro? — sussurro a pergunta.

O loiro não me causava o receio como o moreno. Humberto era um porto seguro.

Eu tinha tesão. Muito tesão. Porém, ele não estava sob minha pele.

— Quero te levar *pra* jantar. Quero te conhecer, Valentina.

— Um encontro — confirmo e empurro seus ombros para poder descer da maca. — Você sabe que isso é estranho, não sabe? — falo, e pego a bandejinha com os cafés da maca.

— Duas pessoas que se atraem sair para jantar? — ele ironiza sorrindo. — Não. Ainda mais quando já sabem que a química funciona. — O danado pisca e me dá um sorriso devasso.

— Você tem meu número?

Ele confirma com a cabeça. *Claro que tem.*

— Me manda uma mensagem e combinamos. — Fico nas pontas dos pés e dou-lhe um beijinho na bochecha. — Obrigada pelo curativo, Humberto.

— Você poderá me agradecer de outras formas — a voz do telessexo volta.

— Veremos... veremos. — Rio e dou-lhe as costas, saindo rapidinho da farmácia.

Fico imaginando como salvarei seu contato no meu celular.

Juliano está como ‘*Doc. 1 Ju*’. Ele seria o ‘*Doc. 2*’. Não consigo parar de sorrir. Então, caminho para meu futuro, feliz da vida.



— Nós temos que sair para comemorar! — Pierre reclama, já que disse que hoje não daria.

— Vamos, Tina! Pede *pra* sua mãe de novo! — Ingrid acompanha a chantagem de nosso amigo.

— Não posso, gente. Hoje combinei que ficaria em casa com os gêmeos. Sem contar que preciso ajudar Dinho a estudar matemática — justifico. — Vão sem mim. Podemos fazer uma chamada de vídeo.

— Sem você não será comemoração! E estou me contendo para não enfiar o pé na jaca desde que pedimos a conta para a bruaca velha. A cara que ela fez não tem preço, florzinha — Pierre diz, debochado. — Ela achava que era para pedir aumento e quis ignorar a gente. Só se deu conta quando o RH entregou a nossa carta de demissão. Claro que fiquei de espreita *pra* ver e só peguei tudo da minha mesa quando ela veio pedir *pra* gente ficar.

— Você foi maldosa! — Ingrid brinca.

— Você também gostou. — Ele empurra seu ombro.

— Gostei — ela confirma e volta-se para mim. — Ah, vamos Tina! Vai!

— Hoje não dá. Amanhã. Amanhã estaremos juntos de qualquer forma.

Tínhamos combinado de ver juntos o prédio que Cadu Rodrigues sugeriu para montarmos a agência. Havia vários andares vagos, e como pertencia ao Grupo GR, estaria dentro do nosso acordo.

— Isso não é comemorar. Isso é tra-ba-lho — Pierre reclama. — Mas *tá* bom, vai. Vai lá *pra* sua vidinha doméstica que nós vamos beber por você.

— Nossa! Obrigada pela *vidinha doméstica*! — digo, com humor ácido.

— Eu não vou insistir mais e nem reclamar. Nem acredito que o diabão aceitou tudo — Ingrid ressalta, lembrando-me da reunião.

— Nem tudo, amoreco! Ele fez uns adendos ali no contratinho, lembra não? — Pierre emenda.

— Ah.... foi coisa pouca e mais sobre a publicidade do Grupo GR. Eles terão preferência, de qualquer forma — ela contesta e

Pierre só faz uma careta.

Meu Uber tem um sexto sentido e aparece bem nessa hora.

Glória!

Eu precisava ir para casa e colocar meus pensamentos em ordem. Muita coisa está acontecendo ao mesmo tempo.

Acabei de assinar um contrato para ter minha própria agência de publicidade. Tenho um médico lindo que me manda mensagens diárias, dizendo que quer sair comigo. Outro que surgiu do nada mais cedo, com quem de fato vou sair.

É, santa das periquitas assadas... Você não descansa em serviço, hein?

Abro o aplicativo de mensagens assim que entro no Uber. Subo a conversa de Juliano e sinto uma pontinha de remorso por ter aceitado sair com Humberto e não com ele.

Será que o Doc. 1 ficará chateado?

O que você acha?

Solto o ar numa lufada cansada. Eu não devo nada a ele.

É... não deve. Mas com quem você gostaria de conversar sobre o seu dia? Doc. 1 ou Doc. 2?

Acho que... Doc. 1?

Eu deveria contar para ele sobre o encontro. Aí é jogo limpo e tiro esse sentimento de culpa.

Tem certeza? Você mesma disse que não deve nada pra ele...

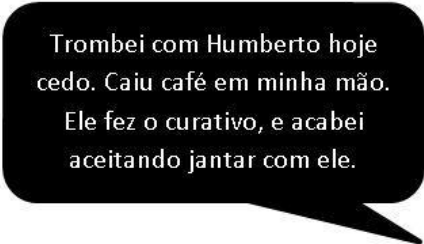
Mas... acho que somos amigos. Acho...

Oi Ju, como foi seu dia?

Estou a caminho de casa
agora. E vc?

Oi gata! Estou no consultório,
analisando prontuários.

Preciso ser direta, ou a coragem vai sumir.



Trombei com Humberto hoje cedo. Caiu café em minha mão. Ele fez o curativo, e acabei aceitando jantar com ele.

Até fecho os olhos esperando a réplica.

Nada.

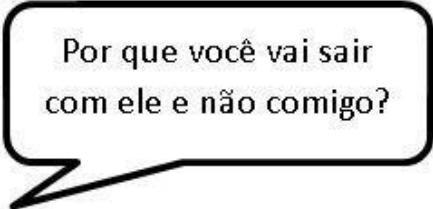
Ele leu... os tracinhos estão azuis. Então, eu sei que ele recebeu e leu a mensagem.

Passa dois minutos, que parecem uma eternidade e...

Nada.



Ju?



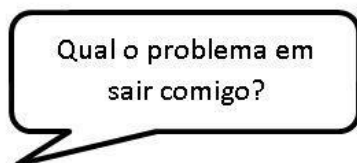
Por que você vai sair com ele e não comigo?

Direto, não? E agora?

Responde!



Vejo os três pontinhos aparecerem e desaparecerem na tela várias vezes, até que...



E aí? O que respondo agora? Como explicar para o Doc. 1 que eu tenho medo do que posso sentir com ele? Hum? Que até agora ele só disse que quer me foder... e isso ele já fez. Muito bem, aliás. Porém, se eu repetir, tenho medo de querer mais.

Nenhum.

Então, saia com Humberto. E depois será minha vez.

Juliano...

Por favor, bebê...

Ele pedindo assim me mata. Oh, Deus! Se o negócio feder, a culpa é sua!

Tudo bem.

Ele manda um *gif* de um cara saltando no ar de alegria. Acho graça e rio. Aceitar um encontro nunca pareceu tão complicado antes e, pelo visto, este é o começo de uma baita confusão.

CAPÍTULO 9

Aceito com prazer a mão de Humberto estendida para me ajudar a sair do carro.

Pensei que não sairia nunca daqui, penso. *Só com um guindaste.*

Por que mesmo escolhi esse vestido?

Ele é tão justo próximo aos joelhos que me locomover é quase impossível. Se precisar sair correndo, vou parecer um pinguim.

Ah... Deve ter sido por palpite da senhora '*sou da moda*', mais conhecida como Ingrid Bitencourt. Ela pegou o tubinho preto do meu *closet* e disse que era o escolhido para a ocasião.

O pedaço de pano composto de alças finas em um decote canoa realmente faz jus ao nome *tubinho*, de tão justo.

Não satisfeita, minha amiga escolheu uma sandália salto agulha. E cá estamos, segurando a mão de Humberto com mais força que o normal para dar impulso e me ajudar a descer do veículo.

Pensei que após me arrumar para esperar o Doc. 2, aquele friozinho na barriga apareceria.

Nada.

Eu estava tranquila demais para um primeiro encontro.

Claro que animada por ser com um cara bonito e já com alguma experiência de vida, pois o encontrei aquela primeira vez em frente ao fórum e ele contou estar ali por causa do seu divórcio.

Temos algo em comum.

Só que Humberto avisou para usar um traje elegante hoje, e fiz a cagada ao pedir ajuda para Ingrid.

Deveria ter requisitado Pierre.

Bom, não tinha como também a coitada adivinhar que o carro de Humberto é um Audi TT esportivo, com assentos tão baixos que entrar nele já foi um desastre total.

Praticamente joguei meu corpo para dentro como uma foca.

O bom foi que quebrei o gelo, dando gargalhadas da situação. Humberto comentou que não sou a primeira pessoa a passar pelo mesmo transtorno, e que já teve trabalho dobrado quando a garota resolveu usar um vestido longo.

No caminho até o restaurante, conversamos sobre minha nova carreira como publicitária.

Estou tão empolgada que só a menção da agência, já me deixa ainda mais tagarela. Em alguns momentos parece que estou entediando o médico, mas logo ele pergunta sobre outra coisa e eu me distraio.

Passamos pelas portas de madeira maciça do restaurante italiano e o *maitre* nos conduz para a mesa reservada.

— Adorei a escolha do lugar, Humberto. Você acertou o palpite em me agradar com culinária italiana — comento, enquanto abro o cardápio.

— Também é minha segunda favorita, depois da japonesa. Mas não quis arriscar na primeira opção. Já dei azar de levar uma garota que tinha alergia a peixes — ele fala com uma risada sem graça.

Novamente o Doc. 2 se referia a outra garota.

Saber que eu sou só mais uma em sua lista não está me incomodando.

Não sei se ele disse isso com intuito de ser relevante, para demonstrar o gananhão que pega geral também.

Será que contar vantagem sobre isso ganha pontos com alguém?

Talvez...

Ele ficar relatando é estranho. Só que eu estou pouco me importando com a cor do bode, quero mesmo é comer meu *Carpaccio* de entrada, com essa lasanha tradicional ao molho sugo e depois um *petit gâteau* de sobremesa.

Fecho o cardápio e já me prontifico em solicitar meu pedido. Humberto me segue.

Depois, escolhe um vinho *Cabernet* da carta de vinhos, muito caro para meu gosto. Bom, ele é médico e irá pagar a conta, então o problema não é meu, não é mesmo?

— Gostou do vinho, Valentina?

— Ótimo Doc do...

Arregalo os olhos no meio da palavra antes de sair o '*dois*'.

Ai porra!

— Doc o quê?

Coloco a taça de vinho sob a mesa devagar para me dar tempo de reformular. Mas... por que eu faria isso?

O cara está jogando limpo e até comentando sobre outros encontros. Isso aqui é simples e casual. Percebo que a opinião de Humberto sobre o que penso ou deixo de pensar é irrelevante para mim.

EU sou relevante.

Então respondo:

— Doc. 2.

Ele me observa e toma um gole do vinho.

— Doc dois... — ele apoia os cotovelos sobre a mesa. — Juliano seria o *Doc um*?

— Sim. Eu o conheci primeiro, afinal — replico, balançando os ombros.

— Tem lógica. — Humberto volta suas costas para o encosto da cadeira. — Mas se a numeração fosse de importância, eu poderia modificar isso.

E é quando sinto algo subir entre minhas pernas. Humberto tirou o sapato e está me tocando por baixo da mesa? Sinto o tecido que provavelmente é sua meia.

Se isso era para ser sensual, por que estou tendo um embrulho no estômago?

E agora?

Faço o quê?

A situação piora ainda mais quando ele tenta força passagem entre meus joelhos que estão colados por conta do vestido.

Senhor! Acuda!

Atendendo minhas preces, o garçom aparece bem na hora com meu *Carpaccio* em um belo prato forrado de salada de rúculas. Nunca quis tanto comer um *Carpaccio* como agora.

Respiro aliviada e não ousou olhar para Humberto até que seu prato também seja colocado à sua frente.

— Que delícia, Humberto! O molho que colocaram por cima está incrível — digo, após enfiar uma garfada cheia com a carne fina e as folhas escuras.

Os pratos de entrada são retirados e antes que o Doc. 2 retome seu ato de sedução, minha lasanha flamejante aparece vindo em um carrinho de madeira que o garçom aloca-o ao meu lado.

O cheiro e o sabor estão divinos. A ajuda divina me tirou do sufoco com um prato vindo direto do paraíso.

A quantidade de queijo derretido com pedaços de presunto está na medida certa, fazendo aqueles fios de muçarela puxarem conforme afasto o talher do prato.

Certeza que a porta do céu fica na Itália. Só pode.

Tomo coragem e levanto o olhar para Humberto, que está me fitando com um sorriso.

— Com os sons que você está fazendo, estou até arrependido de não ter escolhido lasanha. — Ele enrola seu *fettuccine* com o garfo apoiado na colher.

Diferente de mim, ele pediu uma salada Ceasar com croûtons, de entrada e um *fettuccine* ao molho branco, como prato principal. A sobremesa ficou só comigo mesmo.

Juro que se viesse a cantada de que a sobremesa seria eu, pediria um Uber e voltaria para casa na mesma hora!

Não aconteceu.

— Sons? — pergunto e inclino a cabeça para o lado.

— Eu só ouvi esses seus gemidos uma vez, Valentina. — Ele me encara. — Pensei que iria ouvir novamente esta noite, mas em outro cenário.

Porraaaaa! Ele quer me comer de prato principal e não de sobremesa!

Engulo um pedaço maior que o habitual. O queijo vira um bolo no meio da garganta e não sobe nem desce.

Ai Deus! Vou morrer.

O ar começa a faltar... Forço algumas tossidas.

— Valentina? — O médico se dá conta que preciso de ajuda. Aleluia. — Valentina? — Ele fica ao meu lado e me inclina para frente.

A bola de queijo continua entalada em minha faringe. Devo estar ficando roxa pela ausência de oxigênio.

Humberto me levanta, coloca um joelho sobre a cadeira e me inclina pressionando meu estômago. Neste momento ouço meu vestido rasgando na costura das costas.

O queijo espirra da minha boca, seguido de um líquido azedo que causa ardência ao sair pelo nariz.

— Porra! Você está bem? — Ele me ergue e me estende o guardanapo de pano da mesa.

— A-acho que sim... — limpo meu rosto e depois passo a mão na nova abertura do vestido nas costas. — Engasguei com o queijo.

Humberto me ajuda a sentar e volta para seu lugar.

— Percebi. Tome um pouco de água — ele oferece, pressionando os lábios.

Eu bebo a água e miro o queijo da lasanha com uma carranca.

Não é de Deus coisa alguma!

— A lasanha não tem culpa — ele solta, com uma risada, antes de beber seu vinho.

— Não. Não tem. Você é que tem. — devolvo irritada com o sorrisinho estampado em seu rosto.

— Tenho culpa de saber o que quero? — ele lança. — Você sabe o que quer, Valentina?

E lá está a pergunta de um milhão de dólares.

Eu sei o que quero? Eu-sei-o-que-quero?

Subo a mão pelas minhas costas por baixo e toco minha pele exposta por conta do rasgo.

— Eu quero um vestido novo — aponto.

— Se eu puder terminar o serviço, darei um com todo o prazer — Humberto oferece com aquele olhar cheio de promessas indecentes.

Porra!

Isso é bem melhor que o pé com meia subindo por minhas pernas, pelo menos. As indiretas com frases de dúbio sentido causam mais efeito em minha calcinha do que o roçar do tecido fino.

Ajeito-me na cadeira e pego novamente os talhares. Coloco outro pedaço de lasanha na boca e dessa vez me concentro para saborear sem gemer e fazendo o negócio descer pelo buraco certo.

— Vamos ver, Doc. 2. Vamos ver... — digo com um sorriso.

O médico não é de se jogar fora e eu sei muito bem que ele sabe usar aquela língua do jeito certo.

A lembrança dos seus olhos me encarando de baixo para cima entre minhas pernas e aquela boca chupando cada pedacinho me faz soltar um gemido que tento disfarçar em apreço à comida.

Acho que não consegui, pois os olhos azuis que me encaram parecem ler minha mente.



Passada a situação desastrosa do meu engasgo, Humberto passou a discorrer sobre sua vida.

Contou-me que fez residência em ortopedia e se especializou na região de pescoço e cabeça. Deu para perceber com seu manuseio em me desengasgar.

Eu já sabia sobre seu divórcio. Porém, o motivo ele desconversou. Não quis ser abelhuda, então me contive. Cada um com sua história. E este é um assunto bem delicado.

Enfim.

Doc. 2 estaciona o carro em frente de casa. Minhas crianças hoje estão cada um na casa de um amigo, todos com casas dentro do condomínio. O que me deixa tranquila, pois sei que estão por perto.

Procuro a chave em minha clutch. — Obrigada pelo jantar Humberto. Foi maravilhoso.

Percebo a movimentação de seu corpo virar em minha direção no banco do motorista.

— Vai fugir, Valentina?

— Não tenho porque fugir, Doc. 2 — devolvo despretensiosamente.

Ele afasta o banco e abaixa o encosto.

— Então, vem aqui. — E me puxa para seu colo de lado num movimento único, que parece até ensaiado.

Lembra-se do vestido pinguim?

Rasgou mais um pouco e agora tenho uma fenda na lateral.

— Olha o que você fez? — indico o novo estrago.

— Já disse que posso dar outro. — Ele pressiona minha cintura e cheira meu pescoço. — Você pode me convidar para entrar, e sair daqui ainda com o vestido.

Olho para a rua vazia e a maioria das casas com luzes apagadas.

— Não. Só entre em minha garagem para sair da rua.

Pode me chamar de boba, mas faz tanto tempo que não dou uns amassos no carro. E não quero Humberto dentro de minha casa. Parece estranho.

Ele dirige comigo em seu colo, já que é apenas um pequeno trecho de grama. A garagem de minha casa é aberta, sem portão. Mas com as luzes apagadas, ninguém consegue ver algo que não deveria.

Assim que o carro é desligado, subo a barra do vestido até meu quadril, o que me facilita montar em Humberto de frente.

— Delícia — ele sussurra e enterra os dedos em minha cintura. — Você é linda demais, Valentina.

Seguro o rosto do Doc. 2 e faço o que quero. Colo minha boca na dele em um beijo ardente. Puxo seu lábio inferior entre os dentes e ouço-o ofegar.

É música para minha diva interior do sexo que precisa e muito ser enaltecida.

Está vendo, Ricardo, seu idiota! Eu sei deixar um homem louco.

— Você é uma perdição, linda. — Humberto desce o zíper do que sobrou do vestido e as alças caem, expondo meus seios. Após segura e suga um mamilo, depois o outro. — Eu senti falta de vocês. — Ele diz para meus peitos. Rio. *Médico doido.*

Não demora muito para suas mãos descerem à região sul do meu corpo, que está implorando para ser tocada.

Gemo e rebolo, pressionando meu centro no zíper de sua calça. Começo a desabotoar a camisa social de Humberto e ele termina num puxão, espalhando botões para todos os lados.

— Eu não vou te dar outra camisa dessas. Nem tenho dinheiro *pra* isso — pontuo, divertida.

— Eu quero que você me dê outra coisa — ele fala, com fome, e deita mais seu banco. — Sobe aqui, linda. Se você quer uns amassos no carro eu te dou, mas quero você sentada em minha boca.

A oferta tentadora dele faz minha entrada vibrar de excitação.

Ai porra! Isso é presente?

Não consigo pensar muito e o médico puxa minha cintura e encaixa a cabeça com perfeição entre minhas coxas.

— Sem calcinha, Valentina?

— O vestido não permitia — respondo, com sofreguidão, após a primeira lambida.

— Vou fingir que acredito — ele diz, e chupa minha carne com força, fazendo-me gritar.

Humberto me invade com dois dedos que se movimentam ritmicamente com a sucção no montinho de nervos.

— Isso! Continua... — gemo e rebolo, apoiando-me com as mãos no banco de trás.

Sinto o formigar crescer e subir por minha panturrilha e fazer o caminho até minha virilha, invadindo-me. A musculatura de minha boceta esmaga os dedos do médico com a explosão do meu orgasmo.

Doc. 2 acompanha meu movimento que começa a desacelerar e desço meu corpo para voltar à posição sentada, com as pernas abertas sobre ele.

— Você sabe agradar uma mulher, Doc — digo ofegante.

— Anos de prática. — Ele sorri com malícia. — Agora é minha vez linda. Dar e receber, *uhm?*

Não espero o segundo comando e já solto o cinto de sua calça, baixando o zíper e expondo seu membro ereto. Aperto sua circunferência e passo o dedão pela ponta espalhando o pré-goço que já estava ali.

Começo a bombeá-lo, admirando sua espessura em meus dedos. E então desço de joelhos entre suas pernas. Chupo a cabeça até a base, umedecendo-o com minha saliva. Depois encaro *Julian*—

Ops! Humberto. *Minha mente está confusa.*

Junto meus seios com seu membro entre ele e massageio, subindo e descendo o tronco, friccionando o máximo que posso. Olho para cima e vejo Humberto submerso na luxúria que criamos dentro do carro.

— Que visão! Porra! — Ele arfa e me incentiva a continuar. Seu membro roça em minha pele, com meus mamilos no abdômen

do médico, o que estimula ainda mais meu tesão.

Ele murmura alguns palavrões até que sinto o líquido quente escorrer em meus seios. Humberto geme alto meu nome, deixando-me satisfeita por tê-lo feito gozar com uma *Espanhola*.

É... eu gozei e estou literalmente gozada.

Puxo o trapo do vestido, tentando limpar um pouco.

Humberto me ajuda a sair do buraquinho apertado entre o banco e o volante.

— Você ainda pode me convidar para entrar. Me dê cinco minutos e estou pronto de novo. — Ele pisca.

Sorrio e até penso na possibilidade. Mas... não.

Ainda parece estranho... errado. Sei lá.

Fazer isso com ele na minha garagem é uma coisa. Levá-lo para dentro de casa e expor o lugar onde vivo com meus filhos é outra.

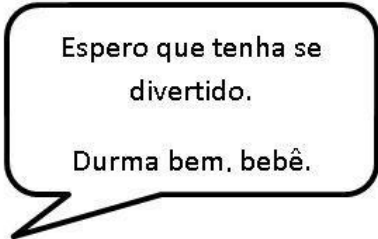
— Melhor eu entrar. — Dou um selinho na boca do Doc. 2, ajeito o máximo que dá meu vestido e com os saltos numa mão e a clutch na outra entro em casa pela porta lateral da garagem.

Nunca abri uma fechadura tão rápido em toda minha vida.

Eu não estou fugindo de Humberto. Mas sinto que nossa noite chegou a um fim mais que suficiente. Pelo menos por hoje.

Solto os saltos antes mesmo de chegar à escada. Passo pela cozinha e pego um saco de lixo, com a intenção de jogar o vestido *pinguim* e subo rumo ao meu quarto.

Depois de tomar um banho e dar um nó muito bem dado no saco preto contendo o trapo gozado da noite, me jogo na cama. Pego o aparelho celular e confiro as mensagens.



Espero que tenha se
divertido.

Durma bem, bebê.

Fecho meus olhos bem apertados e quando abro releio a mensagem.

Ai, merdaaaaaa!

Olho a imagem da santa que minha mãe deu, acusatoriamente.

Por que você não mandou um só?

Nãoooo... Teve que ser gulosa no milagre, não é?

Eu não tenho nada com o Doc 1. Porém, sinto uma dorzinha no coração.

Sem razão. Mas sinto...

CAPÍTULO 10

Juliano

A prancheta que Juliana me entregou está com os dados do meu último paciente do dia. “*José Rogério Guerra, 67 anos, 133 quilos, 1,81m de altura, quadro febril 38,9º, cirurgia recente para revascularização do miocárdio*”. A segunda do ano.

Ótimo.

Seu Zé deve ter passado por cima das minhas recomendações e *tomado todas* em menos de um mês de cirurgia.

Pressiono as têmporas já sabendo o que irei enfrentar pela frente. Já tive pacientes que me deram trabalho, mas Seu Zé tem ganhado de todos. Sem contar que toda vez que vem parar no hospital, seu quarto mais parece um *antro de perdição*.

O coroa com sua simpatia ganha todas as enfermeiras gostosas.

— Seu Zé, Seu Zé... — Balanço a cabeça e aproximo de sua cama fazendo *tsc-tsc* com a língua. — Quando que o senhor irá aprender?

Ele solta uma risada frouxa e admira a bunda de Juliana, nossa enfermeira chefe que acaba de colocar a medicação que orientei no seu acesso do braço.

— O que posso fazer, Doutor? Não consigo ficar longe por muito tempo — ele diz, debochado. — Com este tratamento *vip*... — O velho assobia e segue com olhar faminto a garota até que ela saia

do quarto. Acabo olhando, sem a mesma intenção do velho, ao seguir sua visão.

Juliana tem uma bela bunda. Eu sei. Já apertei e provei. Recomendo, aliás.

Volto minha atenção para o senhor à minha frente.

— E ficará no hotel por uns três dias — alerto-o, com a tampa da caneta em sua direção.

— Não tenho ninguém para quem voltar, então... — ele balança os ombros em desdém.

Seu Zé é viúvo e mora sozinho. Ele tentou morar um tempo com seu filho único, mas o convívio dos dois não é amistoso.

— Precisa avisar seu filho mesmo assim, Seu Zé — digo. — Ele saberá de uma forma ou de outra.

— Aquele ingrato não me liga há dias. Talvez nem vá ao meu enterro — ele esbraveja, e eu suspiro aborrecido.

Seu Zé é pai adivinha de quem?

Humberto.

Estou evitando aquele infeliz. Ver de relance o sorrisinho sacana que estava dando para cima da enfermeira nova, mesmo sabendo que na noite anterior ele estava com Valentina, me deu vontade de socá-lo.

A quem estou enganando?

Estou com vontade de afundar meu punho naquela fuça desde que soube do maldito encontro.

Por que ela me contou?

Ela não faz ideia de que tenho essa ligação com o Doc. 2, como ela o chama. Sorrio, sabendo que sou o Doc. 1.

Ainda sou o primeiro, otário.



— Como que meu pai está no quarto 82 e você não me diz nada? — Humberto entra em minha sala de supetão, empurrando a porta sem ser convidado.

— A parte de que ele é seu pai e tem acesso ao telefone conta? — respondo secamente, sem desviar o olhar da tela do computador em minha frente.

Ainda preciso terminar de analisar três exames antes de ir embora, e não estou com saco para o confronto com o *Doc.* 2.

— Você devia ter me contado hoje na cafeteria, idiota. Ele internou de madrugada. Descobri pelas fofocas nos corredores — informa, e eu continuo desatento à conversa. Pelo menos tento ficar.

— Não tenho culpa se você não tem um bom relacionamento com seu pai. Aliás, com ninguém, por sinal. Como vai a Adriana? — Desta vez levanto meu olhar com um sorriso sarcástico nos lábios.

— Minha ex-mulher não tem nada a ver com o assunto, Juliano. Estamos falando do meu pai — ele retruca com raiva. — Você sabe que o velho é difícil.

— Seu Zé não é difícil. Você é quem não sabe conviver com pessoas.

— Ah... Eu sei muito bem conviver com pessoas. Só pergunte para Clarice e Eliete como eu sei. Ou melhor, pergunte para Valentina. Ainda sinto o gosto daquela boceta aperta...

Bato com força a palma da mão sobre a mesa dando um estalo e cortando-o no meio da frase.

— Não é esse tipo de convívio, Humberto. Estou falando de relacionamento que envolve compromisso, algo que você não tem ideia do que significa. E não fale sobre Valentina, você conhece muito bem as regras da Clínica Oculta — ênfase, diminuindo o som de minha voz no final.

— E quem disse que estou falando sobre o que aconteceu lá? — sorri com malícia. — Acho que nossa doce Valentina não te contou detalhes do nosso encontro. — O cretino passa os dedos sobre os lábios e uma fúria cresce em meu interior, fazendo-me avançar sobre ele.

Levanto-o pelo colarinho do jaleco.

— Não ouse falar dela. Valentina não é qualquer uma.

Ele puxa o tecido de minhas mãos, tentando manter-se inabalável, mas eu reconheço o medo em seus olhos. Humberto é o cara que some sempre que há alguma briga. Eu já sou o cara que entra nela.

Não somos amigos. Mas a convivência nos fez sair juntos em algumas baladas, ou até mesmo no bar da esquina após algum plantão de merda.

Bufo em descontentamento e solto-o, jogando-o para o lado. Ele não merece a dor de cabeça.

— A loirinha está sob sua pele, não é? — Ele ajeita sua gola. — Isso será divertido.

— Você não está interessado nela. Eu vi você dando em cima da moça nova.

— Eu não prometi nada para Valentina. Sou um cara solteiro, até que provem o contrário. E eu estava apenas dando as boas-vindas. — Humberto pisca.

— Até comprometido você dava as boas-vindas, boas-idas e sabe-se mais o quê. — Retorno para minha cadeira atrás da mesa e o encaro: — Afaste-se de Valentina.

— Primeiro, meu casamento era um fracasso. Segundo, não vou deixar de dar assistência a uma mulher como ela. Já que você não tem capacidade *pra* isso.

— Seu casamento fracassou porque Adriana pegou você fodendo uma enfermeira no seu consultório — esbravejo. — Afaste-se de Valentina, Humberto. É meu último aviso.

Ele começa a se afastar em direção à porta com cautela, pois sabe que posso alcançá-lo e dar o soco que está merecendo.

— Não vou me afastar, Juliano. Ainda estou no páreo, garanhão. Você precisa parar de querer meus segundos. É meu pai, minha ex... eu vou ficar com Valentina. Ela irá escolher a mim ao invés de você — Humberto diz, enquanto abre a porta.

— Seu pai é meu amigo, Humberto. E Adriana também. Nunca tive algo com sua ex. Você inventou essa merda — contradigo,

indignado. — Você não quer Valentina. Só quer foder.

— Talvez sim, talvez não... não importa. — Humberto hesita e me olha em desafio. — Aposto dez mil que vou fodê-la primeiro que você.

— Não vou apostar porra alguma.

— Não precisa... eu assumo. Se você ganhar, pago — ele pisca de novo. Idiota.

Apoio os cotovelos sobre a mesa e encosto o rosto sobre minhas mãos entrelaçadas à minha frente.

— Suma daqui, Humberto.

Ele ri.

— Isso será divertido. — O cretino encosta a porta e ouço sua risada ecoar no corredor.

Eu não aceitaria essa aposta. Até porque, eu vou ganhar... e não serão dez mil. Pego meu celular e começo a digitar para ela.

Onde você está, bebê?

Não demora muito e recebo a resposta. Viu só, Doc. 2. Duvido que você tem essa atenção.

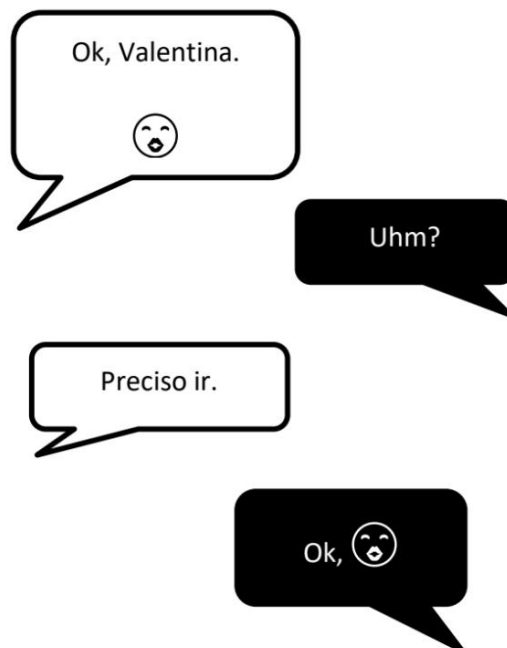
Fechando a mochila para ir à academia. Hoje é dia de treino. 🥊🏠.

Quem iria imaginar que uma garota delicada faz *kickboxing*? Eu jamais. A academia que Valentina disse frequentar não é tão longe, talvez se...



Ela deve estar receosa por ter saído com Humberto. Mas eu cheguei primeiro, porra.

Preciso agir antes que ela caia nas garras daquele imbecil. Ela não precisa saber dos meus planos



Desligo o computador rapidamente com uma ideia na cabeça.

Minha especialidade nas lutas marciais era o Judô, mas nada me impedia de abrir o leque de opções para *kickboxing*, não é mesmo?



Assim que passo pela recepção, após acertar que estaria fazendo uma aula experimental, vou direto para os vestiários. O lugar é gigantesco como um galpão espaçoso, mas com zonas separadas de acordo com a categoria de cada praticante.

Percebi uma ala mais feminina à minha direita com tatames distribuídos lado a lado, alguns sacos de areia grandes e outros em formato de pera, bonecos de treino e um ringue com cordas, dois degraus mais elevados do solo.

O mesmo padrão se repete em outros três cantos do lugar, dando a entender a evolução dos alunos.

Um corredor amplo na lateral indica o caminho com placas de feminino e masculino. Então, sigo em frente para vestir meu calção e a regata que sempre deixo no carro quando quero sair do hospital e ir direto para a academia.

Ainda no vestiário, sinto um pequeno frio na boca do estômago com a ansiedade em vê-la novamente e repenso se não estou bancando o idiota.

Ela mantém contato comigo por mensagens, mas não aceitou até agora sair comigo.

Já estou aqui. Não vou desistir agora.

Caso eu não tivesse chance alguma, Valentina já teria me colocado de escanteio e me ignorado. Porém, toda vez que mando mensagem, em menos de dois minutos ela responde.

Isso tem que significar alguma coisa.

Saio do vestiário à caça de minha bebê, caminhando lentamente para onde vejo um número maior de garotas.

A cada passo escuto os murmurinhos a meu respeito. Algo costumeiro para mim. Eu sei...

Você deve estar me achando arrogante, não é mesmo?

Eu prefiro realista, já que receber um 'não' é algo que não acontece desde a minha puberdade.

Vamos dizer que um garoto de treze anos que vai dar em cima de uma gata de dezoito estava dando um tiro no pé, correto?

O que posso fazer se meus amigos fizeram a aposta e eu aceitei?

A garota riu da minha cara quando pedi para sair comigo. Óbvio. *Eu ainda tinha espinhas no rosto.*

O melhor foi quando o pirralho aqui fez vinte anos e a mesma garota caiu de paraquedas em meus braços numa das festas de faculdade.

Se eu me vinguei?

Claro que sim! Comi aquela boceta umas quatro vezes e a deixei assada por um mês. Pelo menos foi o que ela fez questão de me contar todas as vezes que pedia para repetir e aí...

Aí eu pulei fora.

Confesso que a vingança acabou sendo *prazerosa* para ambas as partes.

Agora estou aqui... como um adolescente novamente, sentindo uma insegurança tremenda. Lembrar-me da garota do passado até me reanimou um pouco, porque eu pude saboreá-la depois de alguns anos após seu 'não'.

Contudo, com Valentina é diferente.

Eu não estou disposto a esperar. Já sou um homem feito e meu corpo provavelmente não sofrerá qualquer mudança significativa, já que possuo todos os músculos nos lugares certos e dos tamanhos adequados.

Pequenos gemidos vindos da lateral me trazem de volta ao tempo presente.

Reconheceria esses sons em qualquer lugar.

Como ímã, meu corpo é atraído e levado em sua direção. Uma moça que parece estar treinando com ela é a primeira a me notar, pois Valentina está de costas para mim, chutando e socando os aparadores nas mãos da amiga.

Encosto-me à parede, apoiando um ombro e cruzo os braços admirando a vista da minha *bebê* totalmente imersa em seu treino, demonstrando uma agressividade que não tem nada a ver com ela.

Inevitável não sorrir com a cena.

Valentina está vestindo um micro *short* preto e um top da mesma cor, com os cabelos preso em um rabo de cavalo alto e suas mãos estão com luvas cor-de-rosa com detalhes pretos.

Ela está sexy pra caralho.

A amiga não para de me encarar. O que faz Valentina ceder à curiosidade, dando uma pausa em seus golpes, finalmente olhando para trás.

— Ju-Juliano? — pergunta, ofegante, com o peito subindo e descendo de modo acelerado.

Essa visão... puta que pariu!

O mundo acabou de desacelerar e meus olhos captam até as gotículas de suor que deslizam nos dois montes de seus seios apertados pelo top.

Minha boca saliva com a ideia de lamber cada um deles e sentir o salgado do seu gosto em meus lábios.

Forço-me a olhar para cima e empurrar a imagem para o fundo do meu cérebro, antes que meu pau já semiereto continue inchando com o acúmulo de sangue que acabou de fugir da cabeça de cima.

Caralho.

Essa mulher ainda me mata.

Fito seus olhos e estampo meu melhor sorriso, indo até ela.

— Oi, bebê — cumprimento, e levo uma mecha de seu cabelo de volta ao topo do rabo de cavalo e aproveito para a mesma mão descer por suas costas e puxá-la para mim. — Sei que não combinamos nada e que você tem se esquivado de mim. Mas você

nunca disse que não podíamos treinar juntos. — justifico minha aparição em sua academia.

— E desde quando você faz *kickboxing*? Acho que nunca te vi aqui antes — ela me desafia com a voz brincalhona, sem me afastar. Ponto para mim. Estamos evoluindo.

— Eu já fiz judô e pratico vez ou outra... mas sua menção às aulas daqui me deixou curioso. — Vagueio com o olhar o local sobre sua cabeça, já que a altura de Valentina me permite ter visão de todo lugar.

Depois retorno para seu rosto perfeito. Lembrava que ela era pequena... e linda.

Nossa! Como ela é linda...

Tento ao máximo disfarçar minha respiração que começa a falsear aumentando meus batimentos cardíacos e evito a todo custo engolir para que ela não perceba meu nervosismo pelo movimento do pomo de Adão.

Cara... como é difícil manter o ar confiante quando estou tão inseguro.

Cadê o médico fodão que deu o cartão *premium* para essa garota?

Deve estar no mesmo lugar de sempre... *em lugar nenhum*, porque até naquele dia fiquei amedrontado com o mulherão em minha frente que derrubou metade da prateleira de leite condensado.

Ela estava atrapalhada por conta do imenso moletom rosa que vestia, o que não diminuiu em nada o magnetismo que senti quando seus olhos azuis encontraram os meus.

— E você quer treinar comigo? — pergunta com um sorrisinho de canto.

Abaixo o rosto até o pé do seu ouvido e sinto o arrepiar de sua pele.

— Você quer me bater, bebê? Não sabia que tinha um “quê” de BDSM em você.

Ela solta um riso frouxo e me encara.

— Com você... topo tudo.

E Valentina me pega de surpresa nessa.

Topa tudo? Ah... bebê!

Vou cobrar esta fala com juro e correção monetária.

Alguém limpa a garganta próximo a nós, tirando-nos de nossa bolha particular.

— Estou atrapalhando, amiga? — A moça que estava antes treinando com Valentina indaga, checando-me da cabeça aos pés.

Meu bebê se afasta e o frio que sinto no local que antes ela estava me incomoda. Não deixo nosso contato se perder, segurando seu braço com suavidade.

Ela não se libera e é o que preciso para manter a postura descontraída ao seu lado.

— Ingrid... esse aqui é Juliano. — Ela faz um gesto de cabeça.

— Juliano, esta aqui é minha melhor amiga, Ingrid.

Eu sabia que poderia ser a tal amiga de quem tanto fala, mas precisava da confirmação. Aproximo-me, deixando um leve beijo na bochecha da loira, que sorri desavergonhadamente para Valentina.

— Vo-você é o Doc. 1 — saiu mais como afirmação do que pergunta. Uma mistura de orgulho e chateação invade meu peito sobre o problema em subtrair o número dois da equação.

Porém, não agora.

Agora quero continuar sentindo a pele de Valentina em mim e para isso preciso dispensar a amiga logo.

— Só Juliano. — Dou-lhe uma piscadela e enlaço um braço ao redor de Valentina. — E aí? Topa ir para o tatame comigo?

Minha bebê sorri divertida e assente, conduzindo-me, com a mão enluvada em minha cintura. Ela nos coloca frente a frente e assume uma posição de ataque.

Acho graça de sua dancinha de luta. Sorrio e caminho vagarosamente, aguardando seu primeiro golpe. E não é que a danada vem para cima?

Tenho que me esquivar para não levar um olho roxo de brinde para casa.

Eu a faria me recompensar por isso. Ah, se faria.

Ela golpeia alguns *jabs* e ganchos, para depois dar um chute na lateral do meu corpo. Faço a minha melhor cara de dor e quando Valentina baixa a guarda, avanço dando-lhe uma rasteira e levando-nos ao chão.

Eu não estava gostando de nossos corpos interagindo na vertical mais. Não desse jeito. Na horizontal seu contato era maior e eu poderia mobilizá-la.

— Você não sentiu dor coisa alguma? — constata.

— Eu precisava que esses bracinhos me dessem uma folga — indico para ela sorrindo.

— Não aguenta uma mulher Doc.?

— Vamos dizer que esta aqui tem me dado mais trabalho que o normal — digo brincalhão.

— Esta aqui só está com medo de se machucar. — Sua expressão começa a mudar de ‘toda sorriso’ para mais séria. *Não quero isso...*

Então, começo a fazer-lhe cosquinhas.

— Não precisa ter medo de nada, Valentina. Não sou um bicho-papão. — falo rindo, tentando manter o mínimo da leveza que estávamos antes.

— Para, Juliano! Para, por favor! — ela implora, contorcendo-se pelas cócegas, e minha cabeça de cima vai para um caminho errado a cada ‘por favor’ que ela solta e se esfrega em mim.

Fodeu!

Valentina continua a se contorcer em meu agarre e...

Merda!

Uma dor horrenda surge em minhas bolas.

CA-RA-LHO!

Ela deu uma joelhada em meu saco...

Putaquepariu! Que dor da porra!

Encolho-me ao seu lado em uma posição fetal e nem me importo com quem possa ver a cena vergonhosa que presto para todas as mulheres ao redor assistindo de camarote.

Acho que a tal Ingrid pediria até uma pipoca quando a vejo com a mão na boca segurando o riso.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Juliano? Me desculpa! Por favor? Me desculpa? — Valentina ajoelha-se ao meu lado e começa a me tatear.

Agora o ‘por favor’ dela não leva nenhuma conotação sexual para meus neurônios.

— Eu não queria te machucar! Eu sinto muitas cócegas... foi involuntário — ela choraminga, e continua cheia de dedos em mim e...

Cacete! Não tem como piorar?

Agora que percebo onde as mãos de Valentina estão.

No meu caralho!

Porra!

Valentina está com uma mão em meu braço e a outra em meu pau na frente de algumas curiosas que analisam até com olhos clínicos a situação.

Com as bolas doendo *pra* caralho, meu pau começa a ficar duro fazendo tudo, menos melhorar a dor.

— Valentina... — digo, sôfrego. — Sua mão...

— Está tudo bem... vai passar, *tá*... — ela fala massageando ainda mais o local. Porra! Ela ainda não percebeu?

— Bebê, linda... — Nunca pensei em dizer isso um dia para uma mulher. — Preciso que tire a mão do meu pau. — Consigo que a voz saia, praticamente num gemido.

Valentina puxa a mão rapidamente e suas bochechas ficam vermelhas como um pimentão. Acharia uma graça se ainda não estivesse lidando com o latejar entre as pernas.

— Desculpa? — ela sussurra. — O que posso fazer?

Levanto o tronco e fico numa posição sentada. As garotas ao nosso redor se dispersaram a mando da amiga de Valentina, que pelo visto notou que precisávamos de um momento.

A feição preocupada de Valentina aquece meu peito de modo tão único que fico segundos sem reação. Então, acaricio seu rosto

com a palma da mão. — Você pode beijar *pra* sarar.

Ela me olha num susto e volta a sorrir. Devolvo com um sorriso maroto.

Prefiro minha bebê assim.

Valentina beija minha mão, ainda em seu rosto.

— Você fez isso de caso pensado — ela me acusa.

— Levar uma joelhada no saco? Acho que não... — brinco. — Foi você quem perguntou o que fazer.

As engrenagens da cabeça de Valentina rodam para uma lógica tão óbvia. O que mais eu poderia pedir depois de ela ficar massageando meu pau?

— Que tal um açaí? — Ela levanta-se e me estende a mão, que uso só para sentir seu calor enquanto fico em pé. — Eu pago. Queria mesmo comemorar com você minha nova fase profissional, de qualquer forma.

— Então, estava nos seus planos finalmente sair comigo? — questiono, empolgado. Cara, esta mulher está me matando aos poucos!

— Talvez... — seus lábios sobem naquele meio-sorriso.

— Qualquer coisa com você, bebê — remeto-me às suas palavras.

— Qualquer coisa, hum?

— Qualquer coisa... — Puxo-a batendo suas costas em meu peito para cheirar seu pescoço.

Porra! Eu aceito o que ela puder me dar.



Vamos para a lanchonete ao lado da academia e sentamos em uma das mesas que ficam na área aberta para a rua. Valentina me conta tudo o que vem acontecendo em sua vida com a agência de publicidade e como seus amigos estão tão entusiasmados quanto ela.

Boa parte eu já sei por nossas trocas de mensagens. Contudo, ouvi-la e ver a euforia no brilho dos seus olhos é algo muito melhor.

A alegria de Valentina com cada detalhe é contagiante. Ela não é apenas uma mulher gostosa com um rosto perfeito...

Ela é demais.

Fico hipnotizado ouvindo como eles decoraram o andar do prédio onde funcionará a agência. A estratégia de marketing que ela arquitetou com os amigos e os primeiros clientes que começaram a surgir.

Ela tem uma carga emocional pesada, e quem olha de fora não pode imaginar isso por conta do seu sorriso fácil e sua luz própria.

Valentina vê o lado bom de tudo.

Até mesmo o divórcio e sua ida forçada ao mercado de trabalho como secretária ela transformou em uma história altruísta.

Afirmou convicta que jamais sairia da zona de conforto sem *este empurrão*, bem como perderia a oportunidade do seu ex-chefe e novo sócio se interessar por seu trabalho.

Aliás, se um dia conhecer o tal Cadu Rodrigues, quero parabenizá-lo pela esperteza.

Claro que ele ajudou muito Valentina, mas irá sair ganhando desse acordo com certeza. Tive uma pequena pontada de ciúmes quando minha bebê enfatizou um pouco mais sobre o ex-chefe. Entretanto, a menção de sua namorada, amenizou o pequeno dragão que nunca, *digo, nunca mesmo*, rugiu dentro de mim.

Essa mulher será minha perdição...

Como que a dividi com Humberto ainda é uma incógnita. Acho que eu precisava de uma desculpa para a sensação que tive ao vê-la no mercado. E a primeira que meu cérebro registrou foi tesão.

A ligação aumentou ainda mais depois que estive dentro dela. E a cada pedacinho que esta mulher incrível me dava em suas mensagens de texto, deixou-me mais e mais fascinado.

Saber como sua mente funciona, seus valores e a forma carinhosa com que trata seus filhos majora minha admiração.

Valentina é uma pérola.

Valiosa demais para se perder...

— Bom... então é isso — diz, assim que abre a porta do veículo. Eu a acompanho até lá após pagar a conta da sorveteria que também vende açaí. Ela tentou pegar minha comanda, mas não deixei. Óbvio.

— Não é isso, não... — Abro mais a porta e prendo-a entre meus braços, colocando um em cada lado de sua cabeça sobre o teto do carro. — Você me deve um encontro descente, bebê. Eu mereço isso depois de você quase destruir a possibilidade da minha prole nascer.

Tenho que jogar com as armas que tenho, não é mesmo?

— Você quer um encontro só para ganhar os beijinhos em seu pau? — insinua com malícia.

— Não. Eu quero um encontro para te levar em um lugar bacana, conversar como fizemos hoje e depois, quem sabe, eu deixo você beijar meu pau — devolvo presunçoso com um sorriso.

Seu queixo cai e não aguento, começo a rir.

— Você tá de brincadeira — ela retruca.

— Sim... estou — levo o indicador e fecho sua boca que continua aberta, mesmo depois de falar. — Mas não vou negar se você quiser me dar um boquete. — Pisco e antes que saia qualquer coisa junto nossos lábios, pressionando os seus na intenção de acabar com a discussão onde meu pau estava em pauta.

Depois de um tempo, suavizo a pressão e chupo seu lábio superior. Valentina ofega em minha boca, o que só me estimula a avançar mais. Levo uma mão à sua nuca e a outra à cintura para colar nossos corpos e a beijo com intensidade.

Movimento meus lábios vagorosamente, saboreando o gosto de Valentina mesclado ao adocicado de açaí.

Para mim, seu gosto sozinho já é perfeito.

Traço a linha de sua boca com a ponta da língua e ela solta um gemido baixo. Eu queria ouvi-lo alto, de preferência um gemido com meu nome.

Valentina se abre mais e eu a consumo, tomando cada arfar, cada barulho, cada suspiro.

Aprofundo mais o beijo, acariciando sua língua com a minha em movimentos sensuais, chupando-a como queria estar chupando sua boceta. Sinto quando ela fecha suas pernas e move o quadril ao encontro da minha ereção.

— Te pego amanhã às dez — digo, mordiscando seu lábio inferior. Ela só resmunga em concordância. Sugo mais algumas vezes seus lábios diminuindo a velocidade e acalmando nossas respirações. — Não me evite mais, bebê — peço, sentindo-me patético.

Orgulho não existe mais.

Ela balança a cabeça afirmativamente.

Deposito um último beijo em seus lábios e me afasto, deixando-a entrar no banco do motorista e dar a partida no carro. Ela abaixa o vidro e me encara.

— Aonde vamos?

— Não sei ainda... — Coço a nuca, fazendo charme. Claro que sei, mas só vou dizer quando estivermos lá. — Amanhã podemos decidir.

Valentina me olha com curiosidade e assente.

Eu não quero impor nada a ela. Por mais que não role nada depois do encontro, não vou me afastar. Gosto de tê-la como amiga.

Então, quero manter o que construímos. Uma amizade... colorida, espero. Mas uma amizade.

Minha bebê vai embora, e só saio dali após perdê-la de vista quando seu carro vira a próxima esquina.

Puxo e solto o ar numa lufada e sorrio vitorioso.

As palavras de Humberto sobre a aposta ecoam em minha mente. Não aceitei aquela babaquice.

Eu vou mostrar para ela que sou um espetáculo sem assessoria.

Sim. Eu sou.

Reafirmo mais algumas vezes para minha autoestima voltar ao patamar acima dos padrões, algo que com Valentina oscila.

Nunca fui inseguro, *caralho*.

Entro em minha BMW i8 preta e dou partida.

Eu sou o Doc. 1 dela... e pretendo ser o único.

CAPÍTULO 11

Sabe qual é a vantagem do seu sócio e ex-chefe ser um dos caras mais ricos da cidade? É poder ter uma sala comercial ampla o suficiente para montar a recepção e o escritório não apenas para uma mesa, mas sim três.

Advinha o valor do aluguel?

É amiga... minha fada madrinha não veio voando com asinhas brilhantes, vestido rodado e um chapéu engraçado.

Minha fada madrinha é um CEO gostoso da porra, cuja namorada apelidou de Satã.

Estou dando um rodopio preguiçosamente em minha cadeira atrás da mesa, esboçando o mesmo sorriso bobo que vejo nos rostos de Ingrid e Pierre à minha frente.

Minha amiga está digitando algo em seu notebook e Pierre ajeitando algumas pastas no móvel que mais parece uma bancada, mas que decidimos usar como arquivo.

O lugar é amplo e arejado, todo com tijolinhos à vista em um tom claro, compramos os móveis de segunda mão do escritório de uma arquiteta de interiores que, pelo visto, não deu certo no mercado de trabalho.

A garota até mandava bem, já que nossos móveis são um arraso. Alguns possuem as cores amarelo gema com detalhes em branco que destacam no ambiente. As cadeiras dos clientes são daquelas com designer *Eames* de acrílico transparente.

Nossas mesas são feitas de MDF, imitando madeira bem clarinha, com três gavetas cada. Colocamos alguns painéis com

imagens abstratas nas paredes, que Pierre fez questão de escolher.

Então... nada mal para quem está começando, não é mesmo?

Cadu Rodrigues já mandou, por intermédio de sua nova secretária (uma senhora de aproximadamente cinquenta anos), os documentos de todas as empresas do Grupo GR que precisam repaginar a publicidade.

Este homem realmente não dorme no ponto.

Porém, o que mais me empolga é que meus amigos e inclusive *euzinha* aqui, já conseguimos outros clientes com pequenos anúncios através das redes sociais.

Fizemos pequenas promoções para microempresas e empresas de pequeno porte que se interessaram. Temos *trabalho a dar com pau*.

Hoje estou muito, mas muito feliz, pois o dinheiro presente em minha conta, em razão das primeiras parcelas pagas por nossos clientes, é fruto do *meu trabalho*.

O melhor de tudo?

Não é muito, mas o suficiente para custear as despesas dos meus filhos.

O alívio é gritante.

Termino o giro da vitória e encaro meu novo ganha-pão, abrindo a primeira pasta sobre minha mesa e analisando os produtos oferecidos pela empresa que irei criar todo *merchandising*, incluindo um site para venda *on-line*.

Meu celular toca em cima da mesa e o visor indica ser o Dr. Schnauzer. Minha mão fica num impasse de vai ou não vai sobre o aparelho, o que faz Ingrid vir até mim para examiná-lo.

O que posso fazer?

Meu dia está sendo tão bom que estou com medo de estragar com qualquer notícia que venha de Ricardo, mesmo que seja meu advogado ligando.

Antes que eu perceba, Ingrid sorrateiramente passa a mão por baixo da minha e pega o telefone.

— Telefone de Valentina, Ingrid falando — ela se identifica. Lanço um olhar feroz e mimico com a boca um ‘atrevida’, ela sorri com sarcasmo. — Ela foi ao banheiro, mas logo retorna. Quer adiantar o assunto comigo? — indaga e depois permanece em silêncio, o que significa que Dr. Bidu, ou melhor, Schnauzer... Cara! Bidu é tão mais fácil de pronunciar. *Sacou a piada?* Bidu? O cachorro do Franjinha da Turma da Mônica, hum? Ele é um schnauzer. Enfim... Ingrid acena com a cabeça concordando com sabe-se lá o quê. — Ah, ela já voltou, Doutor, o senhor pode dar a boa notícia direto *pra* ela.

Ingrid oferece o aparelho telefônico para mim e gesticula com a boca “atende”, mantendo um leve sorriso.

Se fosse merda, ela não estaria sorrindo, não é mesmo?

Respiro fundo antes de levar o telefone ao ouvido.

— Pois não, Dr. Schnauzer, pode falar — peço e ouço meu advogado limpar a garganta do outro lado da linha.

— Menina Valentina, como vai?

— Estou bem. — Aguardo e os segundos se tornam horas para quem está agoniada. Então, atropelo-o com as palavras: — Só que ansiosa *pra* saber o motivo da ligação.

— A sentença saiu, minha querida! — sua voz vibra. — E foi totalmente favorável. Ricardo terá que efetuar o pagamento da pensão alimentícia direto na sua conta bancária a partir do próximo mês. — diz satisfeito.

Ele também ansiava por esta notícia. Acho que todos. Eu conseguia enxergar nos seus olhos que não queria decepcionar meu pai, seu amigo de anos.

Fico absorta por alguns instantes até assimilar que o telefonema trazia boas novas e não ruins.

— É... é... Isso é bom. Nossa... — suspiro, soltando o ar aliviada. — Isso é muito bom.

— Sim, querida. Claro que Ricardo ainda pode recorrer, mas a sentença deve ser cumprida de plano e o recurso não irá intervir por ora.

— Tu-tudo bem — aceito, e entendo sua explicação, sei como funciona esse lance de recurso, ou não seria filha de advogado se não soubesse.

— Mas fique tranquila. A primeira já é nossa, e a segunda instância tende a manter as decisões dessa juíza. Dificilmente haverá alguma alteração.

— Ó-ótimo — ainda gaguejo nas respostas, pois tudo isso é surreal. Boas notícias assim... vindo a cavalo?

Eu disse que aquela Consulta Médica mudaria sua vida. — Ouço a voz da secretária sussurrar em minha mente.

Balanço a cabeça rapidamente para afastar essa loucura. Despeço-me do Dr. Schnauzer e encaro meus amigos que estão aguardando a confirmação.

— E aí? — Pierre pergunta, com os cotovelos apoiados em sua mesa. Já Ingrid está sentada em uma das cadeiras à minha frente.

— Ele disse que consegui — minha voz sai baixinha. Ainda não acredito. — Dr. Schnauzer disse que a juíza julgou procedente o pedido de pensão alimentícia. Ricardo tem que pagar já no próximo mês! — Levo as mãos até minha boca que forma um ‘oh’ acompanhando meu olhar arregalado de surpresa.

— Isso! — Ingrid dá um soquinho de vitória no ar.

— Uhuuuu, florzinhaaaa! Parabéns! — Pierre levanta-se e vem até mim e me ergue num abraço de urso. Rimos todos.

— Isso é muito... muito... — Não encontro as palavras.

— Incrível? Sensacional? Extraordinário? — Ingrid tenta.

— Surreal — respondo. — Caraca! — Olho para cima elevando meus pensamentos em agradecimento.

Senhor? Mandou bem, hein?

Mandou muito bem.



O período da tarde passa voando. Talvez seja porque eu me sinto uma pluma com o alívio da ação vencida.

Não sei.

Pode ser também os muitos contatos de clientes que estão aparecendo sem parar em minha caixa de entrada, no novo e-mail de nosso escritório.

As redes sociais são um mecanismo magnífico para alcançar pessoas que realmente precisam do serviço como o nosso. O conhecimento de Pierre em saber direcionar o público alvo nos anúncios ajuda bastante.

A vibração de uma notificação de mensagem me chama a atenção. Pego o aparelho celular e encaro a tela iluminada.



Um grasnado rouco sai de minha garganta lembrando-me do encontro dessa noite.

Não estou rechaçando Juliano. Não... Não é isso. Após o telefonema do Dr. Schnauzer, acabei por fazer planos em minha mente de ficar com as crianças. Essa vitória é nossa, afinal.

Sem contar que sair de casa com um cara envolve toda uma preparação que hoje eu não sei se estou no clima de enfrentar.

Encaro novamente a mensagem. 'Oi bebê', o apelido carinhoso que Juliano vem me chamando ultimamente já amolece meu coração.

A lembrança do seu último beijo me deixou com gostinho de quero mais, confesso.

Vamos, Valentina! Você provou do Doc. 2, o que custa dar uma chance para o Doc. 1?

Sorrio abobada.

— lllliih... pelo sorrisinho, já sei que alguém está marcando território. Quem é desta vez? — Ingrid num rompante pega de novo o aparelho telefônico, checando a mensagem.

— O que tem hoje à noite? — pergunta com um sorriso de canto. — Vai sair com o Doc. 1?

Pego meu celular com um movimento rápido do braço.

— Não sei... não sei o que vestir e pensei em dar uma desculpa...

— *Opê-pê-ô*, Valentina! Pode ir parando! — ela senta-se em minha mesa. — Você vai a esse encontro, gata.

— A mona tem razão, florzinha. Você nunca teve uma pele tão linda. O sexo te faz bem. — Pierre apoia nossa amiga.

Reflito um pouco como se a decisão não tivesse sido formada. Mentira.

Eu já sei que vou. Mas o que seria de mim se não fizesse um charminho?

— Vamos dar uma volta no Shopping então? Quero comprar um vestido que vi na hora do almoço.

— É assim que se fala! O Doc. 1 merece também! — Ingrid pula da minha mesa, retornando para dela e pega sua bolsa. — Levanta essa bunda gostosa e vamos!

— Agora?

— Essa é uma das vantagens de sermos donas proprietárias do nosso próprio negócio, gata! Fazemos nosso horário. — ela pisca para mim.

— Você vem Pierre? — indago-o.

— Nah... Vou terminar este projeto e depois vou para casa. Acho que também terei companhia mais tarde. — ele responde, malicioso. Provavelmente o carinha da academia voltou a atacar meu amigo.

— Tudo bem então. — Desligo o notebook e saio com Ingrid a tira colo.

Sinto borboletas na boca do estômago provocarem toda aquela sensação de ansiedade do primeiro encontro.

Engraçado... *Não tive isso com Humberto.*



Empurro a porta do vestiário usando um dos *looks* escolhidos por Ingrid, sentindo-me um peixe fora do aquário.

— Você tem certeza que a moda é esta agora? — questiono, tirando a calcinha que teima em escorregar para o meio da bunda por conta do vestido de oncinha justo demais.

— Estampa com animais, amiga. Não tem como errar — ela sai do outro provador exibindo um top de zebra e uma minissaia preta de corino.

— Isso é tão esquisito — comento. — Seria muito mais fácil se Juliano me informasse aonde vamos.

— Doc. 1 é misterioso, Tina — Ingrid brinca. — Só espero que não te leve para um boteco qualquer. Este vestido aí não merece.

Ajusto a saia mais para baixo, tentando fazer com que o vestido aumente meio palmo, mas a luta está perdida. Estou arrependida ao extremo em ter pedido ajuda para minha amiga na escolha do meu *outfit* para esta noite.

Eu não vou usar o vestido de onça. Não vou.

Ingrid vem ao meu lado e encaramos nosso reflexo no espelho do corredor ao lado dos provadores.

— Já sei que não ficará com o vestido — ela diz baixinho e tomba a cabeça em meu ombro. — Mas se quiser comprar para me emprestar, eu aceito.

Subo a saia do vestido até a cintura para verificar a etiqueta antes de responder.

— Não vou gastar quatrocentos reais num vestido para emprestar — devolvo no mesmo tom. Ingrid suspira.

— Pelo menos tentei — replica e ri, voltando para seu cubículo cheio de peças que escolheu mais cedo na loja.

Faço o mesmo e passo a separar um *cropped* preto e uma saia *midi* de cóis alto estampada com folhagem. O conjunto é bonito. Verifico o preço e o valor é aceitável.

Assim que visto, sinto-me mais eu. Não é tão ousado quanto o vestido de oncinha, mas acentua minha cintura e dá um ar sofisticado que posso deixar mais despojado dependendo da sandália e acessórios.

Passo as mãos em minhas coxas alisando a saia em frente ao espelho. É... acho que escolhi.

— Sai do casulo, borboleta. Quero ver — Ingrid berra do corredor.

Abro a porta e sorrio quando minha amiga assobia.

— Uau, gata! Se não for pela roupa, o sorriso já diz tudo.

Estou sorrindo?

Nem percebi. Pressiono os lábios numa linha fina e vou ao seu lado. Minha amiga agora está com um vestido igualzinho ao de oncinha. Confesso que nela, a ousadia combina.

— Você também está linda, amiga — elogio.

— Linda? — ela empina a bunda de lado para o espelho. — Estou é gostosa *pra* caralho. Ailton que me aguarde.

— Ailton? Não era Zé Roberto?

— Este foi do mês passado, Tina. Ailton é o carinha que conheci na bilheteria do cinema, lembra? Aquele filme que fui sozinha porque você estava ocupada demais arrumando desculpas *pra* sair?

— Alice tinha prova, Ingrid. — Solto o ar em desaprovação ao comentário de minha amiga. — Não posso sair sem planejar antes. Você sabe sobre isso.

— Seus filhos já têm doze anos, Tina. Você não precisa se comportar como se tivessem cinco.

Aperto as laterais da testa, antes de tentar explicar para minha amiga extremamente independente que não conseguiria passar uma noite de lazer preocupada com minhas crianças.

— Você não entende...

— Por quê? Por que não tenho filhos? — ela se volta para mim. — Amiga, entendo, sim. Essa dependência é mais sua do que deles. Mas... tudo bem. Foi até bom estar sozinha, ou não teria conhecido... — ela toca seus lábios com o indicador como se buscasse algo na memória — Ailton. Isso! Não teria conhecido Ailton.

Rio.

— Você nem lembra o nome do cara direito.

— E se ele não for bom de cama não vou fazer questão de lembrar amanhã. — Ela pisca.

Balanço a cabeça e desvio o olhar para meu reflexo.

Respiro fundo absorvendo as palavras sábias de Ingrid. Ela tem razão em parte quando diz que a dependência é minha.

Eu sei. Porém, ainda estou reaprendendo a viver. Tomar minhas próprias decisões e melhorar minhas atitudes como mãe estão na lista.

Talvez deixar meus filhos tropeçarem, às vezes, é melhor do que conduzir o tempo todo pela mão. Senão, como eles irão aprender a se levantar sozinhos depois de um tombo?

Eu não estarei aqui para sempre, não é mesmo?

— Ficou lindo na senhora. — A atende fala atrás de mim e levo um susto saindo da discussão interna em como educar meus filhos.

— O-obrigada — sorrio. Ela estende outros vestidos em minha direção.

— Trouxe mais alguns, caso queira provar.

Pego as peças de roupa e agradeço, retornando ao provador. Acho que levar mais de um modelito seria aconselhável, já que minha vida de encontros começou a se movimentar.

Não que espere sair mais vezes com meus dois Docs. Mas... quem sabe?

Depois de mais uma hora circulando pelo shopping e gastando aquilo que ainda nem sequer recebi com alguns brincos e acessórios de bijuterias, deixo Ingrid em seu apartamento e sigo para minha casa.

O nervosismo que ainda não tinha conversado comigo, surge tagarelando alto e em bom som em meus pensamentos.

Droga.

Tomo um banho demorado para relaxar um pouco. Raspo as axilas, pernas e quando alcanço a virilha, repenso se manter ou não algum pelo ali me impediria de fazer o que não seria bom para um primeiro encontro.

Para de ser idiota, Valentina. Ele já viu tudo aí. E sabe muito bem como te atacar como gosta, passa essa lâmina direito pra não errar e acabar se cortando!

Levo a bronca mental da minha consciência e acabo obedecendo como uma boa menina.

Quando saio do quarto, enrolada na toalha, meus filhos passam para se despedir com minha mãe. Consegui, não sei como, dizer que sairia esta noite e pedi para que ficassem na casa dos avós.

— Boa balada, mãe! Manda um beijo para a tia Ingrid — Alice beija minha bochecha.

— Beijo, mãe — Dinho segue o exemplo da irmã e ouço D. Martha chamar do andar de baixo e também me desejar boa festa.

Não consegui dizer que sairia em um encontro... deu para perceber, né?

Seria um passo muito maior do que estou disposta a dar. Dizer para as crianças que sairia com Ingrid é mais fácil do que contar que teria um encontro com o Doc. 1.

Ainda mais quando a probabilidade de ir além do que uma boa foda é praticamente zero, hum?

Sento-me à mesa de computador que hoje serve mais como penteadeira em meu quarto e começo a me maquiar. Dou uma espiada no visor do celular para verificar as horas. Estou muito bem cronometrada com a saída das crianças e a chegada de Juliano para me buscar.

Sorrio satisfeita e antes de devolver o aparelho de volta, sinto-o vibrar com uma notificação. Desta vez, do número de Humberto.



HUMBERTO: Estou com
saudades

Oi? Arregalo os olhos para a mensagem exibida na tela.
Não deve ser.
Outra vibração.



HUMBERTO: Está livre neste
fds, Tina?

Que loucura! Tudo bem que nosso jantar rendeu algo no carro, mas não pensei que rolaria um segundo encontro.

Bom... nem pensei em aceitar um segundo encontro, já que Juliano começou a rodear e até me perseguiu na aula de *Kickboxing*.

O Doc. 1 tem sido mais assíduo nas mensagens.

Já o Doc. 2... *nem te vi*.

Resolvo deixar o telefone de lado e terminar a *make*. Humberto viu que visualizei por conta dos dois risquinhos azuis, mas estou entretida esfumaçando a sombra nos olhos. Decido pensar numa resposta amanhã.

Hoje vou me concentrar em um médico só, e este virá me buscar dentro de meia hora.

Melhor me apressar.

CAPÍTULO 12

Juliano parece distraído, mexendo no aparelho celular, no momento em que fecho a porta de casa e caminho em sua direção.

Quando nossos olhares se cruzam, prendo a respiração por alguns segundos, tentando absorver a imagem do homem maravilhoso à minha frente.

Se geralmente este homem já é uma visão do paraíso, arrumado então...

Porra! Ele está vestindo uma camisa preta, com as mangas dobradas até os cotovelos e calça jeans de lavagem escura. Seu cabelo está úmido e jogado de lado, meio bagunçado e arrumado num estilo sexy.

Acho que colocar uma Anabela foi a melhor opção para hoje, já que mesmo lindo e arrumado, Juliano ainda está despojado.

Aleluia. Não estava afim de enfrentar outro restaurante cheio de almofadinhas...

Espera! Ele talvez possa ainda, sim, me levar em um lugar desses, não é?

Suspiro e prefiro não pensar, por ora.

Meu Doc. 1 empurra o corpo que estava encostado no capô do carro e abre a porta do passageiro para mim.

Os homens têm ficado mais gentis ou apenas cansaram de pedir para nós mulheres não batermos a porta do carro com tanta força?

— Linda, bebê. Você está linda. — Antes que passe pela abertura, Juliano enlaça minha cintura e deposita um beijo em meu

pescoço, fazendo-me arrepiar com a suavidade de seus lábios. Fico sem reação e perco a mobilidade das pernas na mesma hora. Ele percebe e, por isso, acaba me conduzindo para dentro do seu carro.

Inspiro, inalando o ar vagorosamente, buscando acalmar as borboletas que entraram num redemoinho de vento em meu estômago. É a pior coisa que poderia fazer, já que o perfume almiscarado de Juliano está impregnado por todo o veículo, me deixando mais zozna.

Olho para frente, tentando fazer meu peito desacelerar e espero Juliano contornar o carro para assumir o volante. Ele dá a partida e mal pegamos uma das Avenidas próximas à minha casa, sinto seu sorriso em mim.

— Por que está nervosa, bebê?

— Não sei... — suspiro. Eu realmente não sei por que estou tão nervosa assim. Parece que a presença de Juliano me afeta muito mais do que de qualquer outro homem. — Você me intimida.

— Eu te intimido? — ele ri. — Bebê, eu implorei e te persegui *pra* me dar uma chance. Quem deveria sentir-se intimidado e inseguro aqui sou eu. — Juliano pega minha mão sobre o colo e leva em seus lábios, mantendo a atenção no trânsito.

Solto um riso sem graça.

— Você é um homem lindo, gostoso, bem-sucedido, solteiro e sem filhos. Como não me intimidar com isso?

Juliano demora um pouco e quando o carro para em frente a um semáforo, ele me encara antes de perguntar com um riso travesso:

— Você me acha gostoso?

— Jura que você só ouviu isso?

— Eu ouvi tudo, bebê. Mas esta foi a única parte que me interessou.

O trânsito retoma seu fluxo e ele segue, sem mais comentários sobre o que disse.

Seguro meu queixo com uma das mãos, descansando o cotovelo no apoio da porta.

— Você é inacreditável.

— Inacreditável e... *gostoso*. — Ele estala a língua no céu da boca. — Posso lidar com isso. — Sorri.

Porra! Eu estava fodida.

E com certeza ficarei literalmente fodida até o fim desta noite se meu Doc. 1 não perder tempo. Porque, se dependesse de mim, eu estaria de pernas abertas para ele agora.

— Aonde vamos?

— Em um lugar que eu gosto muito — responde rápido.

— E este lugar seria... — tento para que continue.

Ele bufa uma risada.

— Você verá.

Solto um pequeno rosnado de brincadeira.

Não demora muito e percebo que estamos no bairro Vila Mariana, próximo de um dos *Pub's* com música ao vivo que Pierre e Ingrid vivem me chamando para ir com eles.

Isso é bom. Um lugar com música sempre é mais fácil. Se a conversa não fluir, posso pelo menos me divertir com a música.

Você sabe que não só a conversa, mas outras coisas irão fluir muito bem com o Doc. 1, Tina.

— Hoje a banda é uma dupla, amigos meus, eles tocam de tudo, mas o forte é sertanejo. Espero que goste — Juliano diz, assim que paramos num estacionamento privado, próximo ao lugar.

Se eu gosto de sertanejo?

Realmente não sei responder, já que me limitava ao gosto de Ricardo. Há tanto tempo que não busco uma *playlist* com músicas que eu me interesse.

Até nisso estou me redescobrando.

Melhor ficar quieta e curtir o máximo que puder.

Entramos primeiro no bar e encontramos assentos no balcão. Juliano pediu duas cervejas. Eu agradei e passei a tomar a minha tranquilamente.

— Não respeita a lei seca? — observo quando Juliano dá a primeira golada.

— Respeito. Por isso vamos embora de Uber.

— Vai deixar o carro aqui?

Ele acena que sim.

— O cara do estacionamento já sabe.

Fico aliviada, mas depois um pouco decepcionada por perceber que este tipo de encontro pode mais ser outra rotina na vida dele.

O que você pensou, Tina? Que ele te levaria para um lugar especial?

Minha cara deve ter demonstrado a pontada de desapontamento.

— Que foi, bebê? — ele segura meu queixo com uma das mãos.

— Nada. — Bebo da minha *longneck* e afasto os pensamentos. Sorrio e me ajeito mais no assento alto. Depois passo a analisar o lugar com mais afinco.

É um misto de bar e mais ao fundo parece uma casa noturna, com um ambiente fechado e um palco, onde instrumentos musicais estão posicionados. Provavelmente, para a dupla se apresentar.

O garçom aproxima-se e serve uma travessa com iscas de frango empanado, que Juliano havia pedido. Agradeço por já ter jantado. Até porque sair depois das dez horas da noite, como Ingrid havia me alertado, não seria para um jantar.

Tomamos mais duas cervejas. Eu sei que tomei duas, já Juliano talvez um pouco mais. E a bebida me deixa mais relaxada e falante.

A banda começa os primeiros acordes e não demora muito para a dupla começar a tocar. Como estamos em um ambiente mais afastado, é possível prosseguir com uma conversa sem ter que gritar um no ouvido do outro.

Falamos sobre minha nova Agência, algo que o Doc. 1 descobriu ser meu assunto favorito. Tentei evitar falar só disso, pois tinha medo de entediá-lo como fiz com Humberto. Então perguntei sobre a faculdade de medicina.

— Por que escolheu ser médico?

Os olhos de Juliano caíram um pouco, mas ele me encarou e percebi que tentou responder naturalmente.

— Eu sempre gostei mais de estudar biologia e as outras matérias que fugiam de exatas e humanas. E depois... — ele suspira. — Minha mãe teve câncer no colo do útero. Quando descobrimos estava bem avançado. Mesmo assim, conseguimos controlar por alguns anos. Acho que minhas idas ao hospital e querer saber o que acontecia com minha mãe ajudou.

— Ela está bem? — Fico sem graça, mas não consigo evitar a pergunta.

— Ela faleceu quando eu estava no segundo ano da faculdade.

— Eu sinto muito... — digo com sinceridade e toco seu ombro.

— É... eu também. — ele pega uma isca de frango, passa no molho e joga na boca. — Mas... Já faz muito tempo. Gosto de me lembrar de minha mãe. Ela era incrível. Uma artista, sabe?

— Uma artista?

Ele confirma com a cabeça.

— Minha mãe gostava de pintar quadros. Era seu hobby.

— E seu pai?

— Ele também era médico.

O “era” não passou despercebido.

— Era?

— Ele morreu em um acidente de carro um ano depois de minha mãe.

— Nossa! Que difícil! — solto baixinho, com empatia.

— Foi... — ele pede outra cerveja para o atendente do bar. — Mas como disse, faz tempo. — Agora, vem. — Juliano me puxa pela cintura e me leva para frente do palco. — Quero dançar com você.

Sorrio e agradeço para sua mudança repentina, já que o assunto estava bem pesado.

Juliano me conduz no ritmo da música com maestria e fico empolgada em acompanhá-lo. O Doc. 1 sabe o que faz e quando

dou por mim, estamos sendo observados.

— Onde você aprendeu a dançar?

— Com minha mãe. Meu pai não tinha ritmo e minha mãe sempre gostou de dançar. Quando completei 13 anos, sabia que já teria tamanho suficiente para ser seu par. Então, disse que queria aprender. — ele me rodopia e volta a encaixar meu corpo no seu. — Na semana seguinte começamos na academia de dança de salão.

— Então você sabe dançar todos os ritmos?

Ele solta um grunhido.

— Nem todos, mas sertanejo é fácil de encaixar os passos. — Juliano aproxima seu rosto no meu pescoço e sinto sua voz sair mais baixa. — E para um adolescente magricela, saber dançar era um passo para pegar as garotas.

Rio e dou um pequeno tapa em seu braço.

— E eu aqui pensando o quanto você queria dançar para agradar sua mãe. — Ele sorri, me afasta conduzindo um passo mais elaborado, fazendo minhas costas irem ao encontro do seu peito, mantendo o compasso.

— Também.

Estamos dançando e sorrindo um para o outro já há algumas músicas. O ritmo é fácil e Juliano é um exímio dançarino que sabe conduzir. Tudo é fácil com ele.

Meu Doc. 1 é bom de cama, de conversa, de dança. Ele é bom em tudo.

Inclusive em foder mulheres com seu amigo Humberto.

Merda. Por que este pensamento aleatório, Valentina?

O que estou fazendo?

Não posso me encantar por um cara que tem como fetiche transar com o amigo. Não posso.

— E-eu preciso ir ao banheiro — informo, colocando a mão em formato de copo próxima ao seu ouvido.

Ele balança a cabeça e indica a direção.

Desprendo-me dos seus braços e vou até lá. Não posso deixar essa sensação se alastrar por mais tempo. Eu estava certa em não

aceitar sair com o Doc. 1.

Ele é o tipo de cara que pode quebrar meu coração... de novo.

Assim que entro no banheiro, agradeço por uma das cabines estarem vazias. Faço xixi rapidinho e depois vou até a pia lavar as mãos. Permaneço alguns minutos me analisando e retomando a linha de raciocínio que não me levaria ao desespero.

Não se apaixone por ele, Valentina. Ele é perfeito, mas não é pra você.

Retoco o batom e tento me convencer que hoje não significa nada. Que é possível continuar com minha noite divertida sem envolver sentimentos profundos.

Isso. Não haverá qualquer sentimento profundo. Apenas sensações profanas e safadas.

Nada de profundo... salvo se o fundo for lá dentro da minha boceta. Só isso.

Será que bebi demais?

Talvez...

Saio do banheiro em busca de Juliano e o encontro me esperando do lado de fora.

— Você demorou. — Ele enlaça minha cintura. — Está tudo bem?

— Está. Mas... Podemos ir?

Ele solta um muxoxo.

— Já?

— Você pode ficar se quiser...

— Valentina — ele me repreende. — Eu estou aqui com você, bebê. Se quiser ir, nós vamos.

Suspiro e agradeço, assentindo com a cabeça.

— Vem, me dá sua comanda — pede.

— Eu pago.

— Só quando eu nascer de novo e sem um pau, uma mulher vai pagar se sair comigo. — Ele pega a comanda da minha mão. — Foi uma das coisas que minha mãe me ensinou. E pode parecer machista. Mas, nisso... sou assim.

Machista? Sim. Contudo, a atitude significa muito. Faz com que me sinta segura e cuidada.

Não denota que um dia voltaria a depender de um homem na vida. Não. Isso nunca mais.



— Você disse que seus filhos não estão. — Juliano afirma quando o motorista do Uber para em frente à minha casa. — Posso descer?

— Não sei se é uma boa ideia... — sussurro.

Juliano volta-se para o motorista: — Pode me esperar duas casas à frente? Se não aparecer em dez minutos, significa que não vou, ok? Já pago o tempo a mais.

— Tudo bem — o motorista concorda.

Desço do carro e Juliano, acerta o valor e me segue.

— Você acha que vai me convencer a dormir com você em dez minutos? — empertigo indignada.

— Em menos até... — E Juliano avança me agarrando pela nuca e colando nossas bocas de supetão. Levo um susto a princípio e só não caio de bunda, pois ele me puxa *pra* ele.

Ele suga meus lábios com ferocidade, fazendo-me arfar quando sinto o baque das costas na madeira da porta. Juliano se afasta para mirar meus olhos e desta vez aguarda para observar minha reação ao seu avanço.

E droga! *Quem estou enganando?*

Puxo-o pela nuca e faço com que continue o que começou.

Enfio de qualquer jeito a chave para abrir a porta e quando dou por mim, já estamos próximos às escadas.

— Lá em cima, primeira porta à direita — indico a localização do meu quarto. O Doc. 1 me ergue em seu colo estilo noiva e sobe os degraus de dois em dois.

Caralho! Este homem tem um físico que vou te contar, viu?

Onde mesmo ele estava que não apareceu antes em minha vida?

Ah... Numa clínica pegando todas as outras mulheres fodidas com seu coleguinha!?

Para, Valentina!

Agora não!

Goza primeiro umas três vezes e depois você volta a raciocinar.

Sim, sim... – resolvo obedecer a minha consciência.

Juliano me joga no meio da cama e tira minhas sandálias. Eu não espero e desço o zíper da saia, revelando minha calcinha fio dental de renda preta. Acho que visão com o *cropped* causou uma boa impressão, já que seu sorriso é puro desejo contido.

— Você é tão gostosa, bebê. — Juliano avança sobre mim como um felino engatinhando. Percebo quando tira os sapatos com os calcanhares, desabotoa os primeiros botões da camisa suficientes para puxá-la por cima e jogar para o lado. — Vou te foder tão gostoso que você vai pedir mais de uma vez.

— Que tal falar menos e agir mais? — sorrio safada e é o incentivo que ele precisa.

Juliano me vira de costas para ele e antes de baixar minha calcinha ele estapeia minha bunda, fazendo-me dar um gritinho. Não esperava por isso, confesso. O ardor é bem-vindo, tanto que o segundo tapa reverbera um tremor em minha boceta.

Pressiono minhas coxas, sentindo minha excitação aumentar.

— Você gosta, bebê? Gosta de apanhar, hum?

Olho por cima do ombro.

— Se for para amaciar minha bunda como você está fazendo... acho que sim.

Ele franze o cenho e sorri.

— Acha? — Meu Doc. 1 enfia o rosto entre minhas nádegas inalando e raspando os dentes com aspereza, depois morde cada banda que estapeou. — Vou fazer você ter certeza.

Minha calcinha é puxada para cima com força, fazendo o tecido invadir minhas dobras. Juliano passeia com a língua pelos grandes lábios expostos de baixo pra cima até encontrar meu orifício enrugado e apertado.

— Juliano... — choramingo.

— Quietinha, bebê. Hoje você é toda minha. Só minha. — E num último puxão, lá se foi uma das minhas calcinhas favoritas. A renda é rasgada pela lateral e como o estouro de um champanhe minha bunda se resvala no rosto do meu doutor malvado.

— Aaaah... — grito pela ardência, excitação e surpresa.

Juliano não espera que me recupere do choque e voa direto para minha entrada com sua língua habilidosa, preenchendo e saboreando o líquido quente que escorre.

Sua mão entra por baixo em meu quadril, forçando-me a arrebitar a bunda para ele. O queixo com a barba rala raspa em meu clitóris e não aguento ficar parada.

Rebolo em sua cara, buscando o alívio que preciso.

Os dentes de Juliano se fecham ora e outra na pele que alcança, mantendo as investidas de sua língua ritmadas. Ele é incessante e impetuoso, forçando o queixo no montinho de nervos, como se soubesse exatamente o que quero.

Sinto o calor crescer entre minhas pernas e percorrer o caminho das minhas coxas até meu cerne. Sou praticamente levantada por trás quando grito com a onda de prazer que me aplaca com força, fazendo os músculos da minha boceta apertarem a língua de Juliano algumas vezes.

Gemo baixinho, fazendo um bico e levando meus braços para cima de minha cabeça preguiçosamente.

Meu corpo é virado de barriga para cima, como se eu fosse uma boneca de pano.

— Tire o *top*, Valentina — ele comanda.

— É um *cropped* — pontuo.

— Que seja... Está cobrindo o que quero ver.

Mantenho um beicinho por receber a ordem como um bebê mimado. Juliano me encara e começa a tirar a calça, com a cueca e meias, num único ato.

— Eu não vou ser gentil, bebê. Talvez depois. Mas agora quero muito me enterrar em você. Estou atrasado para comer essa bocetinha.

Com medo de perder a roupa nova que ainda está parcelada em meu cartão de crédito, retiro o *top* ou *cropped*, sei lá, por cima da cabeça e puxo o corpo de Juliano para o meu.

— Você não está atrasado, Doc. 1. Sua consulta está no horário marcado. — assopro em seus lábios, e novamente beijo afoita meu médico delícia.

Ele corresponde, chupando meus lábios e deslizando sua língua na minha, sentindo cada pedacinho da minha boca. Sinto meu gosto misturado a uma bala de menta.

Isso responde ao ardor em minha entrada enquanto ele me chupava. O danado estava com uma bala na boca. *Que horas ele fez isso, que não vi?*

— Enfia esse pau gostoso na minha boceta. Enfia... — peço, dengosa. Juliano me olha surpreso, mas com um sorriso torto.

— O que eu ganho se te fizer gozar de novo? — pergunta, segurando meu rosto entre as mãos.

— O que quer?

— Te conhecer...

— Mais? Acho que você é um dos poucos que me conhece tão bem... — Sorrio. Não é mentira. Já que Juliano parece entrar em minha mente e me fazer falar sobre minha vida com tanta facilidade que até me assusta.

Ele beija minha bochecha e sussurra ao pé do meu ouvido:

— Quero saber seus gostos, seus sonhos... — ele beija a outra e continua. — Seus desejos mais íntimos.

O som aveludado de sua voz me excita mais combinado com o pau duro e grande roçando minha vulva. Abro minhas pernas ao máximo, fazendo a cabeça encaixar-se na entrada.

— Juliano... — resmungo. — Me fode, por favor...

Ele morde meu queixo e se afasta, pegando a calça jogada no chão e retirando a camisinha de um dos bolsos. Vejo o papel laminado em suas mãos e num piscar de olhos, meu Doc. 1 está de volta à mesma posição, aprisionando meu rosto entre seus cotovelos.

Seu membro rígido invade o espaço muito pequeno para ele dentro de mim. Juliano rosna baixinho por todo caminho, preenchendo-me lentamente até bater lá no fundo.

— Relaxa, bebê — sussurra. — Relaxa ou não vou durar.

— Eu devia ter te chupado antes.

— É um convite?

— Agora você vai continuar aí e me fazer gozar. Nem pense em murchar antes disso — repreendo-o e ele bufa uma risada.

— Vou tentar, bebê. Relaxa essa boceta apertada que fica mais fácil.

— Pensa em alguma coisa. — sugiro.

— Tipo?

— Sei lá... algo que te faça durar. Você não tem alguma tia velha e ranzinza?

— *Nops!* Sem tia.

— Então... — sinto quando minha boceta aperta involuntariamente sua circunferência. E é tão bom, me remexo um pouquinho.

— Bebê... — ele avisa. — Quando eu começar, não quero parar e quero fazer durar.

— Gato morto! — falo rápido. — Pensa em gato morto.

— Com você quente, gostosa, e com a boceta apertando meu pau? — Ele balança a cabeça. — Vai ser bem difícil.

— Se eu não gozar agora, você me faz gozar depois. Só se mexe, vai — reclamo e subo meu quadril de encontro a ele. — E faz duro e forte, do jeito que eu gosto.

— Mulher gostosa do caralho. Só de falar assim, fico com mais tesão. — Ele morde os lábios e finalmente começa a se mover e

estocar.

— Forte Juliano! Mais forte! — suplico, num comando, e ele obedece, batendo o quadril com intensidade em minha virilha.

Ele morde os lábios e se levanta, esticando os braços em cada lado de minha cabeça. Levo as mãos em meus seios e começo a massageá-los, apertando os bicos.

Juliano entende o recado e desce com a boca para um deles, passando a sugá-lo com força.

— Gostoso... continua, bebê — digo e percebo que ele hesita ao me ouvir chamá-lo do mesmo apelido.

— Ah, ah, ah... — ele geme. — Eu vou gozar, gostosa. Você vem comigo?

— Não sei... — minhas pernas estão formigando novamente, mas ainda preciso de mais.

— Aaah... — Juliano torce o rosto numa cara de dor, mas sei que é puro prazer, dando mais algumas estocadas e se esvaziando em mim.

Seus olhos abrem e sua boca vai direto para a minha, num beijo carinhoso e mais calmo. Parece um beijo de agradecimento. Quando nossos olhos se abrem e os lábios se afastam, Juliano me encara sorrindo.

— Só preciso de um tempinho para recomeçar... — ele diz num cochicho. — Mas, enquanto isso, você tem vibrador?

Franzo o cenho com a pergunta.

— Confia em mim, bebê. Você tem? — ele insiste.

— Tenho, mas...

— Pega.

Apoio-me nos cotovelo e Juliano senta-se ao meu lado. Busco minha caixinha no fundo falso da gaveta da mesinha de cabeceira (crianças em casa, medidas necessárias), abrindo em seguida sobre a cama.

Juliano pega meu sugador clitoriano, uma das minhas últimas aquisições, e analisa o formato em gota com a abertura redondinha.

Ele liga e testa na palma da mão. Sorri com malícia e pega o lubrificante dentro dos meus itens de sex shop.

Minhas idas ao Sex Shop com Ingrid e Pierre aumentaram depois do divórcio, por necessidade e também por ser divertido conversar com meus amigos no meio de pintos de borrachas, lubrificantes, calcinhas comestíveis, vibradores uretrais e uma infinidade de objetos destinados ao prazer.

Não resisti em comprar algumas coisas para mim, além dos vibradores comuns.

— Você é bem diversificada, hum? Pensei que fosse encontrar um vibra normalzinho.

— Acho que minha vida deixou de ser normal nos últimos tempos, não? — Ergo uma sobrancelha sugestivamente, lembrando-o que após a *Consulta Médica* nada mais foi ordinário.

Seu sorriso morre um pouco e fico sem entender. Por que isso é ruim?

A pergunta fica apenas em meus pensamentos, pois quando formulo para dizer, Juliano se posiciona entre minhas pernas e passa a deslizar os dedos na região vermelha e sensível.

Suspiro e ele morde o lábio com uma expressão satisfeita. Fecho meus olhos e sinto o líquido frio do lubrificante cair no meu clitóris e ser distribuído por toda extensão. O sugador é ligado e engulo um gritinho ao ser posicionado no local exato destinado a ele.

Juliano morde minha perna e abro meus olhos para mirá-lo ali, intencionado em me dar prazer. Ele senta-se ao meu lado e enfia dois dedos em minha boceta, com o movimento de vai e vem lento.

Conforme meu abdômen começa a se contrair e meu quadril dançar de um lado para o outro, meu Doc. 1 insere mais um dedo, me masturbando com o indicador, dedo médio e anelar.

— Está gostoso, bebê?

Mordo o lábio inferior, sugando-o para dentro da boca, assentindo com a cabeça. Acho que estou assentindo, pelo menos.

— Então geme alto que quero te ouvir. Geme e grita meu nome, gostosa. Grita o nome do cara que está te fodendo com os dedos.

Juliano aumenta a velocidade da sucção e o primeiro grito me escapa. O quarto é invadido pelos sons incoerentes que faço e o movimento ritmado dos dedos úmidos por conta do lubrificante misturado à excitação que vaza da minha boceta.

Quanto mais barulho eu faço, mais ele intensifica a velocidade. A quentura abrasadora começa a surgir em meu baixo ventre, causando uma leve ardência em minha uretra, para depois expandir como o quebrar de uma onda no mar revolto cheio de luxúria e prazer.

— Aaaaahh... Julianoooo! — grito e ele aumenta o ritmo forte e contínuo quando abro os olhos e o encaro mordendo os lábios e admirando minha entrada. Meu corpo se desmancha em espasmos, convulsionando com cada estocada.

Juliano tira seus dedos abruptamente e joga o vibrador para o lado, metendo-se entre minhas pernas e me invadindo de uma vez com seu pau novamente rijo e imenso.

— Aaaaaah... — arqueio para frente e ele me prende com seu corpo sobre o meu.

— Você aguenta, bebê. Eu sei que aguenta — ele fala estocando seu pau em minha entrada cada vez com mais força. E a sensibilidade do recém-orgasmo pela masturbação cria uma mistura de dor e prazer em meu interior.

No momento, não sei identificar qual dos dois.

— Ju-Juliano... — reclamo chorosa.

— Só um pouquinho, gostosa — ele me olha pidão e não consigo negar nada a ele.

Ai, merda. Amanhã não vou andar. Eu sei disso. Sua boca vai direto para a curva entre meu pescoço e meu ombro, passando a morder e sugar desesperadamente.

Gemo alto e sonoro. E o som parece deixá-lo ainda mais louco. Juliano sai de cima de mim e me vira de costas, puxando

meu quadril, fazendo-me ficar de quatro. Ele encaixa seu pau com facilidade e volta a meter insanamente.

Sinto o tapa ardido em minha bunda, seguido de um apertão e massagem espalhando a queimação pela região.

Não sinto mais tanto o incômodo da dor, e o prazer volta a se destacar. Rebolo e empurro minha bunda no ritmo ditado pelo médico.

— Você é gostosa demais, bebê. Fico louco com essa bunda.
— Juliano espalha a lubrificação em meu cu e aos poucos enfia um dedo e depois outro. — Quer me dar o cu de novo, Valentina?

Minha resposta é apenas um gemido.

Percebo quando ele diminui o ritmo e olho por cima do ombro para saber o que está fazendo. Com a mão livre, Juliano vasculha os outros itens da minha caixinha do prazer e pega um vibrador interno para o ponto G com uma alcinha que massageia o clitóris ao mesmo tempo.

— O que você vai fazer? — questiono ofegante, com o fiapo de voz que me resta.

Ele apenas sorri e liga o aparelho que passa a tremer nas duas extremidades. Em seguida lambuza com o lubrificante e direciona o objeto pela frente do meu quadril, saindo aos poucos da minha boceta, e preenchendo o vazio com o vibrador.

— Está no lugar certo, bebê?

Levo minha mão para posicionar melhor e alcançar o montinho de nervos com precisão, sentindo o tremor dentro e fora. — Sim...

— Consegue segurar?

— *Uh-hum.*

— Quando gozar, grita pra eu te seguir, tá?

Só balanço a cabeça, antes de sentir o pau de Juliano entrar em meu cu com cuidado. Minhas dobras são esticadas ao redor da cabeça rosada lisa, fazendo-me arfar com a ardência inicial em receber toda sua grossura.

— Eu não vou andar amanhã — murmuro.

— Essa é a intenção — fala, com graça e continua me invadindo pouco a pouco. — Caralho, sinto meu pau vibrando no seu cu, bebê. Posso? — ele pede para começar a se mover.

— Pode.

Meu Doc. 1 inicia o vai e vem mais delicado, sentindo minhas rugas esmagarem toda a circunferência até o fundo. A vibração na frente e as estocadas atrás proporcionam sensações absurdas de prazer. Os três lugares sendo estimulados é demais.

— Quero foder este rabo com força, bebê. Aguenta? — sua voz sai entredentes, e percebo que está se contendo. Meu corpo está totalmente entregue a ele.

— Si-sim... — consigo balbuciar entre uma estocada e outra. Juliano morde meu ombro e sinto seu sorriso convencido, antes da velocidade acelerar de modo alucinante.

Estou caindo de paraquedas numa espiral arrebatadora que, somados aos sons animais saindo de Juliano, alimenta mais e mais meu tesão. E então...

Eu grito.

Grito com a intensidade do meu gozo explodindo em chamas por todas as minhas terminações nervosas, me queimando de dentro para fora como um vulcão em erupção.

Juliano me segue, grunhindo e gemendo alto, com a voz grossa que reverbera e sei que irá permanecer gravado em minha mente, em minha cama e por todo meu quarto.

Desligo a vibração e puxo o aparelhinho milagroso, sentindo as últimas estocadas em meu rabo. Nossas respirações ainda estão aceleradas, quando deitamos na cama, lado a lado.

Passam-se alguns minutos, até que me encara, virando a cabeça para mim. Nossos peitos sobem e descem desacelerando aos poucos. Ele levanta sua mão e acaricia meu rosto com o polegar.

— Você está bem? Fui muito bruto?

Sorrio e beijo sua mão, sentindo-me acalentada pela preocupação.

— Você foi perfeito. — sussurro. — Perfeito, Doc. 1.

Ele solta um riso frouxo e volta a deitar de barriga para cima. Depois, senta-se na beirada da cama e aponta para a porta do banheiro. — Posso?

— Fique à vontade.

— Vem comigo?

— Vou depois — respondo.

Por mais que Juliano tenha fodido minha boceta e meu cu, ainda quero que o banho pós-foda seja apenas meu. Vamos desenhar algum limite para preservar o pouco do que resta da minha intimidade.

Caralho. Não fiquei nada receosa em colocar Juliano para dentro de casa como aconteceu com o Humberto.

Ai, merda.



Sorrio como boba sentindo o cheiro do meu shampoo no cabelo de Juliano.

— O que foi? — indaga, também sorrindo e entrelaçando nossos dedos.

Após o banho, ficamos deitados em minha cama ainda nus e sorrindo como dois bobos um para o outro.

— Você está com o meu cheiro.

— Eu sei. Gosto do seu cheiro. — Ele continua carinhoso, desenhando círculos no dorso da minha mão com o polegar. — Tenho que ir embora?

Subo meu olhar para ele.

— Tem. — concordo, aborrecida, pois uma parte maluca em meu peito gostaria que ele ficasse.

Tá doida, Valentina?

Tô!

— Seus filhos?

— Sim... Eles voltam amanhã de manhã, e... — suspiro e retiro minha mão da dele, jogando o corpo de barriga para cima. — Eu não deveria ter te deixado entrar...

A loucura do tesão esvaindo-se do meu corpo satisfeito deixa a realidade bater em minha porta aos berros.

— Por que não? — questiona, ofendido. — Você é uma mulher madura e tem direito de fazer suas escolhas, Valentina. E eu adorei ser uma delas.

Volto a fitá-lo. Este homem tão lindo que não faço ideia o que viu em mim quer dormir comigo?

Inspiro e solto com uma lufada sonora.

Ele não é pra mim.

Juliano pode ser lindo, mas não é um cara para me envolver.

— Juliano... — resmungo. Passo as mãos pelo rosto.

Droga. Não queria terminar com esta noite assim.

E queria como?

Com ele saindo pela porta e sorrindo pra mim?

Ele senta-se na beirada da cama e começa a se vestir emburrado.

— Eu não menti quando disse que só tenho pensado em você, Valentina.

Sua postura me deixa irritada. Não sei o porquê, mas não me seguro e digo:

— Você pensa em mim e continua com suas Consultas Especiais?

— Este é o motivo? — Juliano me olha por cima do ombro, abismado.

— Eu não te entendo, Juliano. Nós saímos, transamos... Não é como se você quisesse um compromisso comigo.

— E se eu quiser?

— Você mal me conhece.

— Eu disse que quero conhecer. Sinto algo diferente entre nós. Esta química — ele aponta para mim e para ele —, isso, não se

encontra em qualquer lugar, Valentina.

Sento na cama e puxo um travesseiro, tampando meu corpo. Eu sei que ele tem razão, em parte. Porque nunca senti metade do que sinto quando Juliano me toca com outra pessoa, nem com Ricardo e muito menos com Humberto.

Mas... Não posso começar algo com ele...

— Eu saí, Valentina. Não existe mais o cartão *premium pra* mim. — confirma o que a secretária disse no dia da minha Consulta.

— Por que você fazia? — Tenho a ideia inicial que foi passada para mim. Mas ouvir da boca de Juliano é diferente.

Ele se levanta terminando de vestir a calça e contorna a cama em direção à sua camisa. Após, me encara e percebo que está hesitante para responder.

— Eu não posso dizer... só que... sempre existiu e sempre irá existir. Entrei nessa por diversão, confesso. Mas os benefícios de fazer parte do *Consultório*, não são relevantes *pra* mim. Por isso... — ele suspira. — Saí.

— Mas Humberto ainda está?

— Não sei... É sigiloso e quando saí, perdi qualquer informação vinculada. Também não me importo. Você se importa?

— Com o quê?

— Se Humberto ainda faz parte?

Dou de ombros. Quando saí com Humberto, eu sabia onde estava pisando.

O problema aqui é outro.

Justamente o que toda essa noite está causando dentro de mim. Não apenas o cansaço físico e a leve ardência em pontos específicos do meu corpo, mas, sim, o que acontece no interior dele, em particular, no meu coração.

Essa coisinha chata chamada esperança... é uma merda.

— Bom, se o motivo de não querer algo comigo era isso, espero ter esclarecido tudo. — Juliano está vestido em minha frente e me encara.

Fica pensativo por alguns segundos até avançar sobre mim, prendendo-me pela nuca e buscando meus lábios. Ele me beija e como um hábito recém-adquirido, minha boca maneja em acompanhar seus movimentos.

Que merda!

Na sequência, despede-se e fecha a porta atrás de si, deixando-me sem reação.

Corro até o topo da escada.

— Vo-você vai embora como?

Ele levanta o aparelho celular, ainda de costas para mim.

— Pedi um Uber, já deve estar chegando. Eu fecho a porta e jogo a chave por baixo, *bebê*. Vá dormir e passe uma pomada de assaduras pra conseguir andar amanhã.

— Cretino... — resmungo.

— E bebê? — ele vira pra mim com a mão na maçaneta. — Eu quero você. — dá uma piscadela e vai embora, fechando a porta em suas costas.

Encosto o ombro na parede e fico mirando a porta fechada. Pressiono uma coxa na outra e sinto o ardor resultado desta noite.

Será que ainda tenho pomada de assaduras no banheiro?

Maisena resolve?

CAPÍTULO 13

Subo e desço o cursor sobre o mesmo logo, tirando e recolocando um símbolo para montar a combinação adequada que identifique melhor os produtos de uma fábrica de cosméticos.

Hoje nada parece se encaixar.

Meu estômago está embrulhado desde ontem à noite quando disse sim para Humberto. Ele pediu novamente um encontro e eu aceitei depressa demais.

A insegurança que preencheu minha manhã pós noite com Juliano massacró meus neurônios com mil e uma teorias do que posso esperar dele.

Eu quero você...

Quero você?

Pra quê?

O que eu tenho a oferecer para um cara como ele? Provavelmente, todas as mulheres do mundo dão em cima dele. Não tenho como competir com nenhuma delas.

Merda.

Um novo relacionamento com Juliano será mais uma passagem para meu próprio cativeiro, mas desta vez o tíquete não será pago por meu pai, e sim por mim.

Droga.

Por que ele precisa ser tão gostoso?

Já faz alguns dias e ainda sinto o resultado daquela noite. Suspiro sem querer. Nossas trocas de mensagens não mudaram

tanto, apenas com algumas lembranças a mais do que fizemos.

Confesso que pensar em Juliano tem ocupado mais espaço em minha mente do que o normal.

Humberto também tem se feito presente, não com tanta frequência. Mas sua insistência em sair novamente e a insegurança em estar a caminho do abismo com Juliano me fez dizer sim.

O pior de tudo é minha sinceridade nata.

Eu não devo nada a eles. Por isso contei sobre Humberto para o Doc. 1 que aparentemente não gostou nenhum pouco.

E por que merda me sinto culpada?

Droga de novo.

— Desembucha, Tina! — Ingrid berra de sua mesa. — Faz mais de uma hora que você está agredindo o mouse com tanta fúria que estou preocupada se temos algum reserva caso você dilacere este.

Jogo o objeto na almofadinha *mousepad* e encosto abruptamente na cadeira, fazendo-a mover-se para trás.

Cruzo meus braços e permaneço sem encarar meus amigos que aguardam minha confissão.

— Eu não aguento mais isso — rosno. — Vou sair de novo com Humberto e Juliano afastou-se, dizendo que eu preciso *pensar*.

— Bem... vamos lá! — Pierre cruza as pernas e coloca a mão sobre o joelho, assumindo uma postura de psicólogo frente ao paciente. — Você está saindo com dois caras lindos, bem sucedidos e que são sensacionais entre quatro paredes, correto?

Olho, incrédula, para a racionalização da minha atual conjuntura formada em apenas uma frase por meu amigo.

— Você tem foda garantida. Está com o escritório a mil maravilhas, o que indica realização profissional. Os pentelhos em casa estão se comportando bem. E o ex-*filho da puta* tem cumprido com suas obrigações como pai, finalmente. Tudo confere? — Ele enumera cada item em seus dedos.

Viro-me para Ingrid que também está atenta, assistindo a palestra sobre minha vida.

— O que te faz falta, Tina? — Ingrid indaga, com a voz mansa.

— Eu sei o que faz. — Pierre contorna sua mesa e senta-se sobre ela. — Você sempre foi uma romântica a espera do príncipe *charming*. O mauricinho, entenda-se *ex-filho da puta*, de terno foi enfiado goela abaixo por seu *papis*. Então... até hoje você ainda sonha com um cara perfeito.

— Apareceram DOIS! — Ingrid constata empolgada demais, erguendo dois dedos para mim.

— Perfeitos na cama? Sim! Perfeitos *pra* você? Sua escolha — ele emenda. — Você nunca escolheu de verdade, florzinha. E agora você tem um cardápio variado à sua frente.

— Você não está ajudando, Pi! — aponto.

— Eu, no seu lugar, me esbaldaria com o cardápio inteiro. E também daria uma volta nos demais restaurantes. Algo que não é do seu perfil. — Meu amigo gesticula para a janela, cruzando os braços de modo delicado.

— Eu também! — Minha amiga assanhada não deixa sua posição de fora.

— Você já combinou os pratos principais. Já provou separadamente... Se faz questão em escolher um *pra* sua dieta, o que falta? — indaga, por último.

— Bom... — Já que estou fazendo terapia, sento-me adequadamente. — Um prato me agrada muito, só que engorda. — gesticulo com o braço esquerdo para um lado. — O outro é perfeito, me deixa saciada, mas com medo de me lambuzar toda e escorregar no dia do lixo *pra* sempre. — falo após gesticular o braço direito do outro lado. — Entende?

Os dois balançam a cabeça negativamente.

— Vamos parar com o lance de comida — resmungo. — Humberto é uma foda segura sem meu coração em jogo. Juliano está sob minha pele de um jeito que nem se esfregar sabão caseiro sai.

— Hummm... — um sonoro murmúrio em coral ecoa dos meus dois amigos.

Pierre dá dois tapinhas em suas pernas e retorna para sua cadeira.

— Você já sabe o que quer Valentina. Pare de aparentar covardia. Você é guerreira, mãe, mulher! Uma heroína! Pare de ter medo da vida e viva!

— Uau! — Ingrid arregala os olhos para o amigo. — Podemos usar isso em uma das campanhas, Pi! — exclama.

— Já usei, mona — ele beija o ombro e dá uma piscadela.

Solto o riso pela ousadia. Ele e Ingrid nunca tiveram as mesmas dúvidas que eu precisei lidar no correr dos anos.

Talvez até tivessem, mas souberam escolher, não deixando ninguém tomar as rédeas de suas vidas.

Aqui está nossa diferença. Onde meus amigos já são formados e pós-graduados na escola da vida, eu me encontro no jardim de infância.

Aprender a viver calçando meus próprios sapatos é mais difícil do que pensei.



Estamos na fila do cinema e Humberto está abraçando minha cintura. Quem olha acredita que somos um casal.

Será que ele age assim com todas as garotas?

— Quero tanto te beijar, Tina — ele sussurra em meu ouvido.

— Hum? — Ergo o queixo mais para ter certeza de que ouvi certo e ele aproveita como uma deixa, segurando meu rosto com uma das mãos e avançando em minha boca.

O choque inicial se dissipa conforme seus lábios movem, sugando levemente os meus. Existem pessoas ao nosso redor, mas o corredor é mal iluminado e acabo cedendo.

Humberto avança um pouco mais, enfiando os dedos nos cabelos de minha nuca, e pressionando minha cintura, enquanto eu apenas seguro a bandeja com a pipoca e o suco que peguei para o filme.

Ouçó quando a sessão anterior acaba e algumas pessoas passam por nós. De repente o beijo de Humberto passa a ter um gosto estranho em minha boca. Mesmo com a multidão caminhando por ali, ele não diminuiu seu toque, pior, intensificou.

Minha percepção fica distorcida e a imagem de que aquelas pessoas possam me reconhecer de algum lugar me causa náuseas.

E então, sou eu que paro sem aviso, afastando-me e deixando um Doc. 2 no vácuo, beijando o nada. Ele me olha e franze o cenho, numa demonstração de desgosto descarado.

Meneio a cabeça indicando as pessoas à nossa volta e ele dá de ombros, voltando a circular minha cintura com os braços.

Dentro da sala de cinema, Humberto pareceu empenhado em manter o show que começou no corredor comigo.

Como nunca tive a experiência em dar uns amassos no cinema, os beijos suaves em meu pescoço fizeram a mágica para me deixar no clima e aceitar suas investidas.

Em certo ponto, meu Doc. 2 desabotoa minha calça jeans e começa a avançar para me tocar. É quando algo dentro de mim torce de modo desconfortável, gelando meu corpo do abdômen pra baixo, revirando toda a pipoca que havia comigo.

Afasto-o com delicadeza, até porque eu havia permitido tudo aquilo.

Felizmente, ele para e passa a segurar apenas minha mão por um instante, até levá-la para sua virilha e me fazer apertar seu pau duro sob o jeans da calça.

Esfrego um pouco, sentindo-me incomodada com a situação. Humberto não me dá escolhas.

Se fosse outro momento de minha vida, eu poderia achar sensual um homem conduzir nossa interação. Mas agora?

Agora não.

Puxo minha mão e passo a usá-la tão somente para jogar pipocas em minha boca. Quando estas acabam, permaneço o tempo todo com o copo de suco na mesma.

Humberto solta um suspiro exasperado e joga um braço sobre meu ombro, apenas para não se dar por vencido atrás do muro invisível que eu havia construído.

Quando o filme acaba, decidimos caminhar admirando as lojas.

— O que quer comer? — pergunta e entrelaça nossos dedos para andarmos de mãos dadas no shopping.

— Qual a opção?

— Tem um restaurante aqui dentro mesmo que eu gosto.

— Pode ser. — dou de ombros.

Ele me conduz até lá e a recepcionista dá uma comanda para mim e outra para ele, antes de nos levar à nossa mesa.

Admiro o cardápio e vejo que eles têm macarrão com frutos do mar. Fico interessada em pedir este, até que o garçom se aproxima e Humberto, sem me questionar, já lança:

— Vamos querer duas *bruschetas* de entrada, fettuccini Monsenhor de filé minhon e dois sucos de laranja, por favor.

O garçom olha para mim, apenas acenando como se meu pedido já tivesse sido discutido com o meu acompanhante e logo sai com a ordem para a cozinha.

— Como você sabia o que eu ia pedir? — indago irônica, em um tom ranzinza, estampando um sorriso. *Sorriso falso*.

— Eu te conheço, Valentina. Sei do que gosta — diz convencido ou tentando me convencer.

Levanta e vai embora, gata!

— Eu, na realidade, queria experimentar o macarrão com frutos do mar — indico. — E detesto *bruschetas*.

— Ah... — seu olhar é surpreso, já que nosso primeiro encontro ele me levou em um restaurante italiano que elogiei. Será que por isso pensou que poderia acertar o meu pedido? Fecho o cardápio e coloco sobre a mesa. — Mas você irá gostar do outro prato, posso pedir uma salada se quiser.

— Nah... Vou comer essas torradinhas de aperitivo. — Na mesa tinha um antepasso com torradas.

Ficamos um momento em silêncio e percebo que Humberto está mais prestando atenção ao nosso redor do que em mim.

Por que será que agora não sou mais interessante?

Por que não deixei ele me tocar ou também não o toquei?

É só sexo?

Ele só quer sexo.

É para você também só querer sexo.

Então por que o fato da conversa não fluir como foi com Juliano está me incomodando tanto?

Pretendendo mandar este pensamento para longe, penso em conhecer mais sobre a história de Humberto. Isso aqui pode funcionar, não é?

— Você sempre escolhe as comidas para as garotas?

— Só quando elas estão indecisas.

— Eu parecia indecisa pra você?

Humberto se inclina e apoia os cotovelos sobre a mesa.

— Diga-me você, Valentina. Está indecisa?

Essa pergunta é sobre o que exatamente?

Será que ainda estamos falando de comida?

Encosto no espaldar da cadeira e o encaro:

— Acho que ter opções e demorar um pouco na escolha não me faz ser indecisa.

E é bem nesta hora que as ditas *bruschetas* chegam. O garçom pede licença para posicionar em minha frente e até fico tentada a dar uma mordida no pão grosso com o molho de tomate e manjericão.

Respiro fundo e experimento a entrada escolhida por Humberto. Não é algo que eu comeria sempre, mas enfim.

— Viu só como sei. — aponta para minha boca cheia. Fito-o unindo mais ainda as sobrancelhas. — Você é teimosa como minha ex-mulher.

— Você agia assim com ela? Escolhia tudo *pra* ela?

Ele assente aparentando até certo orgulho.

— Nossa! Como será que ela está se virando sem você? — tento esconder a ironia, mas sai tão natural.

Humberto bufa um riso.

— Nós ainda somos amigos. Ela me liga às vezes.

Ele diz mexendo no garfo com o olhar distante, saudoso até.

— Uau... — reviro os olhos. — Não consigo entender por que seu casamento terminou.

— Quer saber?

Faço um gesto de ombro, se quiser, que continue.

— Nosso casamento estava monótono e resolvemos variar um pouco. Fomos a uma casa de *Swing*. — ele suspira. — Eu me perdi na diversão e não percebi o quanto ela... ela não.

— Sua esposa te viu transando com outra?

— E outro... bom... Acho que temos uma experiência passada que me permite... abrir essa história com você. — Seu sorriso torto não faz nem cosquinhas mais em mim. — Dali *pra* frente meu casamento desandou.

— E então você decidiu espalhar cartões pretos pela cidade oferecendo seus *serviços* e do seu colega — concluo e bebo um gole do suco, que ele acertou. Eu realmente pediria um suco de laranja.

Humberto ergue uma sobrancelha em questionamento.

— O *Consultório* existe há cinquenta anos *pra* mais, Tina. Juliano não deve ter falado muito *pra* você, não é mesmo?

Ele diz com uma pontada de maldade. Eu sinto isso.

— Ele disse que era sigiloso. E que saiu.

— Ele não mentiu. — *Idiota*, ouço quando murmura pra si mesmo. — Mas ele também não precisa da influência. Seu sobrenome já ajuda.

— Influência?

— É como se fosse um rito de passagem para o grupo, entende? Só que escolhemos nossas tarefas no círculo. Eu queria entrar e carreguei Juliano comigo. — dá de ombros como se fosse nada. — E...

— É sigiloso, não é? — corto-o antes que continue. — Então melhor mudarmos o assunto.

Sou salva pelo macarrão que chega bem na hora da situação ficar ainda mais embaraçosa.

O fato de Humberto falar tão abertamente de um segredo me deixou insegura sobre o *meu* dia da Consulta.

Espero que meu breque tenha efeito para sempre.

Resolvo partir para uma conversa mais amena e sem notar estou perguntando sobre o seu relacionamento com a ex-esposa, que pareceu ser um assunto agradável para Humberto.

Como se conheceram, quem tomou a iniciativa, como era durante a residência, sobre o nascimento do seu filho. Ele parece tão entretido que nem percebeu para quem estava contando todas essas coisas.

Acho que não devemos falar tão apaixonadamente sobre um relacionamento anterior com quem pretendemos foder à noite, não?

Não sei.

Quando saímos do restaurante, Humberto se prontificou em pegar a comanda para pagar os pedidos *feitos por ele*. Seria muita hipocrisia da minha parte querer pagar uma comida que nem escolhi.

No caminho para casa, ele colocou a mão sobre minha coxa e prontamente coloquei a minha sobre a dele, evitando uma possível subida para a região nos meus Países Baixos.

Eu não tenho a pretensão de foder com Humberto, mas talvez uns amassos no carro como da última vez seja legal.

Todavia, a imposição de suas vontades somadas aos acontecimentos sobre o término de seu relacionamento soou como uma traição para mim.

— Sabe Humberto... — hesito um pouco, pensando em como dispensá-lo sem ser rude. Querendo ou não, tivemos bons momentos. Respiro fundo, tentando aspirar coragem de algum lugar dentro do veículo quando passamos pela entrada do meu condomínio. — Acho melhor pararmos por aqui.

— Parar o quê, Valentina?

— Nós... a gente? — digo, encolhendo os ombros.

Cara! Nunca dispensei alguém na vida. Como é difícil...

Ele bufa uma risada sem humor.

— Não estamos em um relacionamento, Tina. Não precisa de um término para não sairmos mais.

— Não?

Por um milagre e uma atitude estratégica minha, já estamos em frente à minha casa.

— Era só você dizer não na próxima vez que te convidasse pra sair e fim, Tina. Geralmente, é assim que funciona.

— Não achei certo depois de...

— Tina — ele me interrompe —, se não vai rolar mais, tudo bem. Tivemos nossos momentos. — Ele dá uma piscadinha para amenizar o clima chato.

— É... tivemos.

Ele inclina a cabeça em direção ao meu pequeno jardim, dando a entender que a conversa havia acabado. Ufa! Tudo bem, então, né?

— Até mais, Humberto. — digo quando fecho a porta. Ele apenas acena e vai embora.

Suspiro em alívio.

Realmente não sei em que momento Humberto virou a chave errada para nossa noite terminar com um “até mais” e minha entrada acelerada em casa, sem nem sequer olhar para trás.

CAPÍTULO 14

— O que você tanto olha para este celular? — Ingrid pergunta, quando paro o treino para beber água de novo e espiar se Juliano respondeu minha mensagem.

Nada.

Volto-me para ela e sigo a sequência de golpes passada pelo professor. Dou alguns pulinhos e volto a me concentrar no movimento. Dois chutes laterais com a esquerda. Soco duplo e gancho de direita.

Depois do meu encontro com Humberto, minha interação com Juliano ficou mais distante. As mensagens sacanas terminaram. Ele não fazia mais qualquer referência em me tocar ou beijar, ou até mesmo me chupar, como antes.

Não pensei que sentiria falta. Mas estou sentindo.

Acabei tomando coragem e escrevi que sentia saudades.

Simples, eu sei.

Espero que ele entenda o significado. O que ele respondesse seria crucial para colocar um ponto final nesta história, ou avançar.

— Mandeí uma mensagem para Juliano e estou aguardando a resposta — respondo para minha amiga.

— Ele já visualizou?

Esta era a pior parte.

Sim, ele visualizou de manhã. São seis horas da tarde e nada.

Assinto com a cabeça.

— Ele vai responder quando puder. Pode ser que o chamaram de emergência e ele está cortando ou costurando alguém, amiga.

O otimismo de Ingrid me faz sorrir. Se das outras vezes, ele não tivesse respondido de pronto, eu poderia até pensar que era verdade.

Suspiro e volto a socar as almofadas que estão presas em seus braços e pernas. Depois intercalamos e é sua vez de socar e chutar.

Meus pensamentos estão flutuando vagarosamente nas mensagens que meu Doc. 1 costumava me enviar e...

Sou lançada para o chão com uma dor excruciante na lateral do rosto.

— Amiga! Ai amiga! Desculpa! — Ingrid agacha-se ao meu lado. — Você está bem? Ai cara... — ela leva a mão enluvada à boca. Pela sua cara, acho que não devo estar bem. — Tina, me perdoa amiga. *Tá* doendo?

O professor já está ao meu lado retirando as almofadas dos meus membros. Levo uma mão ao lado do rosto dolorido e sinto que está úmida. Sangue. *Ai merda.*

— Porra! — xingo. — Que soco de esquerda!

— Me perdoa, amiga... Você também, né? Fica no mundo da lua quando alguém *tá* te socando? — ela pontua. Com razão, aliás.

— Foi só o supercílio. A região é fácil de cortar e como é bem irrigada, jorra sangue. — nosso professor me examina. — Vai ter que levar alguns pontos, Tina. Ingrid caprichou aí.

— Vem, amiga. Te levo ao hospital.

Sou içada e conduzida por minha '*Mike Tyson*' até um banco de madeira próximo.

— Vou pegar nossas coisas e chamar um Uber, *tá* bom? Amanhã você pega seu carro.

Tento balançar a cabeça concordando com a solução, mas dói *pra* cacete. Ingrid está comigo. Então, meu carro ficará no estacionamento da academia por esta noite.



Estou sentada na maca de emergência de um hospital que não fiz questão de ver qual era. Fechei os olhos durante todo o caminho, já que estava com a visão prejudicada pela dor e pelo sangue escorrido mesmo.

Uma enfermeira gentil limpa e coloca *micropore* para a pele ficar no lugar, insere um acesso em minha mão com soro e analgésico.

Agora é só aguardar o médico plantonista para dar os pontos.

— Como você está? — a voz rouca e aveludada ao meu lado já seria suficiente para eriçar todos os pelinhos do meu corpo. Imagina somado ao toque suave dos dedos de Juliano em meu braço.

Demoro um pouquinho para responder e permaneço com os olhos fechados, saboreando a sensação.

— Valentina? — *Não bebê.* Valentina.

Yep. Acabou.

Apoio-me nos cotovelos para começar a levantar e tento abrir os olhos, conseguindo apenas que um me permita enxergar.

Juliano está ao lado da maca, examinando o corte e o provável hematoma que tomou conta do meu olho esquerdo. Ele senta-se ao meu lado e desliza os dedos por cima do machucado.

— Vou dar dois pontos, ok?

Balbucio um sim.

— Por que não respondeu minha mensagem? — pergunto, antes que ele comece.

Tento ridiculamente fitá-lo com um olho só.

— Era pra responder? — soa sarcástico. Juliano não é sarcástico. *Não comigo.*

Tombo a cabeça para o lado, analisando-o. Ele bufa um riso falso, balança a cabeça negativamente e volta-se com a agulha em mãos.

Ai droga. Isso vai doer.

Pressiono meus olhos esperando a primeira pontada.

— Relaxa... — ele sussurra e minha mente traiçoeira me leva para uma lembrança onde ele dizia a mesma palavra.

Porra!

Ficar excitada quando estão te costurando não deve ser coisa de gente normal.

— Eu não pretendia responder, Valentina.

Meu coração se aperta no peito, ficando pequenininho.

Suspiro cansada.

— Tudo bem... entendi.

— Entendeu o quê?

— Que acabou. — eu mesma não ouço a minha voz.

— Como iria acabar algo que nem sequer começou?

Percebo quando ele termina e depois coloca um curativo em cima. Não sei se consigo contradizê-lo agora.

Estou processando a dor da rejeição que assim na lata veio em doses cavalares. Não pensei que sentiria vontade de chorar de novo tão cedo depois do divórcio. Ainda mais por outro coração partido.

— Eu ia aparecer na academia depois do seu treino, Valentina. Estava saindo do plantão, quando sua amiga chegou com você. Voltei porque se alguém fosse costurar este rosto lindo, seria eu. — ele segura meu queixo.

— Vo-você ia à academia?

Ele confirma com a cabeça.

— Por quê? — indago baixinho.

— Porque eu também estou com saudades e fiquei me remoendo todos esses dias para passar por cima do meu orgulho besta. — Juliano pressiona seus lábios, contrariado por revelar seus sentimentos. — Eu fiquei puto quando disse que ia sair com Humberto. Não sei por que fiquei assim... não sei. — Ele passa as mãos pelos cabelos.

Sem pensar direito, seguro o rosto do meu Doc. e puxo para mim, unindo nossas bocas. Seus olhos abrem mais pelo susto e depois se suavizam, conforme seus lábios roçam nos meus.

Nosso beijo é lento, carinhoso, praticamente um reconhecimento do toque com sabor de saudade.

Juliano chupa meus lábios úmidos, lambendo o contorno de minha boca, de modo provocante. A expectativa em sentir os movimentos de sua língua me enlouquece. Eu quero mais... quero sentir cada pedacinho do seu corpo no meu.

Minha respiração acelera conforme a intensidade do beijo. Juliano invade minha boca, roçando sua língua na minha causando um tesão enorme em meu ventre.

— Eu vou te foder nesta maca se continuar me beijando assim, bebê — sopra em meus lábios.

Bebê...

Sorrio.

— Eu não me oponho.

Ele olha para a porta do quarto e verifica a movimentação das enfermeiras. Vai até lá e tranca a porta, voltando-se para mim com um sorriso malicioso nos lábios.

— Vai ser rápido. Vai ser duro e não sei se consigo fazer você gozar — ele atesta. — Mas estou com uma saudade da porra de você e não estou pensando direito.

— Eu só quero te sentir — murmuro.

— Porra, bebê! Você neste shortinho de academia me deixa maluco. — Juliano me puxa para ele. Fica ao lado da maca, fazendo-me descer para puxar o short com a calcinha até a altura do joelho.

Ele me beija e sem demora começa a tocar minha boceta já melada com a excitação. Meu Doc. desliza com facilidade dois dedos, percorrendo do meu clitóris até minha entrada algumas vezes.

— Tão molhada... — ele me vira de costas para ele e me inclina sobre a maca. Ouço o descer do zíper e o papel laminado da

camisinha abrir.

— Você anda pelo hospital com uma camisinha no bolso? — preciso perguntar.

— Eu disse que estava indo até você, não disse?

Sorrio por cima do ombro. — Tinha tanta certeza assim que ia me foder?

Ele me invade de uma vez. Arfo e abraço a maca em minha frente.

— Isso responde sua pergunta, hum?

Juliano não espera meu corpo aceitá-lo e passa a me invadir com ferocidade, segurando firme meus quadris para que não me afaste.

Não suporto a intensidade e meus gritos saem sem que eu note. Ele me puxa pelos ombros, virando minha cabeça e capturando meus lábios, engolindo os gemidos que não controlo ao aceitar cada estocada.

— Sentiu saudades, foi? — Juliano diz entre dentes, sem cessar o movimento bruto de vai e vem. — Sentiu saudades do meu pau metendo gostoso nesta boceta, hum?

— Senti — arfo sem fôlego. — Me come, meu Doc. Me come gostoso.

— Aaahh... Bebê... desse jeito eu não aguento... Aaah, aaah, aaah — Juliano goza e segura os sons em uma respiração forte, diminuindo o ritmo até sair de mim devagar.

Ele dá um nó na camisinha e guarda no bolso, antes de subir o zíper e arrumar suas roupas. Em seguida, vem até mim e me ajuda com o *short*.

Sento-me na maca e ele segura meu rosto, examinando se o curativo não sangrou com nossa rapidinha.

— Como que você deixou a Ingrid te socar assim? Eu vi vocês na academia e sei que é muito melhor que ela.

— Estava pensando em você.

Ele estuda minha expressão com curiosidade para depois me presentear com um dos seus sorrisos.

— Eu não ia ficar mais um dia sem te ver, bebê. Juro. —
Juliano pressiona seus lábios nos meus.

Batidas na porta quebram o momento. Ele se afasta e verifica ao nosso redor se não tem nada que nos denuncie para depois abrir a porta.

— Porra! Fiquei preocupada. — Ingrid aparece atravessando o batente. — Podemos ir?

Olho para Juliano.

— Liberada?

— Por ora — ele responde, com um sorriso torto.

Ingrid olha de mim para ele e percebe que estamos bem. — Fez as pazes com o Doc.? — Assinto com a cabeça. — Beleza. Agora vamos que o Uber está na porta.

— Uber?

— É, ué? Ainda não tenho asas para me locomover com a Tina nas costas, bonitão. — diz brincalhona.

Ele meneia a cabeça negativamente rindo.

— Eu levo vocês. Dispense o Uber — Juliano comanda. Ingrid me encara e dou de ombros. Não tenho problema em aceitar uma carona.

— Ok, então... — Ela pega o celular e digita algo. — Bora!



— Que carrão, hein, Doc! — Ingrid comenta, quando nos aproximamos de casa.

— Só Doc., não é mais Doc. 1? — Juliano indaga.

— Só tem um Doc. na vida da Tina agora, não tem porque diferenciar — minha amiga bocuda solta essa e sai pela porta de trás assim que o carro para, linda e formosa, deixando-me na saia-justa.

Tomo coragem e subo o olhar de um olho só para Juliano que está sorrindo.

— É verdade, bebê? — ele pega minha mão em meu colo e leva aos lábios.

— É... — suspiro, e ouço, como um cão treinado, as rodas do skate de Alice na calçada. Puxo rápido a mão de Juliano que percebe a garota parar ao lado de Ingrid.

— Juro que imaginei sua filha de várias formas. Mas skatista não era uma delas.

Sorrio pra ele.

— Alice é sensacional.

— Não tenho dúvidas.

Não tenho tempo de responder ao gracejo, já que Alice corre até o carro e abre a porta para mim.

— Mãe! Caraca! Tia Ingrid te acertou em cheio.

Toco meu rosto dolorido e sinto o inchaço ao redor do olho. Bonito não deve estar mesmo.

Desço e tento me comunicar mentalmente para que Juliano não saia do carro. Não quero uma interação dele com meus filhos. Não agora.

Não ainda.

— E quem é esse aí? — Alice pergunta.

— Ah, esse foi o médico que me atendeu. Precisei levar alguns pontos. — mostro o curativo na testa.

— E nosso plano de saúde paga até serviço de motorista? — minha filha petulante insiste.

— Ah, garota. Não queira saber dos serviços que este Doc. oferece, não. — Ingrid aparece, colocando as mãos nos ombros de Alice e puxando-a para a casa. Encaro minha amiga com uma carranca e ela só mostra a língua para mim. — Vem comigo, vem. Sua mãe resolve tudo.

— Tá... — Alice pega o skate e acompanha a palhaça que me deu um soco.

— Esses serviços... — Juliano aponta o indicador para as costas de Ingrid e antes que continue já emendo.

— Você não presta mais. Sim. Já sei. E... — Respiro fundo para bravura tomar conta do meu corpo. — Se isso — aponto de mim para ele — continuar... bom, eu não aceitaria.

Juliano apenas sorri.

— Fique tranquila.

Cruzo meus braços e dou um passo para trás, sem jeito de como me despedir.

— Obrigada pela carona. — afasto-me mais para que ele vá embora.

— Te mando mensagem, bebê — diz, colocando os óculos de sol e me manda um beijo.

Mando de volta e ele sai. Fico olhando a BMW se afastar e só paro quando não enxergo mais nada com o olho que me resta.

CAPÍTULO 15

Dois dias após o pequeno incidente, estou sentada em minha cama sondando as redes sociais. Já sigo Juliano há algum tempo, mas nunca *stalkeei* como agora.

Rodo cada uma das fotos para cima, verificando seus amigos, seus gostos e até os tipos de garotas que aparecem com ele.

Advinha?

Nada a ver comigo.

Percebo uma sequência de fotos com Humberto e depois a diminuição de sua presença. Eles pareciam bem próximos.

Ele tem fotos de vários lugares do mundo. Acho que gosta de viajar. A que mais me chamou atenção é uma em que está em cima de um camelo com uma pirâmide ao fundo.

Egito?

Cara! Como deve ser legal viajar assim.

Curto algumas, e rio sozinha quando cai em um vídeo que ele faz um anjo com o corpo na neve. O som dos amigos ao fundo zombando deixa claro que o discernimento do Doc. não devia estar dos melhores.

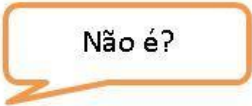
Ainda mais quando lança uma cerveja no cara que está filmando.

Virou stalker, bebê?

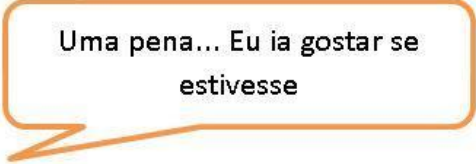
Surpreendo-me com a mensagem via aplicativo. Ele não estava online quando entrei.



Curtir algumas fotos do cara que estou saindo não é stalkear.

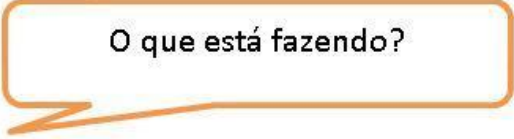


Não é?



Uma pena... Eu ia gostar se estivesse

Visualizo e não sei ao certo o que escrever em resposta. Nem preciso, pois Juliano prossegue:



O que está fazendo?



Te stalkeando?

Até consigo ouvir seu riso frouxo ao ler minha mensagem.

Sério, bebê... Onde está?

Em casa... Por quê?

Sem chance de te ver hoje,
então??

Ele quer me ver? Ansiedade bate em meu peito, fazendo meu coração acelerar um pouquinho. Ricardo veio mais cedo buscar as crianças para passar o fim de semana com ele.

Vamos dizer que a sentença favorável e a bronca da juíza depois que desmaiei em audiência fizeram com que a ficha de pai escroto do ano caísse. Meu ex-marido voltou a agir melhor com nossos filhos e isso era um ganho.

Estou sozinha.

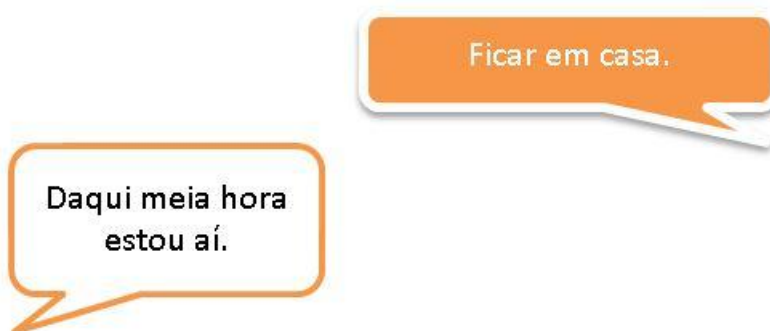
Seus filhos?

Com o pai.

Quer sair ou ficar em
casa?

Opções.

Juliano sempre me dá opções de escolha.



Suspiro enquanto as borboletas em meu estômago entram em uma revoada angustiante. Lembra as tais borboletas que eu nem sequer sabia que existiam quando alguém realmente importa?

Então... elas tornaram-se presença constante quando penso que irei ver Juliano.

Olho ao redor e noto a bagunça de roupas jogadas por todos os lados no quarto.

Levanto-me tão rápido que preciso voltar a sentar por conta da tontura que dá. Respiro fundo e aguardo por um momento.

Recuperada, passo a organizar tudo antes que a meia hora acabe.

Observo da janela a BMW estacionando em frente a minha casa. Juliano está com um fardinho de cerveja numa mão e sacolas de mercado na outra. Quando abro a porta, a primeira coisa que ele faz é deixar as sacolas no chão e me puxar para um beijo.

Ofego em sua boca, surpresa, e sinto seu sorriso.

— Oi.

— Oi! — sussurro e pisco algumas vezes, até minha cabeça se localizar que estamos na porta de entrada. Puxo-o para dentro antes que os vizinhos comecem a ter motivos para tagarelar a meu respeito.

— O que é isso? — aponto para as sacolas que ele pega e como se conhecesse o lugar, me conduz até a cozinha.

— Isso são os ingredientes do melhor prato que sei fazer.

— Que seria? — questiono brincalhona.

— Macarrão com salsicha! — ele fala vitorioso e distribui os ingredientes no balcão da pia, dentre tomates, cebolas, massa de tomate e as ditas salsichas.

Rio do seu entusiasmo de menino. Ele está tão leve e descontraído, que nem parece o homem que me fodeu numa maca de hospital há três dias.

A recordação me faz grunhir baixinho, então fecho os olhos dando-lhe as costas para disfarçar e vou até o armário das panelas no lado oposto.

— Um exímio *chef* de cozinha, hum? — brinco.

— Eu amo macarrão com salsicha. — ele indica os ingredientes. — E você não está comigo pela minha comida, bebê.

Coloco duas panelas sobre o fogão, antes de passar a língua em meus lábios de modo sugestivo para ele.

Juliano segue o movimento com o olhar hipnotizado por um momento, e sorri.

— Não mesmo — digo, e vou ao seu lado para lavar os tomates.

Meu modelo de cuecas particular pega a faca que ofereço e começa a picar uma cebola.

— Então... sua filha é esqueitista? — puxa assunto. Meneio a cabeça em afirmativo. — E seu filho? Também?

— Não... Dinho curte mais futebol — respondo. — Ele é bom, sabe?

— Que bom!.. Algo em comum. — Juliano aponta para si.

Fito-o sem entender direito sua colocação. Ele quer ter algo em comum com meus filhos? Por quê?

— Já quanto a *skate*, você precisa me dar umas dicas.

— *Pra* quê?

— Ué, *pra* saber o que conversar com Alice. É Alice, né?

— É... — murmuro abismada, arregalando os olhos. Ele sabe o nome da minha filha? Abro e fecho a boca algumas vezes. Sorrio e volto minha atenção para o tomate. — E depois eu sou a *stalker*?

— Ingrid falou no dia que servi de motorista por seu plano de saúde, lembra? — ele ri.

Pico o restante do tomate e abro a geladeira, procurando o cheiro verde que tenho absoluta certeza que comprei. Pego e tento me atentar arduamente na tarefa de lavá-los, contendo a pergunta que explode:

— Por que você perguntou sobre meus filhos?

— Porque... — ele revira os olhos, como se a resposta estivesse subentendida.

— Por quê? — insisto.

— Por que estou saindo com a mãe deles? — ele começa a fritar a cebola e a visão de ter um homem gostoso mexendo numa panela em minha cozinha me tira o foco por alguns instantes. Balanço a cabeça retomando minha percepção da realidade.

— Isso não significa que precisa lidar com meus filhos. — aponto na defensiva.

Juliano puxa o ar e solta, baixando a cabeça e fechando os olhos. Ele desliga o fogo e vem até mim.

Não estou preparada quando pega minha cintura e me ergue sobre o balcão, posicionando-se entre minhas pernas.

— Bebê, não estou brincando com você. Sei que tem uma bagagem e estou disposto a enfrentá-la. — Suas mãos espalmam ao lado do meu quadril. — Eu não saio mais de uma vez com alguém se não quero algo sério. Se o que você quer é só uma foda, melhor dizer agora, que saio por aquela porta.

— Ma-mas... — gaguejo sem entender este homem. Porra.

— Foda por foda, eu tenho garotas de uma noite só. Acha mesmo que me daria todo o trabalho que estou tendo com você se não quisesse algo mais?

Inclino a cabeça para o lado buscando a mentira em algum sinal de seu rosto.

Eu sou boa nisso, não sou? Acho que toda mãe aprende um pouco sobre análise corporal de quem mente para saber quando o filho fez arte.

Minhas sobrancelhas fazem o vinco que sempre tenho quando estou pensativa e Juliano leva seu indicador bem ali para massagear minha testa e desmanchá-lo.

Ele não está mentindo. Solto o ar que estava preso enquanto estudava sua expressão. Juliano sorri.

— Sua resposta, bebê. Qual é?

— Uhm?

— Fico ou vou embora?

Os olhos cor de café me encaram tão intensamente que demoro para encontrar as palavras. No caso... Só uma.

— Fica.

— Fico — afirma e suga meu lábio inferior suavemente, dançando com a língua conforme puxa para si. Ele se distancia e solto um resmungo em desaprovação. — Vamos terminar este prato especial primeiro. Estou com fome. Você não está?

Continuo esbravejando baixinho e pulo do balcão, pegando a outra panela para encher de água e cozinhar o macarrão.

— Estou. — minha voz sai mais ranzinza do que deveria.

Ele segura o riso e volta ao trabalho de fazer nosso delicioso molho de tomate.



O macarrão com salsicha de Juliano não é nada sofisticado e muito menos com um nome francês, mas estava muito mais saboroso do que o que eu comi com Humberto.

A companhia ajudou muito.

Enquanto, com Humberto, meu sentimento passou a ser de repulsa, com Juliano é de atração. Tanto física quanto algo mais.

Eu ainda não tinha certeza do algo mais, porém as palavras de Pierre sobre não ter medo e encarar a vida com coragem ecoavam em minha mente, afastando a insegurança que aparecia vez ou outra.

Quando termino de guardar a louça que meu Doc. gentilmente lavou, aperto meu pescoço e circulo a cabeça para os lados, sentindo o nervo acima da escápula tenso.

Juliano, após enxugar a mão no guardanapo, pressiona o local.

— Quer uma massagem? Eu sou muito bom.

— Em que você não é bom? — pergunto de olhos fechados, sentindo seu toque.

— Em muitas coisas... — Ele aproxima o rosto e sinto o ar quente de sua respiração em meu ouvido. — Mas só vou contar depois que te conquistar.

Solto um riso frouxo. Ah, Doc. Acho que você já me conquistou, penso. Mas não digo.

— Vem. Vamos para o seu quarto. Você me dá um hidratante que faço a mágica no seu pescoço.

Subimos as escadas em passos rápidos. Eu quero a mágica de Juliano não só no meu pescoço, mas em cada parte do meu corpo.

Pego meu hidratante corporal e coloco na mesinha de cabeceira. Ele mais que depressa tira minha camiseta e com a desculpa de estar com calor também se despe, ficando só de cueca em minha cama.

Deito de barriga para o colchão e Juliano aplica gotas do hidratante em meus ombros massageando e soltando os nódulos do meu músculo travado. Não é que ele sabe mesmo fazer massagem?

— Desse jeito vai ficar difícil resistir a você? — digo enquanto suas mãos fazem *a mágica*.

— Não resista, bebê — ele brinca. — Cai de boca.

Viro o pescoço preguiçosamente pra ele e reflito suas palavras com segundas intenções.

— Ah, eu vou cair, bebê — uso do mesmo apelido fofo. — E agora.

Levanto-me e agarro a nuca de Juliano beijando-o com vontade, sugando, lambendo e invadindo sua boca com minha língua. Ele corresponde na mesma medida, encaixando-me sentada em seu colo.

Circulo minhas pernas ao seu redor e ficamos assim um tempo só com nossas bocas se acariciando em movimentos que já parecem um *ballet* coreografado.

— Gostosa — ele diz entre os beijos e aperta cada lado da minha bunda.

Num rompante, me joga no meio da cama e passa a descer meu short, enquanto abro o fecho do sutiã.

— Tira — aponto sua cueca. Ele obedece com um sorriso malicioso. Depois volta a inclinar sobre mim, caçando meus lábios.

Empurro seu ombro para ir por cima. Deposito pequenos beijos e mordisco seu maxilar, descendo por seu pescoço. Chupo a saliência do seu pomo de Adão e dou um beijo molhado, antes de descer mais e mais.

Quero sentir o gosto de cada parte de seu corpo. A cada mordida, a cada lambida, Juliano geme e diz como sou gostosa, incentivando-me a continuar com a exploração rumo à sua virilha.

Desenho com a língua ambos os lados que formam o ‘v’ perfeito de seu abdômen e seguro com uma mão a base de seu pau, apoiando-me com a outra. Subo o olhar para vê-lo desejoso e sedento por minha boca.

Passo a língua ao redor da cabeça, raspando a pontinha dos dentes. Juliano suspira e engasga. E eu? Eu sorrio vitoriosa.

— Bebê... Não me maltrate. — ele choraminga e a voz rouca de tesão causa um estrondo inesperado em meu ventre. Nunca pensei que ter um homem a minha mercê me deixasse tão molhada como agora.

Continuo a provocá-lo, subindo e descendo em lambidas lânguidas. Percorro a cabeça rosada e abocanho de uma vez, fazendo-o arquear os ombros. — Ah, bebê... você me deixa louco. Continue...

Subo e desço a cabeça num movimento lento no início, pegando ritmo e enfiando seu pau o máximo que consigo, segurando a base com o punho.

— Você é perfeita demais... — Juliano geme e acaricia meu rosto.

Ele fecha os olhos quando acelero, babando ao redor de seu membro mais e mais, em um vai e vem duro, brusco.

— Oh... oh... — ele arfa e puxa meus cabelos, gozando em minha boca. Engulo o líquido quente e salgado, lambendo a cabeça e sentindo-o tremer por estar sensível.

Juliano me ergue pelas axilas até seu rosto, tocando nossos lábios em seguida.

— Perfeita... — murmura, trocando nossas posições na cama.

Ele desce por meu corpo, imitando o mesmo caminho que fiz no dele, parando estrategicamente nos meus seios. Com uma mão ele massageia e aperta o bico e com a boca suga o outro e brinca com a língua ao redor do mamilo.

Essa tortura continua e quase penso que posso gozar só com Juliano manuseando meus seios com suas carícias. Ele intercala a massagem e a boca e sinto meu ventre se contrair. Roço uma coxa na outra com a excitação escorrendo.

Meu Doc. percebe, e ainda com a boca trabalhando ferozmente meu mamilo esquerdo, ele desce uma mão entre minhas pernas, que abro, convidando-o.

Olho para ver a língua de Juliano brincando comigo e sou surpreendida por seu olhar em mim. Ele me observa e parece esperar minha reação quando me invade de uma vez com três dedos. Minhas costas arqueiam para frente. Ele suga mais forte, mais intenso o bico do seio, e torce os dedos em meu interior alcançando o ponto G.

Meus gemidos não são contidos como os dele. Eu me contorço e não seguro os sons que produzo com cada estoca de seus dedos em minha boceta.

Ele troca de seio, e vejo que deixou marcas no esquerdo.

— Juliano... — miro meu seio arroxado. Ele dá de ombro e volta para ministrar os mesmos chupões no outro. Quando penso em negar, ele investe os dedos mais fundos em mim.

Não aguento e perco o raciocínio.

Ele só larga meus seios quando se dá por satisfeito. Apoiando-se com um braço ao meu lado, enquanto sua outra mão ainda está entre minhas pernas, meu Doc. verifica sua obra de arte em meu tórax.

— Linda — diz, com tanta convicção que me acho linda com os seios cheios de chupões. Não vou poder me trocar na frente das crianças tão cedo.

Sua boca passeia por minha barriga, ultrapassando o monte de Vênus e encontrando meu clitóris intumescido. Na mesma intensidade que chupava meus mamilos, passa a chupar o montinho de nervos.

Meu quadril balança para os lados com a magnitude de sensações que Juliano me causa. Grito, gemo, me contorço e tremo conforme o orgasmo toma meu corpo numa ardência gostosa que se inicia em minha boceta e irradia para o abdômen, coxas até os dedos dos pés que cravo no colchão, empurrando o quadril para cima.

Juliano ainda chupa e lambe. Não entendo o que está acontecendo até notar que estava jorrando um líquido de minha boceta.

— Oh, Deus! — ofego, voltando o corpo para o colchão. — Isso...

Ele sorri malicioso e convencido.

— Vou fazer acontecer de novo.

Solto o ar e sorrio.

— Promete?

— Prometo.

Então, ele escala meu corpo e me beija, dividindo e misturando nossos gostos.

Fico perdida, tremendo e ainda contraindo em pequenos espasmos, reflexos do orgasmo intenso.

Nossas respirações retomam seu ritmo, com nossos peitos subindo e descendo mais calmamente. Neste momento, Juliano se levanta, vai até sua bermuda e pega a camisinha. Ele desenrola no pau, que voltou a ficar inchado e grosso. Segura meus tornozelos e me arranca da cama, virando meu corpo e me colocando de quatro.

Aos poucos entra em minha boceta inchada e cospe no meu cu, massageando em seguida com o polegar. Eu relaxo mais e aceito a invasão dupla, o que incentiva Juliano a trocar o dedo por outros dois.

— Ah, bebê — arfo e empino mais a bunda deitando o rosto no colchão.

— Isso... gostosa. Aperta meu pau.

Obediente, minha boceta se contrai em sua circunferência, fazendo-o gemer alto.

O entre e sai nos meus dois buracos é forte, é duro e feroz. Juliano aumenta o ritmo, e sinto suas bolas batendo em minha bunda.

— Mete esse pau gostoso em minha boceta, bebê. Mete. — digo com a voz abafada no colchão, atijando-o a me invadir com mais força.

— Ah, bebê. Eu vou gozar. Você está perto?

Minha boceta aperta mais seu pau dando-lhe a resposta. Juliano solta um grunhido descomunal, que me causa um tesão da porra e sigo com ele para o precipício do prazer, caindo num frenesi poderoso.

Como prometido, minha excitação é esguichada novamente, molhando a virilha do meu bebê que admira a tarefa dada e cumprida com um sorriso no rosto. Também aprecio a visão por cima do ombro, até deixar meu corpo cair para frente liberando-o.

Juliano cai ao meu lado e me puxa para seu peito. Aconchego-me no vão do seu braço e permanecemos ali em nossa bolha pós-orgásmica por algum tempo.

Eu estou contente e feliz com o que provei esta noite. Fui atrevida, fui corajosa e audaciosa.

Finalmente, eu me permiti viver.

CAPÍTULO 16

Os dias tornaram-se semanas, que se tornaram meses. Não muitos, mas três.

Assumi meu relacionamento com Juliano após um mês do soco que levei de Ingrid. Acho que aquela pancada ajudou a dar um tranco na minha vida amorosa.

A princípio, Dinho ficou arredio em conhecer o namorado de sua mãe. Contudo, após alguns encontros e algumas partidas de futebol que Juliano armou com alguns amigos, meu filho me deu sua benção. Palavras dele, inclusive.

Nem meu pai me deu benção para namorar. Bom, ele só empurrou Ricardo em meu colo e insistiu no casamento.

E... deu no que deu.

Enfim.

Não retruquei, pois achei bonitinho receber *a benção* do meu filho. Já Alice — essa garota é muito esperta —, disse que já sabia.

E após um dos finais de semana que passavam com o pai, vieram me contar receosos que comentaram com Ricardo que sua mãe estava namorando um médico.

Perguntei por instinto e curiosidade sua reação. Alice mencionou que o pai caçoou perguntando o tamanho da barriga de Juliano e se sua careca era tão lisa quanto bunda de neném.

Como ficaram incomodados com o assunto e a atitude do pai, resolveram ficar quietos e não falar mais nada.

Então, meu ex-marido não faz ideia de quem é e, principalmente, como é meu namorado.

Meus perfis nas redes sociais são privados, e neguei prontamente todas as vezes que Ricardo solicitou “amizade”.

Ele não é meu amigo!

Hoje à noite é a festa de fim de ano do escritório do meu pai. Claro que eu irei acompanhada dos meus filhos e, — pausa dramática —, namorado.

— Mãe, tô vendo o Rodrigo e o Fer lá fora, vou lá, *tá*? — Alice me informa, já saindo e caminhando para as portas abertas do salão que davam num jardim.

— Também vou — Dinho fala, pegando um copo de suco na bandeja do garçom e seguindo a irmã.

Todo ano meu pai aluga este espaço que consiste em um dos maiores salões de festas da cidade. E por conta do número de fumantes no meio jurídico, incluindo meu próprio pai, é possível deixar dois ambientes se comunicando, o do jardim e do salão, através de portas de vidro que vão do chão ao teto.

Sinto um braço forte e musculoso enlaçar minha cintura.

— Sabe quanto tempo não uso um terno? — Juliano sussurra em meu ouvido.

— Você é médico. — constato e viro-me de frente para ele, ajeitando sua gravata.

— Exatamente — ele debocha. — Eu uso jaleco no consultório e na sala de cirurgia. Não terno.

Tombo a cabeça para o lado e percebo minha idiotice.

— Verdade. Mas você está lindo. — Beijo seu queixo. — E gostoso. — Beijo do outro lado.

— Se os beijos continuarem, visto esta porra amanhã de novo *pra* você — cochicha em meu ouvido. — Você também está linda neste vestido.

Eu me sinto linda.

Essa é a melhor parte. Havia escolhido um vestido de alças finas e um decote profundo nas costas, feito em um tecido fino com brilho dourado. É como se tivessem jogado purpurina de ouro em mim.

Meus cabelos estão presos em um coque frouxo com fios caindo em minhas costas e ombros. E por mais que minhas sandálias mal sejam vistas, quis calçar uma com pequenos cristais que enfeitam tiras finas até o tornozelo.

Eu poderia ficar só com elas mais tarde para *meu namorado*.

— Quero te beijar — meu bebê diz. Olho a direção em que meus filhos foram, e como estão fora de vista respondo:

— Então, beija.

Juliano pressiona seus lábios gentilmente nos meus, verificando se o batom não fica borrado e depois continua sugando e mordiscando. Fico impaciente e aperto sua nuca, sentindo-o sorrir.

— Se continuar, vou te arrastar para algum banheiro e comer sua boceta, bebê. Não me tente.

— Você que pediu um beijo.

— Eu queria um beijo inocente. — Faz um beicinho falso.

— Mentiroso.

— Ah, é — ele aperta minha cintura e quando penso que iremos fugir para algum lugar mais privado, ouço alguém atrás de nós coçando a garganta.

Permaneço nos braços de Juliano e só olho por cima do ombro, verificando de onde veio o som.

— Valentina. — Ricardo aparece no meu campo de visão com uma expressão azeda, acompanhado de sua estagiária — *Ops! Amante — Ops! Namorada*.

Viro-me para ele dentro do agarre de Juliano. Sinto suas mãos se unirem, pressionando minhas costas em seu peito.

— Ah... oi, Ricardo. Como vai? — tento ser educada.

Meu ex-marido olha Juliano de cima a baixo, e sua expressão de surpresa e desgosto é o ápice de minha noite até que miro a garota ao seu lado.

Seus olhos também dançam pelo espetáculo de homem que é meu namorado.

Cerro os olhos para ela, deixando claro que a peguei no flagra de novo, e ela sorri sem graça. Dou um olhar dela para meu ex-

marido, deixando muito claro sua escolha e que este aqui é meu.

Nem ouse.

— Pensei que viesse com as crianças? — devolve, com a pergunta sobre as únicas pessoas que nos une.

— Eles estão aqui. Foram encontrar os amigos no jardim — aponto com o queixo para as portas abertas.

— E trouxe este sujeito com você? — torce o nariz em desaprovação.

— Este *sujeito* é o namorado dela, Juliano. O desprazer é todo seu. — Juliano replica afrontoso, pressionando ainda mais minha cintura ao seu corpo.

— Você não pode ficar saindo com os nossos filhos e *ele*. — Ricardo gesticula para *meu namorado*.

— E por que não? Até onde sei, você não evita estar com *sua garota* quando está com *nossos filhos*.

— É diferente.

—É mesmo? E como é isso? — exijo, e Juliano solta um riso em meu ouvido. O filho da mãe está se divertindo. Confesso que eu também estou.

— As crianças já conheciam Tiffany e-

—Ah... Claro. Eles sabiam que ela era sua estagiária e por isso está *tuuudo bem*. — arrasto o ‘tudo bem’ mais do que devia. — E como conheci Juliano só após nosso divórcio, ele não se qualifica para estar com nossos filhos, acertei?

— Estou adorando isso. Faltou a pipoca para ser uma sessão da tarde completa... Mas *tá* valendo. Continua, bebê, por favor — Juliano soa brincalhão, tentando colocar uma leveza na situação.

— As crianças disseram que seu namorado era médico — ressaltava com indignação.

— Cirurgião cardiologista, aliás — *meu namorado* responde, deixando Ricardo sem fala e completamente incomodado. — Não sabia que estava em uma entrevista de emprego. Você tem algum hospital? — diz com sarcasmo e eu vibro da cara de choque do meu *ex-marido*.

— E-ele não é adequado, Valentina. — Ricardo argumenta com esta asneira, como se buscasse algum defeito impossível de enxergar a olho nu em Juliano.

Querido, nem com microscópio encontraria defeito no meu Doc. Mas estou adorando você tentar.

— Sua acompanhante pareceu achá-lo adequadíssimo já que não tira os olhos dele — ironizo, e Ricardo enfim coloca sua atenção em sua namoradinha.

Juro que sua idade em si não é o real problema aqui, mas, sim, essa garota ter se envolvido com um cara casado.

Se Ricardo tivesse sido honesto comigo, antes que eu descobrisse da pior forma, meu ranço quando olho para essa garota não seria tanto.

— Vamos fazer assim, Ricardo. Eu farei de conta que esta conversa não aconteceu, por mais que tenha inflamado meu ego a ponto de explodir. — Rio. — E você fará o favor de se dirigir a mim apenas e tão somente quando o assunto pendente for sobre as crianças, ok?

— Ma-mas você não pode desfilas por aí com ele? — E ainda dizem que mulher despeitada é ruim. Isso porque não lidaram com um homem com dor de cotovelo.

— Não. Eu irei me divertir e apresentar meu namorado a quem importa *pra* mim. E quanto a você, esqueça que existo. Eu não te incomodava antes, Ricardo, e pretendo continuar nesta zona de conforto, onde minha vida nunca mais irá esbarrar na sua. Seja feliz — enfatizo ainda mais meu discurso, puxando Juliano comigo e me afastando do idiota patético.

— Uau... Podia ter passado a noite sem essa, hein? — Juliano passa por ele e debocha.

Paro apenas quando estamos no meio da pista de dança e posiciono suas mãos uma de cada lado de minha cintura e as minhas em sua nuca.

Ricardo enfia o rabo entre as pernas e some da minha vista. Suspiro aliviada, e faço um esforço para deixar essa história de lado.

— Tudo aquilo aconteceu por que mesmo?

— As crianças contaram que eu estava namorando um médico. E Ricardo deduziu que você era careca e barrigudo.

Juliano estufa a barriga pra frente e nem assim aumenta a saliência em seu abdômen. — Você quer fazer gangorra, bebê?

Empurro sua barriga para dentro e encaro-o sorrindo.

— Se quiser fazer gangorra, coloco um travesseiro. Ai de você estragar meu parquinho. Nem tente.

— Não tenho tendência a engordar, bebê. E gosto de malhar. Além do que tenho uma namorada exigente, sabe? Melhor você não se aproximar porque ela faz *kickboxing*.

— Fiquei sabendo que levou um soco da melhor amiga. Ela não deve ser tão boa assim — acompanho-o na brincadeira.

— Ah... ela é boa, sim. Garanto que é. — Ele sorri.

Dançamos mais algumas músicas e nossa interação com o pai dos meus filhos torna-se um borrão na minha memória.

A leveza e o sorriso de Juliano tem este poder sobre mim. Eleva minha vida a outro patamar.

Estou feliz.

Eu gosto da pessoa que me tornei. Gosto da profissional que hoje pode ficar tranquila se precisar bancar uma casa e a vida de dois adolescentes sozinha. Gosto do meu corpo com suas imperfeições, que para mim o deixam perfeito.

E algo que me surpreendeu ainda mais: *eu gosto de me ver através dos olhos de Juliano.*

Sinto-me admirada e quista na medida certa. Ele é cauteloso quando discorda de algo que faz ou pensa diferente de mim. Aceita minhas escolhas.

Ele me ouve. Eu me sinto alguém importante ao seu lado, *pelo menos para ele.*

A música ficou mais lenta e me vi enfeitiçada por seu olhar. Algo nesta noite está diferente. Seu sorriso sempre fácil esboça mais emoção... não é apenas admiração.

O sentimento de estar com alguém que me enxerga repleta de cicatrizes da vida e mesmo assim, quer ficar, é grandioso.

Tento devolver o mesmo olhar com o significado implícito: *eu também te enxergo*.

Um calafrio faz meu corpo tremer e meu Doc., num instinto protetor, junta-me mais ao seu peito.

Juliano também possui suas feridas refletidas na carência de estar sempre comigo, depois que nos assumimos. Até ir comigo nas compras de supermercado da madrugada, ele vai. Tornou-se um hábito.

Fazer o que, se gosto de mercado vazio.

A ausência dos seus pais ainda dói em seu coração e sei que, muitas vezes, é em mim que ele busca consolo.

E eu?

Eu estou aqui para ele quanto ele quiser minha companhia.

Não tenho mais medo.

— Qual é a chance de te arrastar para algum canto? — Juliano me tira do transe.

— Depende onde seria este canto.

— Eu vi um banheiro de funcionários quando passamos pela recepção do prédio. Vá até lá e me espera. — ele fala como uma ordem, porém a primeira pergunta deixou claro que era mais uma sugestão.

Sumir alguns minutos da festa não seria ruim. Principalmente, depois do nosso pequeno embate com um certo ex.

Sussurro um 'ok' e caminho a passos rápidos para o local que meu namorado informou.

Percebo que alguns convidados ainda chegam. Aceno e tento disfarçar minha ansiedade. Vejo que o banheiro é num corredor com menos circulação de pessoas. Abro e fecho a porta rapidamente.

Mal normalizo minha respiração quando sinto a maçaneta ser forçada para abrir.

— Sou eu, bebê.

Não me dou o trabalho de espiar para confirmar sua presença. Apenas puxo Juliano para dentro, que sorri abertamente.

— Eu não ia aguentar mais um segundo sentindo seu corpo neste vestido sem poder tocá-lo — diz, segurando meu rosto e soprando o hálito quente em minha boca.

— Não ouse rasgar meu vestido, bebê. Será uma rapidinha. Então, contenha-se. — Juliano praticamente me come com o olhar que segue suas mãos desenhando as laterais do meu corpo, até meus seios. Ele respira com aspereza e desce uma alça, fazendo o tecido raspar no mamilo sensível.

Arfo, segurando as lapelas do seu terno.

— Tem certeza que quer rápido? — ele provoca, circulando meu bico exposto com o polegar. Minha saliva fica grossa de repente e mal consigo engolir.

As sandálias de salto alto já me conferem alguma altura, mas não o suficiente para alcançar seus lábios. Por isso, agarro sua nuca e o puxo desesperadamente, antes que algum funcionário precise usar nosso pequeno esconderijo.

Nosso beijo é faminto e urgente para aplacar a tensão que surgiu desde que nos vimos prontos para este baile. Como não morrer de tesão ao ver este homem num terno.

Deus! Impossível.

Baixo o zíper de sua calça e já passo a massagear sua ereção sobre a cueca, sentindo-a melada com o pré-goço.

— Nossa... fui eu que fiz isso?

— Só você faz, bebê... — ele sussurra em meus lábios. — Só você. Em um breve momento, estudo seu rosto com as palavras cheias de desejo, e com um significado muito maior.

Suspiro e me curvo abocanhando sem pedir licença a cabeça melada do seu pau e sugo com força, ouvindo o som do gemido cortado que Juliano tenta segurar.

Sorrio vitoriosa e continuo com minha tortura que se tornou um vício delicioso.

Seguro com firmeza sua base e passo a lamber seu comprimento, deixando o caminho molhado com minha saliva. Retiro-o da minha boca com um 'Pop' e subo meu vestido, debruçando-me na bancada da pia.

Pelo reflexo do espelho vejo o sorriso travesso de Juliano admirando minha bunda empinada para ele. Meu Doc. me imita e dobra o tronco só para alcançar a minha entrada, mordendo e depois lambendo o caminho de baixo para cima, enfiando a língua em minha boceta.

Lubrificante natural, bebê. Mesmo que eu não precise, por estar praticamente pingando de excitação.

Ele se afasta e nos encaixa, afundando aos poucos até bater no fundo. Arqueio o corpo com a invasão bem-vinda e busco os olhos escuros no espelho a nossa frente.

— Linda... — ele murmura, segurando meu quadril, enquanto se movimenta em estocadas rasas para depois aprofundar mais. — Você é linda demais, bebê.

Sorrio e gemo sons que busco estancar em minha garganta, em vão.

O entra e sai acelera e por estar quase fora do chão na pontinha dos pés, acabo derrubando alguns produtos que se encontravam sobre a pia.

— Ah... Bebê... eu vou gozar dentro de você. — As palavras só me fazem gozar mais forte e esquecer onde estamos, pois libero um grito em pleno ápice do prazer.

Juliano se atrapalha tampando minha boca e me seguindo, mordendo o lábio e encontrando sua liberação não apenas do orgasmo, mas da sua porra em mim.

Fecho meus olhos e sinto o líquido quente escorrer em minhas coxas. Juliano se prontifica em pegar um pedaço de papel higiênico para me limpar, pois estou ainda imóvel.

Semana passada, dispensamos a camisinha, já que ele mostrou-me seus exames e meu anticoncepcional está em dia. Eu confio nele e suas atitudes pós-sexo são tão carinhosas que só me fazem abrir cada vez mais meu coração.

Juliano sobe a alça do meu vestido delicadamente, virando-me para ele e ajeitando meus seios no bojo. Ele beija cada um dos meus ombros expostos e acaricia por fim meu rosto.

— Prontinho, bebê. Foi uma rapidinha, não foi? — Ele pergunta conferindo minha aprovação sobre nossa foda.

Solto um riso frouxo e seguro o rosto do homem entre minhas mãos, que agora me olha como um menino. Até nisso, ele é lindo.

— Por que está rindo? — sorri me analisando.

— Você está tornando muito difícil não me apaixonar por você, bebê. — respondo e deposito um selinho de lábios fechados em sua boca.

Minhas palavras parecem virar uma chavinha do modo menino maroto para o homem decidido que Juliano guarda para nossos momentos mais sérios, que até agora foram poucos, como a discussão sobre o não uso de camisinha e seus primeiros encontros com meus filhos.

Ele me segura pelos ombros e baixa seu rosto para que seus olhos fiquem na altura dos meus — o que é difícil, mas ele tenta mesmo assim.

— Repete... — ele pede baixinho e chego a me arrepender de ter deixado meus sentimentos no controle das minhas palavras desta vez.

Mesmo assim, estamos na versão corajosa de Valentina agora, não é mesmo?

Então, coloco minhas mãos sobre as suas em meus ombros e digo:

— Acho que estou me apaixonado por você, Doc.

Ele suspira e fecha os olhos. Demorando alguns segundos que para mim são horas, até devolver:

— E eu já estou apaixonado por você desde o dia que a vi acabando com o estoque de leites condensados do supermercado, bebê.

Puxo o ar rarefeito ao meu redor e meus pulmões ardem um pouco.

Sorrio.

— Eu só levei seis latas aquele dia.

— E eu não ia levar nenhuma, bebê. Só peguei para poder te tocar e o que senti na pele foi exatamente o que meus olhos já haviam me alertado. — Ele roça nossos rostos numa carícia. — Que você é incrível. Quando contou sua história, deixei o tesão conduzir e te dei o cartão. Mas depois que te provei, eu sabia que precisava te ter *pra* mim.

— Nosso início de namoro começou bem peculiar, hum? Numa *Consulta Médica* — brinco e ajeito meu vestido, não quero que nossa conversa continue num banheiro perdido em um corredor.

Juliano pega minha mão entrelaçando nossos dedos e abre a porta para sairmos.

— O importante é que irá terminar dentro de uma igreja, com você dizendo ‘sim’ para mim. — ele beija minha têmpora conduzindo-me com uma mão em minha lombar pelo corredor vazio, enquanto que meu coração perde uma batida.

Ele disse isso mesmo?

Quando volto minha atenção para ele, seu sorriso indica que eu não estava sonhando.

Ele realmente disse aquilo.

Juliano leva minha mão à sua boca e beija os nós dos meus dedos.

— Nossa história está apenas começando, bebê. — sinto seu hálito quente no dorso de minha mão.

Pressiono meus lábios, para que meu sorriso não seja maior que meu rosto.

Eu já disse que estou feliz?

Então...

Fim 

Obs.: Se quiserem que este casal tenha cenas extras, vamos fazer um complô para isso.

Postem nos igs e compartilhem com as amigas para que a história de Juliano e Valentina continue.

Marquem nosso perfil com nossa #euleiosilviebasset, lindonas!

Se os pedidos aumentarem até o final do mês, este casal terá cena extra no perfil.

P.S.: Não me xinguem porque acabou, por favor!

Temos outros livros para vocês lá na Amazon. Corrae para conhecer nossos Falling Angels e a Trilogia Minha Escolha. Vou adorar viajar com vocês por lá também!

Beijos.

Sil.

AGRADECIMENTOS

Desafiador.

É o que posso dizer sobre esta história! Cada capítulo foi construído com muito carinho, esperando que você, minha amiga leitora, goste e se divirta com nossa Valentina.

Obrigada a cada pessoa que colaborou um pouquinho e esperou por nosso trisal fora dos padrões, pois geralmente terminamos com uma família poli amor e não com um mocinho querendo ser único, não é mesmo?

Juliano veio assim!

E Humberto que era para ser bonzinho, meninasssss! Fiquei chocada quando aconteceu sua vira casaca!

Juro!

Os personagens contaram suas histórias e eu fui a intermediária.

Amo quando isso acontece!

Obrigada lindezas! Se temos mais um livro é graças a vocês que curtem minhas histórias e sempre me incentivam pedindo mais!

A escrita tem sido minha libertação de tantas amarras emocionais e profissionais. Não sabem o quanto cada mensagem no Instagram faz diferença em minha vida... ou sabem, porque estão lá comigo.

Então, minha gratidão!

Obrigada às minhas parceiras lindas! Que estão nos ajudando na divulgação: @aventurasliterarias_da_myss , @shippaesselibro2, @sabinasbooks23 , @cantinholiterariodaana, @literatura.hot, @juhstar_literario , @storylivros, @literandohistorias, @livros_empauta , @louca_por_livros_hot , @leituradasamigas, @estantedazaza, @j.myllenaindica , @Nah_livros, @sentimentosempaginas.

Vocês são MARAVILHOSAS. Não apenas pela publicidade, mas pela cumplicidade e empolgação em cada livro.

Obrigada às minhas betas que mesmo de última hora estavam ali prontinhas para abraçar Consulta Médica com unhas e dentes! Vocês são sensacionais, Juliana Castiglioni e Letícia Guimarães, gratidão!

Cahenna, #faztudoasilviebasset, obrigada!

Você me dá conselhos, me ouve até quando não precisa, de designer a amiga confidente. Que *up*, não?

E não tinha como ser diferente. Você é uma pessoa especial em todos os sentidos. Muito difícil encontrar pessoas com um coração lindo assim. Você é uma pérola, que fico feliz em poder admirar na imensidão deste oceano que chamamos de mundo.

Gratidão!

E por favor, não se esqueçam de avaliar CONSULTA MÉDICA no site da Amazon. Cada avaliação é importante, especialmente para nós que estamos começando.

Por favor! Por favor! Avaliem.

Isso ajuda muito todos nós autores.

Um super beijo e até breve,

Silvie Basset

SOBRE A AUTORA

Silvie é recém-escritora independente, casada, tem dois filhos pequenos, e vive com sua família no interior de São Paulo.

Leitora obstinada, Silvie sempre foi apaixonada por romances - dos mais doces aos mais calientes - trazendo em seus enredos histórias cheias de aventuras e adrenalina, além de toques apimentados por seu gênero literário favorito.

Entusiasta literária e romântica nata decidiu colocar no papel o eco sutil das narrativas que ecoavam em sua mente. Sutil nada, as histórias berravam.

E assim, a história de Vivian e Eric ganhou vida no livro Tudo em Preto, o primeiro da trilogia: Minha Escolha. A série, que tem uma pegada dark, repleta de mistérios, aventuras e muitas emoções.

Pois então, queridos leitores, sejam muito bem-vindos!

DEGUSTAÇÃO

— A —
PROPOSTA

SILVIE BASSET

Capítulo 6

Daniela



O salão *Beleza Pura* não era nada como eu esperava. Era muito mais. Ocupava praticamente metade do quarteirão, com estacionamento e direito a manobrista. Nada a ver com o que eu costumo ir dentro do Shopping Frei Caneca.

O prédio era todo revestido em aço galvanizado preto fosco, com paredes de vidro ornamentadas por pesadas cortinas brancas do lado de dentro, que desciam do teto ao chão. Algumas ficavam abertas mostrando o requinte do espaço interno.

Uma majestosa escadaria em granito preto nos levava às portas automáticas da entrada, em frente ao balcão da recepção, em que algumas atendentes nos recebiam, oferecendo uma pequena chave com número em um chaveiro para pendurar no braço. Na lateral havia uma extensa parede de nichos com pequenos armários em brancos, para deixarmos nossos pertences. Todos os funcionários vestiam um uniforme em preto, com um avental onde o logo do salão estava bordado em dourado – BP. Tudo tão organizado e bonito.

O chão revestido de porcelanato branco com pequenos detalhes em cinza, conduzia para uma sala de espera com enormes sofás pretos, e sobre as mesas laterais em madeira escura, havia algumas xícaras, taças e uma bonita jarra d'água de cristal, uma daquelas máquinas de café chiques, que faziam até capuccino e ao lado, vasos de cristais com orquídeas de várias cores ornamentavam o ambiente. Dava até medo de tocar em qualquer coisa.

– Aceitam água, café ou capuccino? – Uma moça de avental chique pergunta. Ela possui um daqueles cortes de cabelo moderno, com a lateral raspada e uma mecha jogada para o lado que cai até o ombro num tom rosa *pink* bem “*cheguei*”. Nunca tive coragem suficiente para ousar no meu cabelo dessa forma, mesmo achando bonito.

– Não, obrigada. Estou bem. – Respondo educadamente.

– Ah, eu quero – Beatriz se levanta e aproxima-se da máquina de café. – Posso pegar?

– Fique à vontade – a moça diz com um sorriso. Aqui parecia que todos eram simpáticos. Deve ser a orientação de conduta.

– O que você vai fazer primeiro? – Beatriz me pergunta caminhando de volta ao sofá.

– Acho que as unhas... ou a depilação, o que está marcado para mim?

– Você vai depilar também? – Ela pergunta sacana. – Lembra que deve “obedecer às preferências do seu contratante” – Beatriz cantarola ‘contratante’. Ela está achando o máximo me fazer soar como garota de programa, fala sério.

– Gozadinha você! – Faço uma careta mostrando a língua.

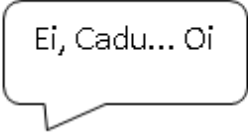
Pior que a Triz estava certa, não é? Aliás, eu deveria saber mais sobre a tal *preferência*. Eu só assinei aquela porcaria e não perguntei nada. Que merda! Bom... Vou ter que mandar mensagem para o Cadu e perguntar.

Minhas bochechas esquentam de vergonha, só de pensar na mensagem... Estou com o celular nas mãos e o *Whatsapp* do Cadu em aberto.

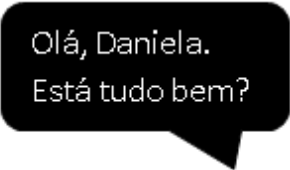
Eita, porra!

– Anda logo, Dani! – Beatriz aponta o aparelho espiando. – Se quiser eu mando pra você – Ela ameaça tirar o telefone de mim. Eu a empurro com uma mão, enquanto afasto o aparelho com a outra.

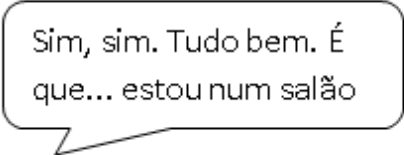
– Nããã! Eu faço. – Respiro fundo buscando a coragem que me falta.



Ei, Cadu... Oi



Olá, Daniela.
Está tudo bem?



Sim, sim. Tudo bem. É
que... estou num salão

Não acredito que estou mandando uma mensagem para *meu chefe* pra perguntar *como ele me quer depilada*. O constrangimento quase me faz parar de digitar, mas o olhar encorajador da minha amiga incentiva essa estupidez.

Como eu pergunto isso? Tem algum outro jeito?

Beatriz está revirando os olhos pra mim demonstrando a impaciência. Vou escrever de uma vez, lá vai.

Que merda de depilação é aquela do contrato?

Ah! E aí está minha Daniela!

Não sou sua* 😞

Você assinou o contrato... 😏

Só me faltava essa. Cadu pensa que eu me vendi pra ele e sou um brinquedo? Brinquedo sexual, aliás.

Não significa que deixei
de ser alguém pra ser
um objeto seu!

Sei...

Não estou falando
disso, linda... Não fica
brava 😡

Quer saber como eu
quero sua depilação,
certo? 😏

Não, não... eu só estou em um salão de beleza e queria perguntar a cor do esmalte que eu devo passar. Espera aí... Será que devo perguntar isso também?

Eita, porra!

Passo uma mão pelo rosto, enquanto me afundo ainda mais no sofá. Ah, não! Pelo menos a cor do meu esmalte, eu vou escolher nesse acordo. Será que posso fazer um adendo? Segunda-feira acerto isso.

O que você acha? 😐

Que preciso te ensinar
boas maneiras....

Jesus, eu juro que nunca joguei pedra na Cruz. Juro! Por favor, me dê a paciência para não mandar meu chefinho "PARA A PUTA QUE O PARIU". Por favorzinho...

FALA LOGO, CADU 🙄

TUDO

OI?

Encaro a tela do meu celular lendo e relendo a mensagem.

Não é possível.

Ele quer que minha pepeca pegue um resfriado?

Sinto o balançar dos ombros de Beatriz ao meu lado que está espiando meu celular, tentando conter a risada e falhando miseravelmente.

– Você não deveria estar rindo, sua filha da mãe! – Bato meu ombro nela. – Eu nunca deixei assim, vai doer pra cacete.

– É o puxão da cera que você já está acostumada... O ruim é a bunda mesmo. Ali dói, amiga – Beatriz diz entre os risos.

– Você já se depilou assim? – Estou perplexa.

– Às vezes. Mas sempre peço para deixar o “bigodinho do Hittler”.

Volto minha atenção para o celular que vibra com a resposta de Cadu.

Tira tudo Daniela, lisa.
Quero você sem
nenhum pelo no corpo.

Tá de sacanagem,

Ah! Eu mal comecei
a sacanagem...

Respiro fundo e percebo que uma das funcionárias do salão parece apenas aguardar que eu termine o que estou fazendo para me chamar.

Droga.

Levanto do sofá e me direciono para a carrasca – no momento, funcionária do salão chique – da câmara de tortura, amaldiçoando Cadu mentalmente...

Ok...

Vou te comer
peladinha?

Que merda!

Viro a tela do celular esquivando dos olhos curiosos de Beatriz logo atrás de mim. Ela me puxa fazendo cara de *é melhor dividir isso comigo agora, ou vou ver depois de qualquer forma*. Apenas fungo em desaprovação, quando outra mensagem faz meu celular vibrar nas mãos.

Daniela?

Ele não pegou a deixa, não é mesmo?

O que é?

Não fique constrangida...

Quando eu tiver você todinha para mim, vou lambar seu corpo todo. A vergonha some, você vai ver...

Agora realmente não sei se fico brava com Cadu porque vou ficar com a pepeca careca, ou porque ele está me deixando com tesão. Eu terei que usar o banheiro antes de tirar a calcinha para a depiladora desse jeito, preciso escapar.

Ahm, ok...
Preciso ir,

Não tenha vergonha de mim, tá? Nos vemos a noite. 🐱

Jesus, estou pecando!



Meu chefe acabou de mandar um *emoji* de capetinha seguido de um beijo! Não falei, Jesus! Pecado!

Mostro para Beatriz com um pedido de socorro estampado na minha cara, o *que eu faço?*

– Dá aqui logo essa merda – finalmente ela pega meu celular e responde com outro *emoji*. – Pronto. Ele vai estar entre suas pernas mais cedo ou mais tarde, já era amiga, você assinou, sabe... Não tem porque ficar aí toda tímida como uma beata.

Parecemos duas crianças uma tentando pegar o celular da outra no meio da sala de espera, até a funcionária requintada pigarrear nos chamando em seguida:

– Daniela? – Ela diz – Venha comigo, por gentileza.

Sigo a atendente guardando meu celular na bolsa e sentido as bochechas corarem.

– Vamos! – E vamos ficar literalmente pelada.

Eita, porra!

TRILOGIA: Minha Escolha



- [Livro I: Tudo em Preto](#)
- [Livro II: Branca como a Neve](#)
- [Livro III: Eu sou Vermelho](#)

Três amigas de infância, Vivian Delacour, Raquel Cannavale e Lizzie Romanets. Cada uma com sua personalidade forte, unidas pelo destino e uma paixão: Motos.

TUDO EM PRETO apresenta Vivian Delacour, nossa Black, líder dessa gangue feminina que sofreu traumas na infância e adolescência tornando-a quase indestrutível. Seu medo de infância acabou sendo seu escudo e a cor preta sua armadura. A história relata as idas e vindas de Vivian e Eric, com muita emoção, envolvendo desde tratativas de um contrato entre empresas a aventuras com suas amigas, com rachas ilegais, sequestros e inimigos mortais que incrementam toda a trama. Sem se esquecer do conteúdo adulto que torna o romance muito mais picante.

Em 'BRANCA COMO A NEVE' – Livro II, conheceremos Lizzie Romanets, nossa White. Ela é uma garota meiga e delicada, mas com um lado obscuro. Filha do chefe da máfia Russa nos EUA, Lizzie foio sequestrada aos sete anos, perdendo sua mãe no processo. Ali, no meio do caos, um garoto a ajudou, seu Anjo, e após ser resgata, ela nunca mais o viu, até o ensino médio. Mesmo com seus traumas, Lizzie torna-se amiga de Raquel e Vivian, e o trio Black, Red e White estava formado, cada uma com sua personalidade marcante. A história de Lizzie

retrata seu relacionamento conturbado com Dylan, e sua tentativa de reconquistá-lo após ter errado feio com a ajuda de suas amigas. E como não pode faltar nesta série, a aventura está garantida com a volta do passado de Lizie querendo vingança. E aí? Vamos conhecer nossa White?

EU SOU VERMELHO traz a história de Raquel Cannavale, nossa Red, que nos leva para um mundo country, cheio de emoções e claro que não poderia faltar uma dose de aventura. Ruiva por opção, e com seu temperamento explosivo, Raquel traz um tempero especial para o grupo de garotas. Ela é paixão no limite. Uma garota que nos surpreendeu com a magia em lidar com cavalos indomáveis. E na busca de recuperar um de seus animais, Raquel precisa mergulhar nos campeonatos de Provas de Três Tambores. Aqui, ela se vê cara a cara com o Campeão Mundial Bryan San Valentines e sua arrogância. Raquel precisará de todas as forças para não ceder ao charme deste cowboy. Para melhorar ainda mais, acontecimentos colocam a vida de Raquel em perigo, fazendo com que suas amigas, Vivian e Lizie, marquem presença em sua história. Vamos nos apaixonar por esta cowgirl em 'EU SOU VERMELHO' – Livro III.